

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

GUILHERME FENELON SANTOS DORINI

**FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UM
RADIODOCUMENTÁRIO SOBRE O ESPORTE**

BAURU
2017

GUILHERME FENELON SANTOS DORINI

**FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UM
RADIODOCUMENTÁRIO SOBRE O ESPORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof.^a M^a Daniela Pereira Bochembuzo.

BAURU

2017

Dorini, Guilherme Fenelon Santos

D697f

Futebol feminino no Brasil: um radiodocumentário sobre o esporte / Guilherme Fenelon Santos Dorini. -- 2017.
129f.

Orientadora: Prof.^a M.^a Daniela Pereira Bochembuzo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) -
Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Rádio. 2. Documentário. 3. Jornalismo esportivo. 4. Futebol.
5. Futebol Feminino. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.

GUILHERME FENELON SANTOS DORINI

**FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UM
RADIODOCUMENTÁRIO SOBRE O ESPORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof.^a M^a Daniela Pereira Bochembuzo.

Bauru, 13 de Novembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof.^a M^a Daniela Pereira Bochembuzo
Universidade do Sagrado Coração

Prof^o. Me. Lucas Silveira de Azevedo
Universidade do Sagrado Coração

Fernando de Moraes Franco Nunes
Jornalista Esportivo – Blog Canhota 10

Dedico este trabalho aos meus pais e irmã e todos que sempre me apoiaram, compartilharam da minha felicidade e me ajudaram a realizar este sonho que é o jornalismo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que sempre esteve presente nos momentos felizes e tristes da minha vida, nas escolhas, nos meus erros e acertos. Ele sempre me deu forças e fé para continuar nessa dificuldade que é de voltar a estudar de novo e voltar desde o começo.

Gostaria de agradecer meus pais, José e Renata, e minha irmã, Gabriela, que são o meu tripé. Sem um deles eu não seria o que sou hoje e teria caído e nunca me levantado. Agradeço por todo apoio e incentivo pela minha escolha de voltar atrás e realizar este sonho que é o jornalismo. Obrigado também, não só profissionalmente, mas pessoalmente, por todas as sugestões dadas e todos os toques que sempre me deram em cada momento da minha vida, alegres ou tristes. Agradeço a vocês por sempre estarem presentes na minha vida, com tanto amor e carinho que sempre foi dado.

Expresso também meu agradecimento a todos os meus amigos da graduação em jornalismo. Compartilhamos ideias, felicidades, conselhos e, acredito, que também pude ajudá-los a se desenvolverem como pessoas. Agradeço a toda ajuda e risadas, especialmente aos amigos Matheus Paiva, Tiago Moraes, Rodrigo Ramires, João Rafael, Guilherme Soares, Ronaldo Carvalho, Luiz Augusto, Juliana Neves e todos os outros que sempre estiveram comigo.

Por fim, agradeço à minha professora e orientadora que tive durante todo o curso e não somente nesse trabalho. Agradeço a Daniela Bochembuzo, que, desde a nossa primeira conversa, antes da primeira aula do primeiro ano na universidade, já me deu forças para continuar e seguir em frente no meu sonho. Muito obrigado por tudo e por sempre me fazer, a cada dia da faculdade, me apaixonar ainda mais pelo meio de comunicação rádio. Que essa relação de respeito e muito especial perdure, também, fora das salas de aulas e que esteja sempre presente. Muito obrigado, professora.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso contempla as bases bibliográficas das teorias de jornalismo, rádio, radiodocumentário e as tecnologias aplicadas ao meio radiofônico, além de entrevistas e pesquisa documental, a fim de produzir um radiodocumentário analítico sobre a história do futebol feminino do Brasil e os desafios enfrentados por suas atletas durante os 30 anos de atividade da modalidade no país. O objetivo é demonstrar a evolução do esporte e as perspectivas perante as atuais gerações de torcedores, patrocinadores, jogadoras, clubes e mídia esportiva, em meio ao preconceito, machismo e reduzido apoio quando comparado ao futebol masculino. O produto deste trabalho é um radiodocumentário com entrevistas de integrantes do meio esportivo, como diretores, jogadoras profissionais no Brasil e exterior, treinadoras, jornalistas e, ainda, pesquisadores, que contribui para a divulgação dessa modalidade ao passo que propõe uma reflexão sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Futebol; Futebol Feminino; Jornalismo Esportivo; Rádio.

ABSTRACT

This work ends the bibliographical bases of theories of journalism, radio, radio and television and the technologies applied to the radio medium, as well as interviews and documentary research, in order to produce an analytical radiodocumentary about the history of Brazilian women's football and the challenges faced by its athletes during the 30 years of activity of the modality in the country. The goal is to demonstrate the evolution of the sport and the prospects for the current generations of fans, sponsors, players, clubs and sports media, amid prejudice, machismo and reduced support when compared to men's football. The product of this work is a radio journal with interviews of members of the sports environment, such as directors, professional players in Brazil and abroad, coaches, journalists and also researchers, which contributes to the dissemination of this modality while proposing a reflection on the theme.

KEYWORDS: Documentary; Soccer; Women's Football; Sports Journalism; Radio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 PROBLEMA.....	15
1.2 HIPÓTESES.....	15
1.3 OBJETIVOS.....	16
1.4 JUSTIFICATIVA.....	16
1.5 METODOLOGIA.....	17
1.5.1 Pesquisa Bibliográfica e Documental	17
1.5.2 Entrevista Científica e Jornalística Aprofundada	17
2 JORNALISMO ESPORTIVO	19
3 RÁDIO	23
3.1 GÊNEROS RADIOFÔNICOS.....	26
3.2 RADIODOCUMENTÁRIO.....	28
4 DESENVOLVIMENTO	31
4.1 PRODUÇÃO DO RADIODOCUMENTÁRIO.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE A – FONTES E SUGESTÃO DE PERGUNTAS	43
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DOS ÁUDIOS DAS ENTREVISTAS	63
APÊNDICE C – ROTEIRO DO RADIODOCUMENTARIO	98
APÊNDICE D – LINK PARA O RADIODOCUMENTARIO	114
APÊNDICE E – AUTORIZAÇÕES DE USO DE VOZ E IMAGEM	115
ANEXO A – PROPOSIÇÕES PARA O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	123

1 INTRODUÇÃO

O primeiro registro do futebol feminino no mundo foi em 1898, em partida realizada entre a Inglaterra e a Escócia. Após alguns anos, no Brasil, o primeiro jogo foi entre as tremembeenses e as catarinenses em 1921. Já o primeiro time feminino de futebol do país foi o Araguari Atlético Clube, de Minas Gerais, que iniciou as suas atividades em dezembro de 1958.

A prática do futebol feminino sempre teve muitas dificuldades no Brasil, como falta de incentivo, preconceito, dentre outros, diferentemente da modalidade masculina. Existem várias questões que explicam o preconceito, entre eles os aspectos culturais são fundamentais para compreender a razão do reduzido número de escolas focadas no futebol feminino. Segundo Bruhns (2000), a história da modalidade feminina é inversa à do futebol masculino que nasceu entre as elites:

O grupo feminino sempre pertenceu às classes menos favorecidas, razão pela qual as atletas apresentarem comportamentos bastante parecidos com os de seus colegas homens, comportamentos repudiados pela elite, numa atitude de evitação, recebendo julgamentos como "fala de classe", "mau cheiro", "povo grosseiro" e outras denominações atribuídas àquela camada da população duplamente marginalizada: tanto do ponto de vista geográfico (pois geralmente essa camada social mora na periferia) quanto do ponto de vista social e político. (BRUHNS, 2000, p. 74).

As mulheres que decidem seguir essa carreira sofrem com a falta de incentivo e com o preconceito. A estrutura também não é das melhores quando comparada à do futebol masculino. Muitas jogadoras ganham menos de um salário mínimo em seus clubes e a maioria nem salário ou ajuda de custo recebem. Acrescido a isso, há falta de divulgação e patrocínio da modalidade.

Um fato que comprova essa barreira entre os gêneros é o Decreto-Lei número 3.199, de 1941, que ficou vigente até 1975, que proibia a prática de futebol para as mulheres. Já em 1964, o Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu o futebol feminino de ser praticado e essa decisão somente foi anulada em 1981, mas elas não poderiam se profissionalizar. (BRASIL, 1941).

É certo que a modalidade, que obteve liberação oficial no país em 1983, somente teve, no mesmo ano, o primeiro campeonato paraense de futebol feminino (DIAS, 1983). Foi quando as primeiras equipes do Paraná se inscreveram para o primeiro campeonato após chamadas na Rádio Cultura, através do programa "A Voz

do Amadorismo”. As inscrições foram efetivadas na redação do Jornal Folha de Curitiba, que noticiou: “Tudo pronto para a grande festa do Campeonato de Futebol Feminino”. Bem diferente do futebol masculino que chegou ao Brasil pelo paulistano Charles Miller, em 1894, quase cem anos antes.

A primeira partida foi realizada em São Paulo, no dia 14 de abril de 1895. As equipes participantes eram o São Paulo Railway e a Companhia de Gás e eram formadas por ingleses que viviam na capital. Com Charles Miller na escalação, considerado o pai do futebol brasileiro pois trouxe as primeiras bolas para o país no dia 9 de junho de 1894 e introduziu as regras da modalidade, a partida foi vencida pelo São Paulo Railway, pelo placar de 4 a 2.

No ano de 1901, foi criada a Liga Paulista de Futebol, que realizou posteriormente o primeiro Campeonato Paulista. O time era uma sensação e foi tricampeão paulista. Os clubes que surgiam estavam se organizando e, até 1919, quase todos os estados brasileiros já possuíam um campeonato regional e federações. Em 1914, foi criada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que administrava outros esportes além do futebol. Em 1979, foi criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), entidade que administra o futebol brasileiro atualmente, após a dissolução da CBD.

O futebol foi disputado pela primeira vez em Olimpíadas nos Jogos de Paris, em 1900. À época, o esporte ainda engatinhava e apenas três nações estiveram representadas na modalidade: Grã-Bretanha, França e Bélgica, 96 anos antes do futebol feminino ser incluído na lista dos esportes olímpicos. A modalidade já alcançou o quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta e Sidney e as atletas brasileiras foram medalhistas de prata nas Olimpíadas de Atenas e Pequim. Nos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro, elas conquistaram a medalha de ouro, sendo que já haviam conquistado o ouro na final do Pan de Santo Domingo, em 2003.

Nessa competição estava a atacante Cristiane Roseira, considerada uma das melhores do Brasil, que gostava de jogar futebol na rua desde criança. Com 15 anos foi convocada pela primeira vez para a seleção do nosso país e marcou o gol que garantiu a medalha nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, em 2003.

Em 2016, nas Olimpíadas do Rio, a seleção brasileira terminou em quarto lugar, depois de deixar as arenas lotadas e ter sempre a torcida apoiando todas as

jogadoras. O feito reflete o fato de que a modalidade já vem conquistando o seu espaço e prestígio, atraindo as meninas que desejam seguir a carreira no futebol.

Em matéria publicada no site da ESPN, no dia 13 de abril de 2016 (vide referências), a Federação Internacional de Futebol (FIFA) informava acreditar que, em 2019, em que será disputado o próximo Campeonato Mundial feminino, na França, "45 milhões de mulheres e meninas estejam envolvidas com o esporte". Os números foram expostos pela diretora de desenvolvimento do futebol feminino da entidade, Mayi Cruz Blanco. No mesmo material foi explicado que, no ano de 2016, um recorde de 130 associações se beneficiou dos programas de desenvolvimento do futebol feminino e 451 atividades foram organizadas exclusivamente para a modalidade ao redor do mundo.

Outros estímulos à modalidade feminina têm sido observados, como é o caso do novo estatuto e regulamento de licença de clubes da Confederação Sul-Americana de Futebol. Dentre elas, está a obrigação de ter uma equipe de futebol feminino. A Conmebol determinou prazo de dois anos para adaptação. Portanto, a medida será válida a partir de 2019. De acordo com o item D.04 (Regulamento de Licença de clubes da Confederação Sul-Americana de Futebol, 2016), que diz respeito a critérios desportivos, os clubes precisarão manter um elenco profissional de futebol feminino em atividade, disputando competições oficiais. Além disso, deverão manter ao menos uma categoria de atletas amadoras, com menos de 18 anos, dando às garotas a infraestrutura com campo para jogos e treinamento.

D. 04 equipe feminina. O requerente deve ter uma primeira equipe feminina ou associar-se a um clube que possui o mesmo. Além disso, você deve ter pelo menos uma categoria juvenil ou aderir a um clube que possa para o mesmo. Em ambos os casos, o requerente deve fornecer suporte técnico e todos os equipamentos e infraestruturas (campo de jogo para a disputa de partida e treinamento) necessários para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições apropriadas. Finalmente, ambas as equipes são obrigadas a participar em competições nacionais e/ou regionais autorizadas pela respectiva associação de membros (CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL, 2016, *tradução do autor*).

E, quando se trata de mídia, futebol é praticamente sinônimo de rádio, por conta de sua relação história com a modalidade. Sobre o rádio é possível afirmar que, de acordo com o último Censo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

(PNAD), realizado em 2015, aproximadamente 69,2% da população brasileira tem um aparelho de rádio em casa. Tal número já foi maior, mas é preciso levar em consideração a modernização e a convergência tecnológica, que permitem atualmente que celulares, computadores, *smartphones* e tocadores de MP3, que não entram nas estatísticas do IBGE (IBGE, 2015), recebam sinais de rádio por meio analógico ou por *streaming*.

Esse meio de comunicação possui uma importante função social Barbosa Filho (2003, p. 49) salienta que o rádio “[...] atua como agente de informação e formação do coletivo. [...] um serviço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação que em muito contribui para a história da humanidade”.

Além de poder ser uma companhia para o ouvinte, o rádio pode democratizar a informação e o conhecimento. César (2005, p. 65) infere que esse meio de comunicação “[...] pode contribuir para melhorar a cultura, a saúde e a educação no Brasil, dando uma chance para que as pessoas, mais bem informadas, consigam ter uma qualidade de vida melhor”.

O rádio é uma mídia em que predomina a oralidade e que, predominantemente, não tem o apoio da imagem para a interpretação. Desta forma, como avalia César (2005), tem uma série de características próprias para transformar palavras e ideias em imagens auditivas, conhecidas mentalmente pelo ouvinte. Por meio do emprego de técnicas específicas, é possível levar a pessoa a imaginar o sentido daquilo que se deseja. Para tanto, a linguagem radiofônica é estruturada com base em três elementos: a palavra, a voz e a sonoplastia (trilha e efeitos), como reflete Silva (1999). César (2005) assevera que esses elementos podem ser utilizados em qualquer produção de rádio, independentemente do formato, conteúdo ou duração. Contextualizando a palavra no rádio, o autor salienta que a voz é o elemento primordial na comunicação radiofônica. Por meio de suas “variações, nuances e tons”, é possível agregar sentido e entendimento ao texto. A linguagem clara, objetiva e coloquial nos diálogos e nas falas também é essencial nos textos de rádio, opina o pesquisador.

Citando um estudo desenvolvido por Eduardo Meditsch, professor da Universidade Federal de Santa Catarina e doutor em jornalismo, César destaca que o uso de uma linguagem exclusivamente sonora faz do rádio um veículo diferente de todos. O rádio é o único meio de comunicação de massa no qual não há a

necessidade de ser alfabetizado para que a troca de mensagens se complete (CÉSAR, 2005).

O rádio também é instantâneo, imediato, tem a capacidade de transmitir a informação em tempo real. Essa característica compromete especialmente a informação transmitida. Segundo Ferraretto (2006), “na teoria, a notícia radiofônica torna-se obsoleta simultaneamente a sua transmissão”. Segundo o autor, a linguagem radiofônica é composta por elementos distintos: voz humana aliada ao conteúdo/texto e entonação, música, efeitos sonoros e o silêncio.

Para César (2005), a utilização de músicas proporciona dinâmica e ritmo ao texto. Cada trilha deve ser escolhida de acordo com a estética que apresenta e a finalidade do formato no qual será inserida. Já os efeitos sonoros têm como uma das funções criar ambiência e delimitar os diálogos entre os locutores. Em outros casos, são utilizados para complementar e criar cenas na mente do ouvinte, já que o rádio em geral não tem o auxílio da imagem.

Sendo assim, a utilização de músicas e efeitos sonoros, bem como a narração do locutor, são essenciais para a construção deste cenário mental. O silêncio, por sua vez, é considerado elemento essencial da linguagem radiofônica. César (2005) destaca que, muitas vezes, a ausência de som “pode falar por si só” e é essencial para que o ouvinte crie sua imagem auditiva.

O rádio é um meio que possibilita a veiculação de inúmeros produtos, de pequenas notas e boletins a materiais mais elaborados, que exigem grande esforço com pesquisa, estruturação e edição, como reportagens, debates e o próprio radiodocumentário. Este último é um dos produtos radiofônicos dotados de grande complexidade. De acordo com José (2003), esse formato multiplica a documentação da notícia, pois, diferentemente do jornalismo corriqueiro, não resume o fato apenas ao lide, mas trabalha uma história do início ao fim, utilizando falas de personagens e fontes que confirmam a história narrada.

Segundo Ferraretto (2006), esse formato jornalístico aborda um determinado tema em profundidade, baseado em “(...) pesquisa de dados e arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio”.

McLeish (2001) destaca que o radiodocumentário deve apresentar uma estrutura bem definida, capaz de separar o fato da opinião, diferentemente do programa especial, que não tem essas restrições e mescla ficção com realidade. “O

especial não lida tanto com questões, mas com eventos, e em sua essência está a arte de contar história”. (MCLEISH, 2001, p. 197).

O autor salienta que, no radiodocumentário, as temáticas geralmente estão relacionadas a aspectos sociais, como as relações raciais, o desenvolvimento urbano, a poluição e o meio ambiente e a pesquisa médica, sendo o “ser humano” o ponto chave de qualquer produção.

Para McLeish (2001, p. 192), esse produto radiofônico não é apenas mais uma maneira de informar, mas também uma forma de promover reflexões e “(...) estimular novas ideias e interesses”, e é justamente isso que se procura mostrar com a produção do radiodocumentário sobre futebol feminino agora proposto neste projeto.

Avalia-se, preliminarmente, que o produto aqui proposto se relaciona com o objeto de estudo à medida que os dois trabalham com a questão da voz, da imaginação e da criação de uma imagem mental; a narração em áudio se torna os olhos daqueles que não podem ver o futebol feminino no Brasil. E, ainda, mostrará que a modalidade pode evoluir se o ser humano sensibilizar-se a respeito da modalidade e refletir a respeito do preconceito com o esporte.

1.1 PROBLEMA

Considerando que, diferentemente do futebol masculino, o futebol feminino não usufrui das mesmas condições de visibilidade e reconhecimento social devido a relações conflituosas de gênero, decorrentes da inserção da mulher no espaço esportivo, culturalmente considerado como masculino (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2003), questiona-se: Como o radiodocumentário pode contribuir para dar maior visibilidade para o futebol feminino no Brasil e sensibilizar os ouvintes deste meio de comunicação?

1.2 HIPÓTESES

Da questão norteadora, derivam as seguintes hipóteses:

- O produto deve incluir informações de que o futebol feminino é reconhecido por vários órgãos e relatar, por meio de depoimentos de atletas, a realidade da modalidade em outros países.

- A veiculação de histórias de preconceito sofridas por atletas e ex-jogadoras poderá motivar o ouvinte a deixar o preconceito de lado, ter mais interesse e sensibilizar-se a respeito desse esporte que vem crescendo cada vez mais no país.

1.3 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é documentar em rádio quais os desafios enfrentados pelas jogadoras do futebol feminino brasileiro no começo da modalidade em 1983 até os tempos atuais, mostrando o preconceito que ainda existe em torno do esporte e suas atletas e a falta de divulgação da mídia do Brasil, a partir de um radiodocumentário.

A partir do objetivo geral, derivam os específicos: 1) Praticar técnicas jornalísticas, como pesquisa, apuração por meio de entrevista, redação e edição, aplicadas à produção de radiodocumentário; 2) Sensibilizar o ouvinte a partir da história do futebol feminino nacional, mostrando as dificuldades que as jogadoras passaram e ainda passam até hoje para serem profissionais; 3) Indicar, por meio de depoimentos, que o futebol feminino precisa de maior visibilidade na mídia nacional, pois o seu consumo de informações está cada vez mais nichado (dilema?) e merece mais investimentos como em outros países; 4) Incentivar o público a saber mais sobre a modalidade, motivando-o a acompanhar os campeonatos de futebol feminino.

1.4 JUSTIFICATIVA

Este produto justifica-se pela necessidade de ampliar ainda mais a visibilidade do futebol feminino brasileiro por meio da documentação da história da modalidade sem qualquer distinção de gênero. Isto porque nem todos sabem que a história do futebol feminino começou muito depois do masculino e a modalidade sofre, por razões culturais e políticas, preconceito por parte de torcedores, diretores e, até mesmo, alguns jornalistas.

Questões sociais e econômicas e o pouco investimento na esfera feminina historicamente dificultaram o acesso da mulher ao esporte. Se não fosse a determinação das atletas e pessoas que querem ver a modalidade crescer no Brasil,

muito provavelmente as atletas não estariam inseridas no meio esportivo, inclusive no futebol.

Tal realidade criou uma situação em que tudo está inquieto, porque nada é impossível para as mulheres, que se agregam superando e reivindicando espaços, desenhando trajetórias e superando seus próprios limites. Um exemplo claro dessa situação está presente na luta de boxe, no judô, no futebol de campo, dentre outras atividades esportivas destinadas à sociedade de consumo (SIMÕES; CONCEIÇÃO; NERY, 2004, p. 77).

Com esse produto, acredita-se ser possível motivar a reflexão sobre o tema, contribuindo para o exercício do jornalismo esportivo no rádio. Sobre o meio, avalia-se que, por sua característica de difusão democrática e simplicidade de linguagem, o rádio pode auxiliar na sensibilização sobre o preconceito enfrentado pelas atletas no futebol, motivando mudança cultural.

1.5 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, é fundamental seguir um percurso metodológico, uma vez que todos os trabalhos acadêmicos requerem um conhecimento sobre livros, artigos, periódicos de modo impresso, eletrônico, dentre outros, sendo imprescindível um processo metodológico, certo caminho a seguir, como forma de ser racional e econômica para aquele que realiza a pesquisa (SOUZA, 2001, p.59).

Neste caso, o estudo contará com pesquisas bibliográficas e documentais, entrevista aprofundada com especialistas do tema, a fim de produzir um radiodocumentário com 20 a 30 minutos, contando com vinhetas de abertura e finalização, música e sonoras captadas a partir das entrevistas científicas e jornalísticas aprofundadas.

1.5.1 Pesquisa bibliográfica e documental

A pesquisa bibliográfica é a coleta de material de vários autores sobre o tema. Já a documental é utilizada com material mais diversificado, que pode ser coletado em órgãos públicos ou instituições privadas. Para Lakatos,

a pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada como o primeiro passo de toda pesquisa científica. (LAKATOS, 1992, p.44).

Este método resulta em bagagem teórica variada, ampliando os conhecimentos do pesquisador. A consulta consistiu em analisar o material recolhido para checar que informações poderiam embasar e responder as questões que seriam pesquisadas sobre o futebol feminino no Brasil.

1.5.2 Entrevista científica e jornalística aprofundada

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade para, nesse caso, se tratar de descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido.

No caso deste trabalho, envolveu a seleção de especialistas e profissionais dessa modalidade esportiva, entre jogadoras profissionais e ex-jogadoras, jornalistas renomados de rádio, televisão e outras mídias, além de pesquisadores do tema.

Para tanto, todas as entrevistas foram precedidas de assinatura de autorização de uso de voz ou imagem e elaboração de roteiro de questões, seguidas de coleta de áudios, transcrição e tratamento dos dados, para a redação do roteiro e edição.

Nos capítulos a seguir, são apresentados, por meio de tratamento monográfico, os dados coletados no percurso metodológico proposto.

2 JORNALISMO ESPORTIVO

Historicamente, segundo Muniz (1991), os jornalistas esportivos dividiam com a polícia o papel de 'iletrados' da redação, por conta da crença de que cobrir esportes era mais fácil se comparado a outros editoriais. Por essa razão, persiste, em algumas redações, a percepção de que o Jornalismo Esportivo é desprezado pelos próprios colegas por considerarem uma editoria menor que as outras, resultando em salário menor.

Os salários ainda são mais baixos e a editoria, nos grandes jornais, ainda é passagem para algumas pessoas. Ao mesmo tempo em que muita gente sai da faculdade querendo trabalhar com esportes - e isso é uma faca de dois gumes, porque você precisa estar preparado para ser jornalista de qualquer área - muita gente usa a editoria como porta de entrada e pensa em mudar de editoria quando precisa de salário um pouco maior. (COELHO, 2009).

Essa crítica reforça a ideia de que o esporte não é somente uma diversão, mas é produtor de benefícios em todos os aspectos, desde os culturais aos industriais, passando pelos políticos e econômicos. Para Yanez (1995), o entendimento sobre o esporte é a melhor arma para o profissional lutar pelo reconhecimento do seu trabalho. Somado a isso, o jornalista precisa mesmo saber do que está tratando, uma vez que é impossível ter conhecimento detalhado de grande parte dos esportes.

Segundo o autor, por conta disso a especialização é necessária, mesmo que em poucas modalidades. É muito melhor conhecer à perfeição de três ou quatro esportes que ter um conhecimento incompleto sobre todos eles. Yanez completa que, apesar de especializar-se em poucos esportes, a fim de falar, escrever, apresentar, enfim, de uma forma mais completa, com melhor qualidade, o jornalista também deve estar preparado para, se necessário, tratar sobre diferentes modalidades. Esse olhar é complementado por outros autores:

Isso não quer dizer que não se possa se especializar neste ou naquele esporte e conhecê-lo a fundo, o que, aliás, é desejável. Isso não livra ninguém de ter um conhecimento geral dos esportes mais populares. Os que não são conhecidos merecem ser estudados. (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p. 34).

A complexidade da linguagem esportiva tem que ser dominada pelo profissional. Pois, devido à sua popularidade, algumas expressões são usadas no dia a dia, como, por exemplo, “fui colocado para escanteio”, quando se quer dizer que se foi deixado de lado. Algumas, entretanto, continuam específicas da modalidade.

No futebol, por exemplo, deve-se saber o que são as *luvas* (valor que o clube paga a um novo jogador com a finalidade de atraí-lo) e o que seria a *janela* (período do ano em que os clubes de futebol podem transferir jogadores de outros países para sua equipe). Esses somente são alguns exemplos. Existem também a simbólica e a audiovisual, as quais o jornalista deve saber interpretar.

Desta maneira chegamos ao nosso propósito de definir o jornalismo esportivo como um gênero superespecializado em razão da complexidade existente no tema que trata de refletir nos Instrumentos de Comunicação Coletiva, como fim de atender a uma demanda exigida por uma massa (ALCOBA, 1980, p. 210).

Ou seja, o jornalista esportivo escreve sobre esportes e sobre outros assuntos muito bem, enquanto os demais jornalistas sofrem para escrever sobre o mundo esportivo. Além disso, Alcoba (1980) destaca alguns pontos para elaborar uma informação bem documentada. O primeiro deles são as instalações. Cada estádio apresenta suas qualidades, suas inovações, e o jornalista tem de estar atento a isso. O próximo ponto é o material utilizado pelos atletas. Inovações tecnológicas modificam o rendimento do profissional como, por exemplo, a chuteira de cada jogador.

O Regulamento e o Programa formam o terceiro ponto destacado por Alcoba (1980). Não se pode acompanhar um campeonato se não se conhece as regras e suas mudanças, é preciso ficar atento para não passar informações erradas sobre o tema.

Outro ponto importante são os técnicos. São eles que mais sabem sobre os atletas, afinal, sempre estão ali, no dia a dia dos treinamentos. Precisam também ficar atentos aos principais adversários e como poderá vencê-los.

Os protagonistas do espetáculo esportivo são os próprios atletas. Então, é essencial saber o máximo possível sobre a sua trajetória. A sua história, seu

desempenho esportivo, resultados anteriores, dentre outros elementos, que auxiliam no relato jornalístico.

Confronto de dados e rankings é um ponto a ser tratado com muito afinco pelo jornalista, pois são esses dados, na visão de Alcoba, que trarão os destaques e serão revelados durante o jogo, proporcionando a interpretação da informação.

Têm-se, também, os aspectos históricos, ou seja, as edições anteriores da competição, os destaques já registrados anteriormente, as marcas e os recordes que podem ser batidos. Dados que, enfim, deixam o espectador novato entendendo o básico e os que já acompanham novamente informados.

Os históricos, o acompanhamento dos atletas, as conversas com os treinadores, os regulamentos e os prognósticos, ou seja, a análise probabilística de quem vencerá ou não e por que a partida, ajudam a atrair e motivar o espectador a acompanhar a notícia esportiva, segundo Alcoba (1980).

Esses pontos, apresentados por ele, são de onde nascem as notícias e, considerados as principais fontes de informação esportiva. Por isso é necessário conhecer as fontes, saber com quem falar e quem irá dizer a verdade. O trabalho jornalístico depende da credibilidade transmitida ao público.

Para o autor, essas fontes podem ser divididas em primárias - esportista, clube, técnico, dirigentes, empregados, organismos e entidades e federações - e secundárias - comercial, publicitária e órgãos políticos. Os esportistas são as principais fontes, pois são eles que vivem o dia a dia da modalidade.

O relacionamento com as fontes deve ser pautado pela ética, ou seja, não pode haver uma amizade que proíba a publicação de informações negativas a respeito de tal atleta ou inimizade, que o atleta se negue a dar informações. O clube corresponde ao atleta quando o personagem é ele, como um time de futebol. A mesma relação que se tem com o esportista se deve ter com o clube, com os treinadores e dirigentes, recomenda o autor.

Ainda segundo Alcoba (2005, p. 86), são os empregados que mais sabem dos acontecimentos dos esportes que, por muitos, são considerados secundários. Isto porque eles são os “cuidadores” das instalações, casos de jardineiros, funcionários da limpeza dos banheiros, entre outros, devem ser fontes preciosas.

Antes de publicar, também é interessante o jornalista seguir cinco passos que, de acordo com Orive e Fagoaga, são os que podem ser usados para veicular uma boa informação (ORIVE; FAGOAGA apud ALCOBA, 1980, p. 215).

O primeiro passo é a pesquisa no arquivo; preparação do jornalismo: informar-se a respeito do que já aconteceu, o que já foi publicado sobre o assunto a ser tratado. O segundo é analisar os dados localizados e, a partir daí, tomar uma posição, saber o que deseja se buscar. O terceiro é confirmar a veracidade dos dados.

Após esses passos, o profissional deve escolher, dentro do que foi encontrado no histórico, o que é realidade, aquilo que condiz com a posição adotada. E o último passo é, depois de pesquisar, analisar, confirmar, escrever, montar uma matéria de qualidade, conforme o público exige.

Quando o jornalista divulga, ele está colocando a ponderação de milhões de pessoas, sendo que a grande maioria não entende da maior parte de sua exposição esportiva. E essa é a grande missão que exige uma preparação e uma especialização do profissional.

Mas, para transmitir o desenvolvimento e o resultado de uma atividade física estão os meios de comunicação, através de seus especialistas: os jornalistas esportivos, quem devem estar conscientes que os meios constituem uma escola paralela que não só transmite uma atividade e um resultado, mas sim, ao mesmo tempo ensina. (CASTRO,1995. p. 56).

Através de suas crônicas, seus comentários e notícias, Castro entende que o comunicador torna-se também um educador, pois através do seu trabalho o público toma conhecimento da situação real, ou deformada, do mundo esportivo. Portanto, o jornalista pode ser um bom ou mau educador, visto que ele irá realizar boas notícias ou más, conforme o interesse.

3 O RÁDIO

O sistema radiofônico é composto não apenas pelos elementos da linguagem, como palavra, música, efeitos sonoros e silêncio, mas também pelo ouvinte e pela tecnologia (BALSEBRE, 2005).

A comunicação radiofônica será mais completa e eficaz, de acordo com o autor, dependendo da proximidade sociocultural dos códigos do emissor e do receptor. Segundo Ortiz e Marchamalo (2005, p. 15), a audiência no rádio é o grande condicionador da mensagem, sendo ela o conjunto das pessoas que sintonizam determinado programa de rádio atualmente, não necessariamente em dia e hora determinados. Conforme os autores, o comunicador cria e elabora suas mensagens com o pensamento no perfil do público “mais ou menos definido” (ORTIZ; MARCHAMALO, 2005, p.19).

Sob a perspectiva processual, Balsebre (2005, p. 327) diz que “o rádio é um meio de comunicação, difusão e expressão que tem duas metas importantes: a reconstrução e a recriação do mundo real e a criação de um mundo imaginário e fantástico”. Ele afirma ainda que:

Existe linguagem quando se tem um conjunto sistemático de signos que permite certo tipo de comunicação. A função comunicativa da linguagem tem aspecto duplo: o código, repertório de possibilidades para produzir enunciados significantes e a mensagem, variações particulares sobre a base do código. (BALSEBRE, 2005, p.327).

Hye (2004) afirma, ainda, sobre o discurso radiofônico que:

O rádio constrói imagens acústicas a partir de signos orais, verbais, musicais, sonoro e silêncio. Esses elementos possibilitam que as imagens adquiram uma forma determinada para transmitir conteúdos de variada espécie. (HYE, 2004, p. 347).

Tudo que é verbal e não verbal, de acordo com uma visão semiótica, faz parte do discurso. Simples ações do dia a dia constituem-se como discurso. (HYE, 2004).

Elementos linguísticos ou sons fonéticos objetivamente organizados (as palavras), sons objetivos periodicamente organizados (música), sons do entorno específicos de objetos e acontecimentos (efeitos sonoros), e lapsos sem sinais

vibratórios, fragmentos temporais insonoros que possuem valor em si mesmo como elementos ativos de uma sequência temporal de significativo (silêncio) auxiliam na geração de sentido. (HYE, 2004, p.350).

A palavra é indispensável. E assim não se deve identificar a linguagem radiofônica como unicamente verbal, também não se deve crer que a criatividade expressiva do veículo se dá exclusivamente pela música ou pelos efeitos sonoros. Não há dúvida que a linguagem radiofônica é uma linguagem artificial, e que a palavra radiofônica, mesmo quando transmite a linguagem natural da comunicação interpessoal, palavra imaginada, fonte evocadora de uma experiência sensorial mais complexa. (BALSEBRE, 1994, p.330).

Hye lembra que o uso exagerado de palavras pode comprometer a comunicação e incomodar o ouvinte, assim como o demasiado uso de verbos resulta no empobrecimento da mensagem.

A utilização da música e dos efeitos sonoros na produção de enunciados significantes, como signos substitutivos de uma determinada ideia expressa ou narrativa, pode superar muitas vezes o próprio sentido simbólico e conotativo da palavra. (BALSEBRE, 2005, p.329).

O simbolismo de uma música descritiva que estimula a produção imaginativo-visual de paisagens ou situações de tensão dramática, ou ainda de cores claras ou escuras, adquire um significado no rádio de uma força expressiva transcendental. Esses recursos fundamentam o sentido simbólico, estético e conotativo da linguagem radiofônica. (BALSEBRE, 1994).

A análise da música exige uma discriminação de suas possíveis utilizações. A mais frequente é a inclusão de temas musicais completos, destinados a atender os gostos da audiência e/ ou promover autores e intérpretes. (HYE, 2004, p. 351).

Sobre efeitos sonoros no rádio, Balsebre afirma que:

Durante um tempo os efeitos eram considerados apenas como “som ambiente”, fator de verossimilhança e ambientação objetiva, com um significado denotativo de produzir a “visualização” de passagens

sonoras [...]. É preciso diferenciar sua diversidade significativa a partir da divisão entre “ambiente” (ruídos, por exemplo, de fábrica, trem) e “atmosfera” (sugere a tonalidade psicológica, por exemplo, de mistério, alegria, tristeza, etc).(BALSEBRE, 2005, p. 333).

E, sobre o silêncio, ele diz:

O silêncio também delimita núcleos narrativos e constrói um movimento afetivo [...]. O silêncio é ainda um elemento distanciador que proporciona a reflexão e contribui para o ouvinte adotar uma atitude ativa em sua interpretação da mensagem. Mas não se deve esquecer que se a atenção cessa depois de 6 a 10 segundos de duração constante de uma mesma forma sonora, sucede o mesmo quando se trata de uma forma não sonora. (BALSEBRE, 2005, p. 334).

Esses elementos sonoros auxiliam na caracterização do meio rádio, que, como lembra McLeish (2001), é um meio “cego”, que estimula a imaginação a ponto de o ouvinte tentar visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz.

De acordo com ele, ao contrário da televisão, que as imagens são limitadas, no rádio elas são do tamanho que o espectador quiser. Assim, para o escritor de peças radiofônicas, é fácil nos envolver numa batalha entres duendes e gigantes, ou fazer a nossa espaçonave pousar num estranho e distante planeta. (MCLEISH, 2001, p.15).

O rádio desperta a sensibilidade do ouvinte, fazendo com que ele exercite a imaginação. A simples maneira de interpretar um texto ou a construção de uma ideia pode emocionar o ouvinte. Como, ainda, diz Cesar (2005, p 164): “cada um imagina como quiser, essa é a grande riqueza do rádio”.

É por essa razão que, para Ortiz (2005), o rádio é um meio caloroso, pois requer sempre a participação do ouvinte. Este deverá utilizar a sua imaginação para criar as imagens dos sinais enviados a eles. Segundo McLeish, abrangem lares, vilas, cidades e países que estejam ao alcance do transmissor, mas que, atualmente, essa abrangência é ilimitada com a internet.

Tal abrangência demonstra que o rádio é um meio bastante flexível e funciona melhor em situações ao vivo, diferentes das demais mídias. Não é necessário processar o filme e nem esperar que o material seja impresso, diz. Sua capacidade

de deslocamento e a velocidade da transmissão das informações, segundo os autores consultados, é que geram o entusiasmo do rádio.

Para o radialista, a relativa simplicidade do rádio significa flexibilidade na programação. Matérias inseridas em programas, ou mesmo o programa todo, podem ser eliminadas e substituídas, quase que de modo imperceptível, por algo mais urgente. (MCLEISH, 2001, p 17).

Acrescenta-se a essa vigência o fato de que o rádio é um meio de comunicação barato se comparado a outros. As estações de rádio são financiadas de diversas maneiras, incluindo a licença pública, publicidade e subsídio do governo, isto o torna barato para quem o ouve e muito mais acessível que livros, especialmente para os ouvintes analfabetos, cegos e qualquer um que não tenha acesso à leitura. (MCLEISH, 2001).

Por outro lado, a urgência acentua a natureza passageira do rádio. A respeito disso, o autor assegura:

A natureza transitória do rádio também significa que o ouvinte deve não só ouvir o programa na hora da transmissão, mas também entendê-lo. O impacto e a inteligibilidade da palavra falada devem ocorrer no momento em que é ouvida, raramente há uma segunda chance. O produtor deve, portanto, esforçar-se pelo máximo de lógica e ordem na apresentação de suas ideias. (MCLEISH, 2001, p 18).

Esse reforço deve envolver uma padronização do discurso, de onde se deriva a reflexão para gêneros radiofônicos, item abordado a seguir.

3.1 GÊNEROS RADIOFÔNICOS

Para começar a fazer um produto de rádio, é necessário conhecimento prévio das possibilidades que são oferecidas pelo meio, seja em relação aos gêneros, formatos ou aos tipos de programas.

Segundo Barbosa Filho (2003), os gêneros são tratados como forma dinâmica de expressão da realidade de modelos radiofônicos. Ele lembra que pesquisadores e profissionais não usam de conceitos formais para chegar ao seu significado e diz

que a maioria dos autores que estudam as características do rádio tem como única preocupação o gênero jornalístico.

Barbosa Filho (2003) ainda diz que o gênero jornalístico faz parte das colunas de sustentação do rádio. Segundo ele, os radiojornais, os boletins, as entrevistas, as reportagens, os esportivos, os documentários etc., mostram como o rádio e o jornalismo estão interligados. A despeito disso, para o autor, o entretenimento é o maior responsável pela audiência de um público de menor formação escolar, pois em seu mecanismo são utilizadas as palavras, a música, os efeitos sonoros, ruídos e, até mesmo, o silêncio para cumprir com eficiência o seu objetivo.

De acordo com ele (2003, p.87), “existe um universo de possibilidades, algumas já aplicadas no passado e esquecidas no presente; outras a serem analisadas e muitas a serem criadas”.

Para Barbosa Filho (2009), faz-se relevante, principalmente, a distinção entre gênero radiofônico e formato radiofônico para que sejam compreendidos e classificados de forma adequada. Nessa perspectiva, esse autor afirma que:

Importante esclarecimento deve ser realizado sobre este trânsito conceitual, tendo em vista a demarcação de fronteiras entre gênero radiofônico e formato radiofônico e suas devidas posições no universo da programação sonora, incluindo-se o de programa de rádio, produto radiofônico e programação radiofônica. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 71).

Dentre os formatos apresentados pelo autor, como o informativo, criação, entretenimento e também está o documentário. É por meio dele que se realizam os objetivos desse trabalho. A importância do documentário como registro jornalístico é exposto no trabalho de Carmen Lúcia José (2003), apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação:

O documentário, como gênero que complexificou a reportagem, dota do fato de generalidade, transformando-o em tema; a documentação da notícia é multiplicada, porque não se reduz aos componentes do lead, e cada documentação pode se tornar um aspecto do tema; portanto, são vários recortes tratados para compor uma generalidade sobre o tema. [...] Assim, no documentário, os vários aspectos podem ou não ser fragmentos da realidade, mas não precisam aparecer como tal; são apresentados como constatações devidamente sustentadas por seus argumentos ou pela força afetiva do relato. (JOSÉ, 2003, p. 7).

O radiodocumentário torna possível a utilização de reportagens ampliadas sobre assuntos cotidianos, o desenvolvimento do senso crítico e o aguçar imaginário do ouvinte (MCLEISH, 2001). Há uma liberdade maior de produção no documentário, especialmente na quantidade de sonoras, este podendo até suspender por muito tempo a locução em *off*. É um espaço para deixar valer a participação do receptor, transformando-o em emissor. (JOSÉ, 2003, p. 7).

No documentário, as perguntas do lead podem ser respondidas, mas pode haver uma pluralidade maior. "São envolvidos vários personagens, com várias respostas e pontos de vista, constituindo um mosaico de opiniões e fatos". (JOSÉ, 2003, p. 8).

Como esclarece Ortiz e Marchamalo (2005), a compreensão das mensagens acontece na mente do receptor, em função da voz do emissor.

Por meio da voz, o comunicador transmite não só informação – fatos concretos –, mas também sua personalidade, sua avaliação dos acontecimentos ou sua visão da realidade. Equivale a dizer que a vocalização, entonação, ritmo, ou atitude são elementos que conferem subjetividade à mensagem radiofônica. (ORTIZ; MARCHAMALO, 2005, p. 23).

Labaki e Mourão dizem que no documentário é possível fazer melhores testes, por ter uma maior liberdade de produção.

Como gênero, o documentário tem desenvolvido a noção de ensaio com as características que lhe são peculiares: a liberdade de expressão, a possibilidade de experimentação, o desenvolvimento do espaço subjetivo, a montagem como agenciadora de uma desordem. (LABAKI; MOURÃO apud JOSÉ, 2003, p. 10).

Esse gênero ainda precisa ser muito explorado como referência radiofônica de documentação, pois abre espaço para um maior aperfeiçoamento das técnicas usadas atualmente. Devido a seu tempo de produção e sua dedicação em se aprofundar mais em um tema, configura-se em uma das maiores características atuais do rádio, o improvisado (JOSÉ, 2003, p. 13).

3.2 RADIODOCUMENTÁRIO

O rádio é um meio que possibilita a veiculação de inúmeros produtos, de pequenas notas e boletins a materiais mais elaborados, que exigem grande esforço com pesquisa, estruturação e edição, como reportagens, debates e o próprio radiodocumentário. Este último é um dos produtos radiofônicos dotados de grande complexidade.

De acordo com Carmem Lúcia José (2003), o gênero multiplica a documentação da notícia, pois, diferentemente do jornalismo comum que se resume a lide, trabalha uma história do início ao fim, utilizando falas de personagens e fontes que confirmam a história narrada.

[...] cada documentação pode se tornar um aspecto do tema; portanto, são vários recortes tratados para compor uma generalidade sobre o tema. Cada aspecto não é simplesmente apresentado como parte de um relato que deve corresponder ao fato, torná-lo verossímil; cada aspecto deve ser tratado como constituinte da generalidade, ou seja, ser a confirmação ou a negação validada pela construção do discurso. Assim, no documentário, os vários aspectos podem ou não ser fragmentos da realidade, mas não precisam aparecer como tal; são apresentados, isto sim, como constatações devidamente sustentada por seus argumentos ou pela força afetiva do relato. (JOSÉ, 2003, p. 6-7).

O radiodocumentário jornalístico é um tipo de produto radiofônico pouco comum no Brasil. Segundo Ferraretto (2001, p. 57), este gênero jornalístico aborda um determinado tema em profundidade, baseado em “[...] pesquisa de dados e arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio”.

Já Barbosa Filho (2003, p. 102) define o radiodocumentário como um meio de “[...] investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não artística” e explicita que esse produto é resultado de um trabalho de montagem do áudio capturado, que inclui depoimentos gravados com as fontes e *offs* produzidos e gravados pelos repórteres, além de trilhas ambientes do material.

Segundo McLeish (2001), um radiodocumentário pode utilizar ou não um narrador em sua estrutura. O autor salienta que o programa pode fluir a partir das

falas sequenciais dos entrevistados, que vão contando uma história e conduzindo a narrativa que permite que ela seja contada em um curto período de tempo. Mas, alerta para o perigo de tornar o material cortado ou frio, destacando que a tarefa do narrador deve ser de “vincular e não interromper”.

Nesse sentido, uma sonora pode ser acrescentada não para repetir o que o repórter disse, mas para acrescentar uma nova informação.

A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas ideias e interesses. (MCLEISH, 2001, p.91).

O modelo, no entanto, se trabalhado de maneira dinâmica, pode resultar em um trabalho interessante, reflexivo e esclarecedor, pois apresenta fatos que devem ser baseados em evidências documentadas, como entrevistas, registros e fontes que podem ser citadas e que ajudam a construir determinada história.

Para que os dados coletados não se percam em meio ao produto jornalístico e gerem sentido ao ouvinte, McLeish (2001) destaca que o radiodocumentário deve apresentar uma estrutura bem definida, capaz de separar o fato da opinião, diferentemente do programa especial, que não tem essas restrições e mescla ficção com realidade. “O especial não lida tanto com questões, mas com eventos, e em sua essência está a arte de contar história” (MCLEISH, 2001, p. 197).

O radiodocumentário nem sempre será baseado em assuntos factuais e, muitas vezes, é necessário e desejável produzir programas que fujam do factual, mas que sejam “baseados em fatos”, ou seja, aquilo que está no campo da realidade (MCLEISH, 2001).

O autor salienta, ainda, que, nesse tipo de programa, as temáticas geralmente estão relacionadas a aspectos sociais como as relações raciais, o desenvolvimento urbano, a poluição e o meio ambiente e a pesquisa médica, sendo o “ser humano” o ponto chave de qualquer produção. Mesmo não tratando sobre temas essencialmente factuais, o documentário radiofônico deve trazer o assunto ao presente e mostrar para o ouvinte a relevância que o tema tem para a sociedade.

Carmem Lúcia José (2003, p. 3) ressalta, no artigo “História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências”, que no radiodocumentário o

fundamental é presentificar cada aspecto como parte do tema e a importância de cada aspecto é confirmada pelo verbo no presente do indicativo, que atualiza sempre o assunto pela fluidez temporal permitida pela memória no aqui e agora.

Para McLeish (2001, p. 192), esse produto radiofônico não é apenas mais uma maneira de informar, mas também uma forma de reflexão e “[...] estimular novas ideias e interesses”, e é justamente isso que se procura mostrar com a produção deste radiodocumentário proposto neste projeto. Quanto à duração, salienta-se que, no geral, documentários radiofônicos têm duração de 30 minutos a uma hora, dependendo da quantidade de material coletada pelo produtor, e tem a necessidade de tornar o tema interessante e dinâmico, pois envolve um grande número de pessoas e vozes, trabalha o tema com maior amplitude e tende a dinamizar o assunto.

4 DESENVOLVIMENTO

Para a execução de um produto jornalístico, o que inclui o radiodocumentário, faz-se fundamental a pauta jornalística, que sempre apresentará as informações básicas para a execução da matéria. No caso do rádio, deve conter o cabeçalho com o nome do redator da pauta, a data e a retranca, ou seja, as palavras-chave do tema proposto.

De acordo com o livro "A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística", de Nilson Lage, a denominação pauta se aplica a dois fatores distintos.

a) ao planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editorias de cidade, política, economia etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc; b) a cada um dos itens desse planejamento, quando atribuído a um repórter. Ele dirá 'a minha pauta', quer que a tenha recebido como tarefa, quer a tenha proposto (o que é comum, particularmente com freelancers). (LAGE, 2009, p. 34).

Independentemente do fato, a pauta deve conter os principais assuntos a serem abordados na reportagem. É importante que o conteúdo seja curto e apenas informativo.

Para Lage (2009), as pautas de notícias devem conter ainda "o evento, as exigências para a cobertura (credenciais, traje etc.) e contatos para confirmação ou detalhamento da tarefa". Além disso, deverão trazer:

[...] que se espera em termos de aproveitamento editorial (tamanho, duração, previsão de destaque ou urgência) e, no caso das redes de rádio e televisão, a possibilidade de emissão local, regional ou nacional: a localização dos eventos e até a identificação de algumas pessoas é feita diferentemente se a matéria é dirigida ao público de uma cidade ou se destina a um estado inteiro ou a todo país. (LAGE, 2009, p. 40).

Lage acrescenta que, se for o caso, deverá incluir "o alinhamento editorial, com dados sobre o contexto" e "a indicação de fontes subsidiárias, consultores etc".

É preciso conter possíveis perguntas e que tipo de informação necessária. Neste momento o enfoque também é definido. Assim, será indicado ao repórter qual será o direcionamento a ser feito nas entrevistas. Poderá ser escrita em uma linguagem coloquial, pois é somente uma diretriz para o jornalista.

As pautas do produto deste trabalho foram executadas de forma para colocar o posicionamento referido, ou seja, para ter um posicionamento que foi escolhido para o radiodocumentário, as sugestões de entrevistados.

As execuções das pautas do produto foram feitas para cada personagem envolvido, ou seja, para cada uma das jogadoras de futebol, para a treinadora da seleção brasileira de futebol feminino, jornalistas do meio, dirigentes, coordenadores e especialistas que sabem diferenciar o jogo dos homens com o das mulheres, sendo compostas por perfil do entrevistado, seguido de sugestões de perguntas a serem executadas durante a entrevista (vide Apêndice A).

Considera-se que as fontes jornalísticas listadas na pauta são pessoas com quem o repórter poderá consultar, coletar o áudio e utilizar para dar credibilidade à matéria. A escolha vai de acordo com a ligação do personagem determinado e o tema do assunto a ser abordado.

Conforme bem lembrado por Aldo Antonio Schmitz (2011) em seu e-book "Fontes de Notícias - Ações e Estratégias das Fontes do Jornalismo", "já que as notícias resultam de processos complexos da interação, mas há limites na sua produção, cada vez mais as fontes fornecem conteúdos prontos para as reportagens".

Para o autor, "o jornalismo torna-se apenas o mediador entre quem produz a notícia e o público, devido aos custos para obter a informação, ao enxugamento das redações".

Uma das fontes pode ser acessada via assessoria de imprensa, segundo Duarte (2010, p. 311). Esta "apresenta a informação de maneira embalada (...) ou pelo menos, para facilitar o trabalho da redação", pois sabe que o jornalista, na maioria das vezes, trabalha com pressão e sempre vai considerar os elementos facilitadores da produção.

No tempo do ciberespaço, algumas dessas rotinas foram modificadas ou até mesmo adequadas (MACHADO, 2002). Para facilitar ainda mais, as fontes também podem ser acessadas via e-mail ou redes sociais. Foi como, por exemplo, este autor obteve a entrevista com a jogadora Cristiane Roseira e a treinadora da seleção

brasileira feminina, Emily Lima, através de seu irmão Weber Lima, que também é seu assessor, por meio do 'Instagram'.

Através do aplicativo telefônico 'Whatsapp' foi recebida a maioria dos áudios das entrevistas, enviadas pelos assessores de imprensa e pelas próprias fontes, como o caso das jogadoras Beatriz Zaneratto, Rosana Augusto, da ex-atleta e comentarista Juliana Cabral, da professora e especialista Silvana Goellner, da jornalista Roberta Cardoso e do coordenador da Associação de Treinadores do Futebol Argentino (ATFA) Leonardo Jorge Samaja Alvarez.

Estrategicamente, a fonte apresenta seus conteúdos seguindo os processos jornalísticos, com uso de verbo de ação; lide com a essência da notícia; e alguns 'ganchos' que estimulam a leitura.

Na ação pessoal dos jornalistas, as notícias dependem do que as fontes dizem e referem-se notadamente ao processo do *gatekeeper*, isto é, ao jornalista que tem o poder de selecionar as notícias, hipótese apresentada por David White, em 1950.

De acordo com Aldo Antonio Schmitz (2011), "as fontes, por interesse próprio, tratam de informar a sociedade sobre as suas ações ou impedir que se espalhe uma versão inconveniente".

Lage (2001, p. 62-68) descreve a natureza das fontes como sendo mais ou menos confiáveis, pessoais, institucionais ou documentais. As fontes oficiais são classificadas como instituições que preservam algum poder de Estado; as oficiosas sendo as que não estão autorizadas a falar em nome de uma organização ou personalidade e as independentes, que são as organizações não governamentais.

O autor ainda aponta as fontes primárias e secundárias na perspectiva da sua relação direta e indireta com os fatos, respectivamente. Ele também as tipifica como testemunhas, que presenciam os fatos, e experts, como sendo os especialistas no assunto e que interpretam os eventos.

Deve-se aplicar à seleção de conteúdo emitido pelas fontes, além da adequação à pauta, critérios para selecionar o que pode ou não ser notícia, onde, em que espaço, o enfoque e a oportunidade de uso das informações são listados, como lista Jorge Duarte (2010): a) "credibilidade", se conhece e confia na fonte; b) "interesse público", se a notícia cativa o público; c) "ser novidade", se o assunto ainda não foi suficientemente abordado pela imprensa; d) "disponibilidade", se há informação suficiente sobre o tema, fontes disponíveis e acessíveis; e)

“exclusividade”, se a notícia está sendo oferecida a um determinado jornalista ou veículo; f) “adequação”, se há enquadramentos nos temas de interesse e critérios de seleção de notícia daquele meio de comunicação ou seção.

A partir dos parâmetros estipulados para a seleção de fontes, foram previamente selecionadas onze fontes, entre jogadoras de futebol, ex-jogadoras, técnicos (as), dirigentes, pesquisadores e jornalistas esportivos.

Desse total consultado, nove resultaram em entrevistas, após contatos realizados via assessoria de imprensa e com as próprias fontes.

Avaliando o perfil dos personagens consultados, constata-se que onze são fontes primárias, sendo sete testemunhais e quatro experts, resultando em 1 hora, 37 minutos e 15 segundos de gravação, transcritas no Apêndice B.

Isso demonstra a pluralidade de vozes necessária para a execução de um produto de longa duração e de extensões quantitativa e qualitativa. O item seguinte descreve o processo de planejamento do radiodocumentário oriundo deste trabalho de conclusão de curso, bem como a organização do material coletado.

4.1 PRODUÇÃO

Esse radiodocumentário tem como objetivo mostrar e informar a história do Futebol Feminino no Brasil, um esporte que é a paixão nacional entre os homens, mas que há tempos vem sendo admirado, também, pelas mulheres. A complexidade do tema e a pluralidade de fontes que suscita indicam ser o radiodocumentário o formato mais adequado à sua abordagem, conforme o conceito de Robert McLeish (2001):

Um documentário apresenta somente fatos, baseados em evidência documentada - registros escritos, fontes que podem ser citadas, entrevistas atuais e coisas do gênero. O objetivo fundamental é informar, mostrar uma história ou situação sempre se baseando na reportagem honesta e equilibrada. (MCLEISH, 2001, p. 191).

Apesar dos baixos custos, a construção de um trabalho como este exigiu muita pesquisa e disciplina para chegar ao objetivo final, que é o de produzir um material aceitável e capaz de contribuir de forma direta com o tema trabalhado e tornar o tema mais interessante e vivo, conforme acrescenta McLeish.

A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas ideias e interesses. (MCLEISH, 2001, p. 192).

Depois de todo o planejamento e pesquisa prévia desse radiodocumentário, como a duração do programa, as trilhas sonoras, as fontes, o conteúdo e os pontos principais, estruturou-se todo o produto utilizando um narrador e algumas fontes do meio esportivo.

Ressalta-se que não há uma técnica única e infalível de planejamento, mas é fundamental fazer uma boa pesquisa sobre o tema e anotar os tópicos que devem entrar no documentário. Com base no roteiro, é que se decide quais técnicas usar para contar a história.

Na construção do roteiro foram utilizados principalmente conceito e linguagem adotados por Luiz Arthur Ferraretto (2001), que diz que o roteiro é um norte.

O roteiro deve ser compreendido como um guia que orienta a realização. Pode e deve sofrer modificações enquanto o conteúdo radiofônico final vai ganhando forma. Obviamente, as alterações vão depender do bom senso dos produtores e de outros profissionais envolvidos: um roteiro excessivamente aberto pode, dependendo dos prazos e dos recursos disponíveis, tornar inviável qualquer trabalho. No entanto, fique claro, é sempre um meio e nunca um fim em si. (FERARETTO, 2001, p. 198).

De acordo com o autor, como é o caso, "se o programa for apresentado apenas por um locutor, procure dispor o texto em blocos de tamanho não superior a cinco linhas". Ele também acrescenta sobre as convenções para inserções sonoras e passagens.

Cada inserção sonora ou passagem deve ser adequadamente registrada no roteiro. A regra geral é identificar o tipo, a fonte, o formato do arquivo, a duração e a forma da passagem. Caso julgue necessário, o produtor pode e deve explicitar detalhes de edição (FERARETTO, 2001, p. 199).

Deve-se pensar na abertura do radiodocumentário pois, de acordo com McLeish (2001), "o começo do programa pode atrair a atenção com sons ao vivo dando uma forte impressão de realidade". Para ele, o grande objetivo é criar o interesse do ouvinte e o envolver desde o início.

Conforme especifica o autor, o mais fácil para o ouvinte entender é trabalhar com a cronologia do esporte feminino e, a partir daí dar uma sequência do programa.

O que importa é que o resultado final faça sentido - e não apenas para o produtor, que está totalmente enfronhado no tema e conhece cada nuança do que deixou de lado, bem como do que foi incluído, mas para o ouvinte que está ouvindo tudo pela primeira vez. O defeito mais comum nos documentários não diz respeito ao conteúdo, mas à estrutura. (MCLEISH, 2001, p. 196).

No final do produto, de acordo com todas as alternativas de encerramento propostas por McLeish, o que pode ser feito é "especular sobre o futuro com novas questões" que poderão ser abordadas mais para frente no Futebol Feminino Brasileiro comparando-o com outros países.

Após o roteiro pronto, o radiodocumentário começou a ser gravado, com *offs*, sonorais, e foi feita a escolha de gritos de torcidas dos estádios brasileiros. O produto tem duração de 31 minutos e 28 segundos, compostos de entrevistas com pessoas ligadas ao meio esportivo, narração de um locutor, vinhetas e efeitos especiais.

A maioria das entrevistas foi feita via áudio pelo aplicativo *Whatsapp*, por se tratarem de fontes que moram em outro estado ou em outro país. Algumas das autorizações de uso de imagem foram assinadas devidamente, outras foram autorizadas via aplicativo, para manter a privacidade das conversas (Apêndice E). A locução foi gravada na Universidade do Sagrado Coração (USC).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho e do produto, que foi pesquisar e documentar em rádio quais os desafios enfrentados pelas jogadoras do futebol feminino brasileiro do começo da modalidade em 1983 até os tempos atuais, mostrando o preconceito que ainda existe em torno do esporte e suas atletas e a falta de divulgação da mídia do Brasil, a partir de um radiodocumentário, contribuiu e pode contribuir ainda mais, com parcerias e divulgações na internet, para uma maior visibilidade para o futebol feminino no Brasil.

Com esse trabalho em forma de radiodocumentário avalia-se ser possível alcançar mais pessoas para sensibilizá-las de que a modalidade é um esporte reconhecido por vários órgãos e que precisa ter maior reconhecimento para, quem sabe em um futuro próximo, chegar perto do que é atualmente o futebol masculino nacional.

Por meio das pesquisas e dos depoimentos, foi possível constatar que a modalidade esbarra na falta de profissionalismo por conta da falta de apoio técnico, de dirigentes, patrocinadores e investimentos, como já é visto em outros países.

Constatou-se, também, que o preconceito e o machismo interferem na melhor visibilidade do esporte, o que foi evidenciado em quase todo o produto, de forma a sensibilizar o ouvinte sobre o tema.

Desta forma, acredita-se que o problema, que é “como o radiodocumentário pode contribuir para dar maior visibilidade para o futebol feminino no Brasil e sensibilizar os ouvintes deste meio de comunicação?” possa ser respondido pela hipótese de que o produto, ao incluir informações de que o futebol feminino é reconhecido por vários órgãos e relatar, por meio de depoimentos de atletas, a realidade da modalidade em outros países e a veiculação de histórias de preconceito sofridas por atletas e ex-jogadoras, motivou o ouvinte a deixar o preconceito de lado, ter mais interesse e sensibilizar-se a respeito desse esporte que vem crescendo cada vez mais no país.

Em razão das características do meio, continua-se a avaliar como pertinente que o produto seja veiculado na mídia rádio, que é o meio que mais atinge público no Brasil, mas em um formato aprofundado, extenso, como é o caso deste radiodocumentário, que indica a necessidade de se amar o futebol brasileiro sem discriminação de gênero.

Ao final desta jornada, é triste perceber que ainda é preciso um avanço dos órgãos esportivos e da mídia para que a mulher seja, de fato, valorizada não só no futebol, mas em todas as modalidades esportivas que não têm o alcance e o dinheiro do futebol, como outros elementos.

Daí a crença de que, por meio deste trabalho, seja possível contribuir para que o futebol feminino seja visto de outro ângulo, pois a mulher ainda não conquistou seu espaço na mídia esportiva.

Nesse sentido, ao esmiuçar o tema, este radiodocumentário poderá atingir muitas pessoas, criando um pensamento crítico sobre o tema e a modalidade, configurando-se em uma contribuição para o progresso do futebol feminino na mídia e em cada um de nós, brasileiros.

Por fim, com este estudo foi possível contribuir para a valorização do futebol feminino, além de uma reflexão do papel da mulher na nossa sociedade.

“O rei de amanhã pode ser uma rainha. E então? E se as mulheres conseguirem fazer isso mais bem feito? Como é que ficaremos?”. Essa frase de Eugênio Bucci já está sendo usada em todo mundo e o Brasil não ficará para trás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **El Periodismo Deportivo em la Sociedad Moderna**. Madrid. El autor; 1980.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos** – os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

CARVALHO, Juliano Maurício de.; MAGNONI, Antônio Francisco (Orgs). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2003.

COMPETICIONES. **Confederação Sul-Americana de Futebol**. Disponível em: <http://www.conmebol.com>. Acesso em: 05 maio 2017.

COMPETIÇÕES. **Confederação Brasileira de Futebol**. Disponível em: <http://www.cbf.com.br>. Acesso em: 10 maio 2017.

COMPETIÇÕES. **Futebol Paulista**. Disponível em: <http://www.futebolpaulista.com.br>. Acesso em: 13 maio 2017.

CONFEDERAÇÃO **brasileira de futebol**. Disponível em: <http://www.cbf.com.br>. Acesso em: 15 maio 2017.

DIAS, Leônidas. **Tudo pronto para a grande festa do Campeonato de Futebol Feminino**. Folha de Curitiba, Curitiba, 1º jun.1983. 2º caderno, p.3. Acesso em: 01 outubro 2017.

ESPN, **Fifa prevê 45 milhões de mulheres e meninas envolvidas com futebol feminino até 2019**. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/591649_fifa-preve-45-milhoes-de-mulheres-e-meninas-envolvidas-com-futebol-feminino-ate-2019.

Acesso em: 13 junho 2017.

FERRARETTO, Luis Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

_____. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2001.

FRANZINI, F. **Futebol é “coisa para macho”?** Pequeno Esboço para uma História das Mulheres no País do Futebol. Rev. Bras. de História, 2005.

FUTEBOL NO BRASIL. **Futebol Feminino**. Disponível em: <http://futebol-no-brasil.info/mos/view/Futebol_Feminino/>. Acesso em: 03 out 2016.

GOELLNER, S.V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: www.revistasusp.sibi.usp.br. Acesso em: 15 ago 2017.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

JOSÉ, Carmen Lúcia. **História oral e documentário radiofônico: distinções e convergências**. In: Núcleo de mídia sonora do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, set. 2003, Belo Horizonte.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. 7.ed. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**. Um guia abrangente de produção radiofônica. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

ORTIZ, Miguel Ángel; MARCHAMALO, Jesus. **Técnicas de comunicação pelo rádio**. São Paulo: Loyola, 2005.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 4. ed. São Paulo: Summus, 1985.

SIMÕES, Antonio Carlos; CONCEIÇÃO, Paulo Feliz Marcelino; NERY, Maria Aparecida da Câmara. **Mulher, Esporte, Sexo e Hipocrisia**. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (org.). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.

SOARES, Edileuza. **A bola no rádio: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO. **GUIA PARA NORMALIZAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS**. 6.ed. 2016. Disponível em: www.usc.br/guia-de-normalizacao/ Acesso em: 01 nov 2016. Acesso em: 15 out 2017.

WHITE, David M. **The gatekeeper: a case study in the selection of news**. Journalism Quarterly, v. 27, n. 3, p. 383-390, 1950.

YANEZ, Carlos Ivan. **El balon puede esperar**. Chasqui: revista latinoamericana de comunicación. Quito: Ciespal, n. 51, p.48-51. Júlio 1995.

APÊNDICE A

FONTES E SUGESTÃO DE PERGUNTAS

Silvana Vilodre Goellner

Licenciada em Educação Física pela UFSM, mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, doutora em Educação pela UNICAMP e pós-doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (Portugal). Professora titular da UFRGS. Atua na graduação e pós-graduação na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

Ex-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (UFRGS) no período 2006-2008. Coordena o Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS e o GRECCO - Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História.

Ex-editora da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), periódico do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte ((2005-2007) e da Revista Movimento (2003-2005).

Membro do IASI (International Association of Sport Documentation). Ex-coordenadora do Grupo Temático Gênero e Ciências do Esporte, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (2013-2015).

Ex-coordenadora do Simpósio Temático "Gênero e Práticas corporais e esportivas" do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Integra o coletivo Guerreiras Project.

Curadora da exposição "Futebol e Mulheres no País da Copa de 2014", realizada em Porto Alegre e co-curadora da exposição "Visibilidade para o Futebol Feminino" realizada no Museu do Futebol (2015).

Curadora da exposição Paisagens da memória: cidade e corpos em movimento, realizada no Museu da UFRGS (2017).

Tem experiência na área de educação física, com ênfase em história e gênero atuando principalmente nos seguintes temas: corpo, gênero, história do corpo e da educação física e esportes, futebol e mulheres, documentação e informação e memória.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

1. Como você vê a participação e o crescimento da mulher no esporte atualmente no Brasil?
2. Por que no país do futebol, a mulher não tem respaldo para poder praticar esse esporte?
3. Quais os elementos básicos que provocaram a invisibilidade da mulher futebolista no Brasil?
4. Hoje temos uma das melhores do mundo: a Marta. Com toda essa inviabilidade e com as diferenças entre os gêneros, teremos novas Martas em nossos campos de futebol?
5. O anúncio da treinadora Emily Lima a frente da seleção brasileira de futebol feminino foi um marco social em nosso país? Por que?
6. Existem diferenças em campo entre os homens e as mulheres que a nova treinadora, como mulher, verá coisas que o antigo treinador não via?
7. Em seu trabalho de projeto de pesquisa 'Olhares feministas sobre mulher e esporte: estudo comparado entre Brasil e Portugal' você estuda os lados históricos, mas o foco são as ações que Portugal tem desenvolvido para minimizar as diferenças. Quais as ações e como elas seriam benéficas para o futebol feminino brasileiro?
8. Como podemos ajudar no crescimento da modalidade no nosso país?

Roberta Aparecida Cardoso

Jornalista formada pela Universidade São Judas Tadeu, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no ano de 2004.

Trabalhou como assessora de imprensa na Bisar Planejamento (2009-2010) e na JeffreyGroup Brasil (2013).

Acompanha o futebol feminino e é co-fundadora do portal ~dibradoras, para promover a participação das mulheres em um meio que ainda é tão dominado pelos homens: o esporte.

Além do portal, ela participa de um podcast semanal na rádio-web Central 3 e entrevistam atletas de peso como Formiga, Cristiane e Sissi (futebol), Ana Moser, Ana Paula e Fofão (vôlei), Magic Paula (basquete) e Flavia Delaroli (natação) são alguns nomes.

Ela também colabora em parceria com o Women's Health como colunista em um blog dentro do site.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

1. Como surgiu a ideia de fazer o dibradoras?
2. Por que o foco somente nas mulheres e o esporte?
3. Desde quando você acompanha o futebol feminino e como ele cresceu até hoje?
4. Teria um índice ou estudo de como a modalidade cresceu no Brasil?
5. Na sua opinião, por que o nosso sistema educacional ainda insiste em classificar o futebol como esporte de homem?
6. Qual o motivo de uma jogadora não ganhar tanto quanto um jogador de futebol?
7. Você já sofreu preconceito machista na sua profissão? As jogadoras sofrem muito com isso. Você acha que tem diminuído esses casos machistas?
8. Qual sua opinião acerca desse preconceito de pessoas que podem mudar uma opinião pública, como um jornalista?
9. Muitas das jogadoras como a Bia Zaneratto, Andressa Alves, dentre outras, começaram a jogar com meninos desde pequenas e se destacaram. Faltam categorias de base na modalidade e porque não é feita pelos clubes do Brasil?
10. Foi divulgado pela Conmebol a reformulação da Libertadores a partir de 2019. Com isso, a procura por jovens jogadoras tende a aumentar?

11. Quais os clubes brasileiros dão maior respaldo para as atletas e porque no exterior a modalidade feminina não é obrigatória como será no Brasil? Essa obrigatoriedade é ruim para o esporte?

12. Vemos muitos patrocinadores na camisa da nossa seleção brasileira masculina e feminina (são até os mesmos), você acredita que o dinheiro investido também vai para a modalidade feminina ou a maior parte arrecada vá para a masculina?

Juliana Ribeiro Cabral

A ex-jogadora foi capitã da Seleção Feminina de 2001 a 2004, bicampeã Sul-americana em 1998 e 2003, medalha de ouro no Panamericano em 2003. Ela fez parte do elenco da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, em Sydney 2000 e em 2004.

Após aposentar dos gramados, foi comentarista da TV Bandeirantes nos Jogos Panamericanos de 2007 e das Olimpíadas de Pequim 2008 pela Band Sport.

Trabalhou na RedeTV!, como comentarista esportiva ao lado de Paloma Tocci, Milene Domingues (com quem jogou pela seleção brasileira), Marília Ruiz e Gabriela Pasqualin, no programa Belas na Rede e em outros programas da emissora.

Em 2012, foi contratada para a Rádio Globo, onde participa do Esporte@Globo e mais tarde, passou a ser comentarista esportiva da rádio.

Atualmente ela comenta sobre futebol masculino e feminino nos canais ESPN e escreve para o portal espnW sobre futebol feminino.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

1. Como surgiu a vontade de jogar futebol? Quem foi o seu maior incentivador(a) nesse caminho?
2. Como você descreveria a medalha de prata conquistada em Atenas e a de ouro um ano antes em Santo Domingo, na República Dominicana?
3. O que a fez pendurar as chuteiras?
4. Atualmente você é comentarista esportiva e acompanha o futebol, o que mudou em comparação quando você atuava?
5. Como está se portando atualmente a seleção brasileira sob o comando de Emily Lima?
6. Faltam investimentos nas categorias de bases para se ter um futebol profissionalizante?
7. Foi divulgado pela Conmebol a reformulação da Libertadores a partir de 2019. Com isso, a procura por jovens jogadoras tende a aumentar?
8. Você acredita que, em caso de inexistência do futebol feminino, os clubes serão impossibilitados de renegociar as dívidas fiscais e trabalhistas?

7. Estas são as únicas formas de impulsionar o investimento no futebol feminino? O que mais poderia ser feito?
8. Muitos clubes contratam jogadoras verbalmente e, quando entram em falência, elas acabam, às vezes, não recebendo o que tem direito. Na sua opinião, esse caso é mais culpa da jogadora, do clube ou é um problema de legislação falha das entidades?
9. Você já sofreu com preconceito na época de jogadora? E agora como comentarista?
10. Na sua opinião as cabeças estão mudando em relação ao preconceito?
11. O que falta para a mídia dar mais atenção as meninas do futebol?
12. Você que sempre comenta os jogos femininos, repara alguma diferença na torcida do masculino com essa modalidade?

Cristiane Rozeira de Souza Silva

A atacante, de 32 anos, atuou em vários clubes do estado de São Paulo, como Juventus, São José, dentre outros. No início da carreira, jogou na Alemanha, pelos times Turbine Potsdam e Wolfsburg.

Concorreu ao prêmio de melhor jogadora do mundo pela FIFA em 2007 e 2008, ficando ambas em terceiro lugar, prêmio que foi vencido pela brasileira Marta.

Em 2008, passou pelo Corinthians, antes de se transferir para o Red Stars, dos Estados Unidos. E foi medalhista em Pequim 2008 com a seleção brasileira, com 23 anos.

Em 2009 foi contratada pelo Santos Futebol Clube feminino, pelo qual foi campeã da primeira e segunda Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

Em agosto de 2015, ela acertou por uma temporada com o Paris Saint-Germain. Atualmente atua no time chinês Changchun Zhuoyue e, por protestar contra a demissão da treinadora Emily Lima, acabou se aposentando da seleção brasileira tendo 136 gols em 148 jogos pelo Brasil.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

1. Como surgiu a vontade de jogar futebol?
2. Quem foi o seu maior incentivador (a) nesse caminho?
3. Foi difícil chegar no futebol profissional, Cristiane? O que mais foi difícil para você?
4. Você já sofreu com o preconceito no futebol antes de se tornar profissional? Atualmente houve uma diminuição?
5. Além de atuar por vários clubes brasileiros como Juventus, São José, Corinthians, Santos e Centro Olímpico, você também já jogou na Alemanha, Suécia, Rússia, Estados Unidos, Coreia e França (ufa!). Houve uma mudança no Brasil de antigamente para os dias atuais em relação a modalidade? Em que sentido o futebol feminino vem chamando mais a atenção?
6. Em relação aos outros países que você jogou, qual a maior diferença deles para o Brasil?
7. Como é visto o futebol feminino brasileiro na Europa?
8. O que o país precisa mudar para a modalidade crescer ainda mais?

9. Foi divulgado pela Conmebol a reformulação da Libertadores a partir de 2019, onde os clubes terão que ter um time feminino. Na sua opinião, a procura por jovens jogadoras tende a aumentar?
10. Como é feito o impulsionamento da modalidade em outros países? Os clubes são obrigados a terem o time de futebol feminino ou fazem por livre vontade?
11. Há diferenças nas torcidas nos clubes brasileiros e clubes europeus? Isso vem mudando atualmente?
12. Um dos momentos mais especiais na sua carreira foi ter sido convocada pela primeira vez para defender a seleção. Como foi esse momento e o que sua família, principalmente seu pai, disse para você?
13. Pela seleção brasileira, as suas passagens mais marcantes foram as Olimpíada de 2004 e o Pan de 2007. Como foi chegar até a final e conquistar a medalha de prata?
14. No Pan de 2007, um placar histórico de 5 a 0 e uma torcida com quase 70 mil torcedores no Maracanã. Como foi isso para você e o que sentiu quando entrou em campo olhando as arquibancadas?
15. Hoje aquela identificação da torcida com a seleção mudou para melhor?
16. Já foram 86 gols com a camisa da Seleção e uma canhotoa respeitada em todo mundo. Como é ser a maior artilheira da história do futebol feminino e masculino em Jogos Olímpicos?
17. Este ano você começou a integrar o time Changchun Zhuoyue, no futebol chinês. Como noticiado, você é a jogadora de futebol com salário mais alto do mundo. Como é isso para você em relação ao futebol, tanto feminino como o masculino?

Rosana dos Santos Augusto

A meia e lateral-esquerda já atuou pelos clubes São Paulo, onde começou em 1997, pelo Corinthians, Internacional, de Porto Alegre, pelo Centro Olímpico e pelo São José.

No exterior ela teve passagens pelo Sky Blue FC, pelo North Carolina Courage, ambos dos Estados Unidos, Avaldsnes, da Noruega, Lyon e Paris Saint-Germain, ambos na França.

Depois de uma pequena passagem no Corinthians/Audax, sendo campeã da Libertadores pelo time em 2017, ela está, atualmente, atuando pelo Internacional de Porto Alegre.

Pela Seleção Brasileira, ela conquistou as medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos, do Rio de Janeiro, em 2007 e o campeonato Sul-Americano disputado em 2010, no Equador. Também conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos em Atenas (2004) e em Pequim (2008); além dos Jogos Pan-Americanos em Guadalajara em 2011.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

1. Como surgiu a vontade de jogar futebol? Quem foi o seu maior incentivador (a) nesse caminho?
2. Foi difícil chegar no futebol profissional, Rosana? O que mais foi difícil para você?
3. Você já sofreu com o preconceito no futebol antes de se tornar profissional? Atualmente houve uma diminuição?
4. No Neulengbach, da Áustria, foi onde você mais se destacou, sendo eleita a melhor jogadora do país. Foi difícil a adaptação até você chegar nesse momento na sua vida? Qual sua melhor lembrança no clube?
5. Atuando pelo Sky Blue FC, nos Estados Unidos, você foi campeã na Liga de Futebol Feminino dos Estados Unidos. Como foi sua passagem por lá?
6. Como é visto o futebol feminino brasileiro na Europa, já que você já atuou por vários clubes como na Noruega, França e Estados Unidos?
7. Há diferenças nas torcidas nos clubes brasileiros e clubes europeus? Isso vem mudando atualmente?

8. Um dos momentos mais especiais na sua carreira foi ter sido convocada pela primeira vez para defender a seleção. Como foi esse momento e o que sua família, principalmente seu pai, disse para você?
9. Pela seleção brasileira, as suas passagens mais marcantes foram as Olimpíada de 2004 e o Pan de 2007. Como foi chegar até a final e conquistar a medalha de prata?
10. No Pan de 2007, veio a "vingança" contra os Estados Unidos. Um placar histórico de 5 a 0 e uma torcida com quase 70 mil torcedores no Maracanã. Como foi isso para você e o que sentiu quando entrou em campo olhando as arquibancadas?
11. Graças a seus dois gols na semi-final, você foi peça fundamental para esse ouro brasileiro. Como foi fazer história com a seleção? Foi um dos melhores momentos que você já passou pelo esporte?
12. Hoje aquela identificação da torcida com a seleção mudou para melhor?
13. Diferente da torcida, você acha que os investidores brasileiros só lembram quando a seleção está em alta na modalidade? Falta estrutura no Brasil?
14. Foi divulgado pela Conmebol a reformulação da Libertadores a partir de 2019, onde os clubes terão que ter um time feminino. Na sua opinião, a procura por jovens jogadoras tende a aumentar?
15. Como é feito o impulsionamento da modalidade em outros países? Os clubes são obrigados a terem o time de futebol feminino ou fazem por livre vontade?
16. Um de seus projetos, fora dos gramados, é o Centro de Formação Rosana Augusto, na cidade de Indaiatuba. Como está indo e tem alguma jogadora que já se destacou e pode ser um dos futuros da modalidade no Brasil?

Emily Alves da Cunha Lima

A ex-jogadora e atual treinadora começou a sua carreira dentro dos gramados no Saad, aos 13 anos. Após um tempo o clube se juntou com o São Paulo, até quando a modalidade feminina acabou em 2000.

Em 2001 ela foi campeã estadual com o Barra de Teresópolis. Após se recuperar de uma lesão, foi para o time Veranópolis, disputar o estadual do Sul em 2002. No mesmo ano, foi convidada para jogar na Espanha. Lá jogou pelo Estudiantes, Sporting Huelva, Puebla de la Calzada, Prainsa Zaragoza e União Esportiva L'Estartit. Ela obteve a cidadania portuguesa em 2007 e foi convocada para atuar pela seleção na Copa Algarve de 2007 a 2009. Em 2008, jogou no Napoli da Itália, onde encerrou sua carreira de jogadora em 2009, devido a uma lesão no joelho.

Como treinadora, ela comandou a sub-17 da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, e depois também o sub-15. Após receber um convite para treinar o São José, em 2015, ela aceitou e conquistou o Campeonato Paulista de 2015, os Jogos Abertos e os Regionais de São Paulo de 2015 e 2016. Também foi vice-campeã com o clube pela Copa do Brasil de 2016.

Com isso acabou sendo convidada para treinar a seleção brasileira principal sendo a primeira mulher a ocupar tal cargo. Em 2016 conquistou o Torneio Internacional de Manaus. No dia 22 de setembro de 2017, acabou sendo demitida.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

1. Além de atuar por vários times brasileiros, você teve passagens internacionais na Espanha e na Itália. Como era o futebol na época no Brasil comparado aos outros países?
2. A sua primeira passagem na Seleção Brasileira foi no sub-17. Após, você se naturalizou portuguesa e jogou na seleção do país de 2007 a 2009. Como foi essa época na seleção portuguesa?
3. Com 29 anos, por conta de lesões no joelho, você acabou encerrando a carreira. Deve ter sido uma barra que você enfrentou na época. Imaginava ser auxiliadora, treinadora e ter a oportunidade de comandar o time feminino do Juventus?
4. Como foi treinar as categorias de base da seleção em 2013 e as disputas do Sul-Americano pela sub-17?

5. Com uma grande atuação no São José, conquistando títulos, surgiu o convite para treinar a Seleção Principal. Como foi esse momento e como é ser a primeira técnica mulher da amarelinha feminina?
6. Existe uma cobrança grande para conquistar o Mundial e as Olimpíadas?
7. Você acredita que o fato de ser uma mulher à frente da seleção feminina ajuda em questões extracampo?
8. Foi divulgado pela Conmebol a reformulação da Libertadores a partir de 2019. Com isso, a procura por jovens jogadoras tende a aumentar pelos clubes? Estas são as únicas formas de impulsionar o investimento no futebol feminino?
9. Na sua opinião, o que é preciso nas categorias de bases para se ter um futebol profissionalizante no Brasil?

Andressa Alves da Silva

A atacante de 24 anos que começou a sua carreira no time paulista do Juventus da Mooca e teve passagens no Foz Cataratas, no Centro Olímpico, na Associação Ferroviária de Araraquara e no São José.

Pelo exterior ela atuou no Montpellier, da França, sendo uma pedida do treinador do clube Jean-Louis Saez. Atualmente ela faz parte do elenco de um dos maiores clubes mundiais, o Barcelona. Andressa foi a primeira brasileira a vestir a camisa do time feminino catalão, em 2016.

Além dos clubes ela é uma das artilheiras da seleção brasileira e fez parte do elenco que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos em Toronto, no Canadá, em 2015.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

1. Foi difícil chegar no futebol profissional, Andressa?
2. O que mais foi difícil para você?
3. Você já sofreu com o preconceito no futebol antes de se tornar profissional? Atualmente ele diminuiu?
4. Como é visto o futebol feminino brasileiro na Europa, já que você já atuou pelo Montpellier da França e, agora, joga no Barcelona?
5. Os clubes profissionais dão total respaldo para as jogadoras estrangeiras?
6. Como você vê a torcida do futebol feminino no Brasil e na Espanha?
7. Há diferenças você que já atuou em clubes como o Juventus da Mooca e São José?
8. A diferença salarial que se ganha no nosso país na modalidade é diferente do europeu?
9. Você acredita que um dia as jogadoras ganharam salários iguais ao do futebol masculino?
10. Como podemos ajudar no crescimento e na visibilidade da modalidade no Brasil?
11. Foi divulgado pela Conmebol a reformulação da Libertadores a partir de 2019. Com isso, a procura por jovens jogadoras tende a aumentar pelos clubes?

12. Em caso de inexistência do futebol feminino, os clubes serão impossibilitados de renegociar as dívidas fiscais e trabalhistas. Estas são as únicas formas de impulsionar o investimento no futebol feminino?

13. Como é feito o impulsionamento da modalidade na Europa?

14. Os clubes são obrigados a terem o time de futebol feminino ou fazem por livre vontade?

Beatriz Zaneratto João

A atacante de 22 anos, que começou a jogar futebol com meninos da sua cidade natal, Araraquara, interior de São Paulo, teve rápidas passagens pelo Bangu, do Rio de Janeiro, (2011) e pelo Vitória das Tabocas, em Pernambuco (2012), seu último clube no Brasil.

Antes de ir para o exterior, ela esteve no elenco grande elenco do Santos, conhecido como Sereias da Vila, em 2010 e, juntamente com jogadoras de renome como Cristiane, Marta e companhia, acabou conquistando o campeonato Paulista, a Copa do Brasil e a Libertadores daquele ano.

No Hyundai Steel Red Angels, da Coréia, Bia já está há cinco anos no clube e conquistou, em 2016, o tetracampeonato com o clube coreano que nunca tinha conquistado o título nacional do país. Hoje ela veste a camisa 10 do clube e é muito reconhecida no país.

Pela seleção, ela já participou das Copas do Mundo de 2011 e 2015, mas acabou se destacando nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, fazendo três gols em cinco partidas.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

1. Como foi seu começo de carreira Beatriz?
2. Antes de ser jogadora, a sua mãe queria que você fosse bailarina? Por que?
3. Você já sofreu com o preconceito no futebol? Atualmente ele diminuiu?
4. Como foi jogar nas Sereias da Vila junto com aquela seleção que tinha Marta, Cristiane e companhia?
5. Como é visto o futebol feminino brasileiro na Coréia, já que você já atua no RedAngels?
6. Os clubes profissionais dão total respaldo para as jogadoras estrangeiras?
7. Como você vê a torcida do futebol feminino no Brasil e na Coréia? Você sente a diferença?
8. Há diferenças você que já atuou em clubes como o Santos e o RedAngels?
9. A diferença salarial que se ganha no nosso país na modalidade é diferente?
10. Você acredita que um dia as jogadoras ganharam salários iguais ao do futebol masculino?

11. Como podemos ajudar no crescimento e na visibilidade da modalidade no Brasil?
12. Foi divulgado pela Conmebol a reformulação da Libertadores a partir de 2019. O que você achou dessa decisão? Foi importante para o Brasil?
13. Como é feito o impulsionamento da modalidade na Coreia e no RedAngels?
14. Como é a torcida na Coreia? É diferente das torcidas dos clubes no Brasil?
15. Os clubes são obrigados a terem o time de futebol feminino ou fazem por livre vontade?
16. Como você vê a seleção feminina comandada pela Emily Lima? É diferente da época com Vadão? O que mudou?

Alline Calandrini de Azevedo

A zagueira de 29 anos começou a sua carreira de futebol no Juventus da Mooca e, atualmente atua no time do Santos, as Sereias da Vila conquistado vários títulos como o Campeonato Paulista de 2007, 2010 e 2011, Copa do Brasil de 2008 e 2009, Jogos Regionais de 2006, 2007 e 2008, Copa Paulista de Futebol Feminino de 2009, a Liga Nacional de 2007 e a Copa Libertadores nos anos de 2009 e 2010. Ela também atuou pelo Centro Olímpico na época em que o Santos tinha fechado dado uma pausa com a modalidade feminina.

Pela seleção brasileira sub-20, ela conquistou a Copa Sul-Americana de 2008. Foi convocada algumas vezes pela antiga treinadora Emily Lima mas, por conta de lesões, ela acabou não participando dos jogos.

Além de jogadora, ela está completando a faculdade de jornalismo e fazendo estágio na Santos TV, canal oficial do clube no YouTube.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

1. Aline, como surgiu o sonho de ser uma jogadora profissional? Foi difícil chegar aonde está hoje?
2. Como é atuar pelo Santos como clube por toda a estrutura e ser um dos pioneiros do bom futebol feminino no país?
3. Para você, falta investimento no futebol profissional e isso começa também pelas categorias de base?
4. Foi divulgado pela Conmebol a reformulação da Libertadores a partir de 2019. O que você achou dessa decisão? Foi importante para o Brasil? Acha que a procura por jovens atletas pode aumentar?
5. Tais imposições são as únicas formas de impulsionar o investimento no futebol feminino? Por quê? Outras coisas podem ser feitas?
6. A visibilidade do esporte mudou?
7. Você acha que hoje o preconceito com o futebol feminino e as jogadoras é menor do que em épocas passadas? Você já sofreu com isso?
8. Por que o nosso sistema educacional ainda insiste em classificar o futebol como esporte de homem?

9. Apesar de ter uma longa carreira pela frente, o que você pretende fazer após pendurar as chuteiras?

10. Como é conciliar o futebol com a faculdade de jornalismo? Você pretende seguir essa profissão após parar com o futebol?

Leonardo Jorge Samaja Alvarez

Leonardo Samaja é treinador de futebol, com longa trajetória em categorias de base no futebol argentino e com trabalhos também no futebol brasileiro como o Esporte Clube Próspera, na cidade Criciúma, em Santa Catarina.

Desde 2014, ele faz parte do staff da Associação de Técnicos do Futebol Argentino (ATFA), o sindicato de treinadores da Argentina e instituição responsável por formar de forma obrigatória todos os treinadores argentinos.

Esse é o único curso da América do Sul reconhecido na Europa como similar à Licença Pro da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA). São 40 escolas na Argentina e mais de mil treinadores formados a cada período. Site para mais informações: <http://www.atfacampusvirtual.com/pr>.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

1. Leo, primeiro qual é o seu trabalho e o que é a ATFA?
2. Você acompanha muitos times brasileiros e sabe como é a situação também no seu país, a Argentina. Como é a base do futebol argentino?
3. E na modalidade feminina? Como é no país? É muito diferente do Brasil?
4. A argentina Sole Jaimes, atacante do Santos e que já passou por River e Boca, disse em entrevista que o clube que paga melhor é o Boca, mas que não conseguia comprar nem uma chuteira. Esse é o caso de muitas das mulheres que buscam um espaço profissional no futebol?
5. Como está a situação da seleção de futebol argentino após vencer os jogos sul-americanos em 2006?
6. Como é a base da seleção feminina da argentina e o que pode ser melhorado? E a seleção feminina do Brasil, qual a sua opinião e o que poderá melhorar?
7. Você acha que os dois países, apesar de serem rivais, podem se ajudar e muito na modalidade feminina?

Camila Martins

Camila Martins, 21 anos, mais conhecida como Camilinha, que já teve passagens pelo futsal, começou a sua carreira no futebol de campo em 2012. Ela assinou com o Kindermann, em Caçador (SC).

Após um ano de sua estreia pelo time, ela foi convocada para a seleção brasileira sub-20, onde teve um período em observação. Com o bom desempenho, ela acabou convocada para o Torneio Sul-Americano sub-20 como lateral esquerda. Desde então, a atleta foi para todas as convocações e disputou a Copa do Mundo Sub-20, no Canadá, em 2014.

No ano seguinte, após o torneio internacional de Brasília com a seleção, a atleta se transferiu para a Ferroviária e, depois, foi ao exterior sendo contratada pelo Houston Dash, nos Estados Unidos.

Após passagem pelo Corinthians-Audax, a meia assinou contrato com o Orlando Pride, equipe feminina do Orlando City, dos Estados Unidos, atuando ao lado da maior jogadora da modalidade, Marta.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

1. Como é visto o futebol feminino brasileiro nos Estados Unidos, já que você já atua no Orlando Pride?
2. Os clubes profissionais dão total respaldo para as jogadoras estrangeiras?
3. Como você vê a torcida do futebol feminino no Brasil e nos EUA? Você sente a diferença?
4. A diferença salarial que se ganha no nosso país na modalidade é diferente?
5. Você acredita que um dia as jogadoras ganharam salários iguais ao do futebol masculino?
6. Como podemos ajudar no crescimento e na visibilidade da modalidade no Brasil?
7. Foi divulgado pela Conmebol a reformulação da Libertadores a partir de 2019. O que você achou dessa decisão? Foi importante para o Brasil?
8. Como é feito o impulsionamento da modalidade no Orlando Pride?

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS DAS ENTREVISTAS

SILVANA GOELLNER

Eu vejo que as mulheres têm conquistado um espaço bastante importante no esporte brasileiro. Sobretudo gostaria de ressaltar que é uma conquista das mulheres e não uma concessão. Ou seja, desde o início do esporte no Brasil as mulheres veem conseguindo e vem tentando conseguir um espaço de visibilidade. Eu acho que se hoje a gente já pode ter mais reconhecimento, tem conquistas importantes, muito se dá por essa luta. Ou seja, essa luta que as próprias mulheres fazem para resistir no espaço que é o esporte, que é tão marcadamente de domínio dos homens.

Com relação a participação, como eu mencionei anteriormente, as mulheres sempre participaram do esporte. O que acontece é que muitas vezes elas abandonam o esporte exatamente pela falta de condições. E isso eu posso te garantir e pensar também com a questão do futebol no Brasil. Ou seja, o que eu acho que é um dos grandes impeditivos para que o futebol de mulheres não esteja em um patamar que deveria estar. É a falta de profissionalização da modalidade.

Ou seja, não há muitos clubes que investem no futebol feminino e quando fazem muitas vezes não dão as condições necessárias para as mulheres como salário, como garantia de continuidade independente das competições, como plano de saúde, ou seja, tem uma série de questões que fazem muitas vezes com que as mulheres tenham no futebol uma não a sua profissão. Eu acho que isso seja um grande impeditivo. Eu acho que as mulheres já mostraram que jogam muito bem, tem possibilidades de fazer grandes jogos, grandes partidas grandes conquistas. Há muitas mulheres jogando futebol, mas que não é uma profissionalização do futebol. Eu acho que na medida que conseguimos profissionalizar, ou seja, que as mulheres encarem ou sejam tratadas como atletas profissionais. A modalidade se desenvolva de uma forma muito melhor.

Sobre a invisibilidade das mulheres no futebol, acho que a gente pode até encarar de diferentes formas. Num primeiro momento, digamos, em função da proibição que houve no Brasil de 1941 a 1979 que as mulheres participassem de algumas modalidades esportivas como futebol, como rúgbi, como as lutas, como o polo aquático, então como a gente encontra poucos registros, exatamente por causa da

interdição oficial. Passada essa interdição como o esporte, sobretudo do futebol, visto como uma modalidade muito masculina, as mulheres que entraram e iam participar de futebol eram associadas com essa representação de mulheres masculinas. Então por um determinado momento acho houve essa forma de invisibilidade.

Mas essa discussão acho que já está superada. A falta de visibilidade hoje se dá, volto a dizer, pela falta de profissionalização da modalidade, ou seja, é muito difícil que a mídia, que patrocinadores, que as pessoas se sintam capturadas para assistir o futebol feminino para participar porque não há essa estrutura e está visibilidade que a gente vê para os homens por exemplo.

É inegável falar da importância da Marta do nosso futebol. Ela é um gênio dos campos. Mas eu vejo que sim, que existem outras possibilidades. Acho que se a gente tiver uma modalidade fortalecida outras Martas podem aparecer. Eu vejo nesse sentido. Existem assim grandes possibilidades para que outros talentos possam emergir. Se tivermos condições para que essas meninas permaneçam no futebol, que não seja um sonho, que elas têm que abortar ao longo da vida exatamente pela falta de profissionalização e pela falta de condições para se manter jogando.

Eu não tenho a mínima dúvida que a presença da Emily Lima como a treinadora da Seleção Brasileira de futebol é um marco histórico. É um marco importante e é um arco que evidencia que as mulheres podem fazer e que as mulheres têm condições. Que as mulheres tanto quanto os homens, uma vez bem preparadas, elas podem ter sucesso na carreira esportiva de treinadores. A Emily vem demonstrando isso. Gosto muito do trabalho que ela tá fazendo. Ela tá fazendo um trabalho para tentar, não apenas visibilizar a seleção mas a própria modalidade, ou seja, ela está pensando a longo prazo. Ela tá testando várias meninas. Ela tá fazendo várias possibilidades de inserção das mulheres no futebol

Nesse sentido eu penso, assim, que ela é muito importante inclusive por que ajuda a pensar ou a inspirar outras mulheres e outras meninas que querem ser treinadora de futebol que é possível chegar ao topo sendo treinadora da seleção brasileira. Esse Marco histórico é um Marco cultural importante e, portanto, a Emily representa isso ela representa possibilidades que as mulheres jogam, tem várias possibilidades são gestoras dentro do campo esportivo, portanto significativamente para as mulheres é algo muito importante.

Ela é minha pesquisa sobre o estudo comparado entre Portugal e Brasil eu percebi com relação ao futebol e algumas modalidades esportivas Associação Portuguesa de mulheres dos povos que é uma associação que tenta aumentar e fazer uma série de ações em busca da hipótese de cada empoderamento das mulheres no futebol e no esporte em geral é eu penso que talvez no Brasil pudesse existir alguma instituição assim e outra coisa em Portugal bastante importante porque a uma política de Equidade de gênero para além do esporte Ou seja no Brasil hoje a gente vende quase que o movimento contrário ou seja na medida em que a questão de gênero a discussão de gênero retirada da escola ela cada vez mais a Grava Essa desigualdade agrava o entendimento de que as pessoas tenham de questão de gênero Importa sim que é uma desigualdade na nossa e essas desigualdades ela se reflete no esporte Ou seja a diferentes condições de participação de inserção e de permanência no esporte para homens e mulheres portanto discutir a Equidade de gênero dentro de esporos é algo que se torna necessário

O que podemos fazer para melhorar a modalidade de nosso país eu acho que é isso que estamos fazendo é uma série de esforços coletivos de grupos de indivíduos de pessoas e instituições e tentar sempre visibilizados a presença das mulheres do futebol é tentar fazer com que os clubes voltem assistindo futebol de mulheres é participar dos jogos assistir dos jogos e divulgar os jogos e valorizar aquilo que está sendo feito o campeonato feminino A e B e valorizar a presença de uma mulher na seleção e valorizar o trabalho Fantástico que Aline Pellegrino Tá fazendo na Federação Paulista de Futebol ou seja mostrando que é possível se fazer com que as mulheres tenham um patamar Digno dentro do esporte Ou seja é uma série de circunstâncias que envolvem várias pessoas em vários grupos e penso sobre tudo o que é isso é colocar o futebol de mulheres na pauta política e pedagógica do nosso país

ANDRESSA ALVES

Acredito que o mais difícil para chegar no futebol profissional na minha época era saber onde tinha os testes né, nas equipes. Agora é tudo mais fácil. Tem essa possibilidade de ver nas redes sociais, então facilita bastante.

Ah, já sofri de ser xingada de falar que futebol é coisa para homem, que não era para mulher e outras coisas. Mas agora, atualmente, diminuiu bastante. Mas sempre tem e eu acredito que sempre vai existir. O preconceito é uma doença né e quando

você tem essa doença, você dificilmente vai mudar. Pode passar anos e anos, vai continuar sendo preconceituoso.

O futebol brasileiro feminino aqui fora é muito bem visto, tanto que tem muitas jogadoras jogando fora do Brasil e ser a primeira brasileira a jogar no Barcelona foi um fato inédito. Acredito que eu estava preparada para isso e fiquei muito feliz. Meu principal objetivo era fazer um bom trabalho para que outra brasileira pudesse vir também. Acabou que deu certo e o clube acabou de assinar com outra brasileira [Fabi Simões]. Então espero que cada vez tenha mais brasileiras aqui.

Sim, eu sou tratada com muito respeito aqui no time. As meninas também são super legais, o clube dá total atenção e é profissional. É um dos maiores do mundo, então não tem nem o problema de adaptação.

A torcida infelizmente não é a que a gente espera mas aos poucos vem crescendo. Eu assisti aos jogos do campeonato brasileiro e fiquei muito feliz com o que a torcida do Iranduba nos seus jogos [jogo contra o Santos - 25.371 torcedores]. A do Santos também encheu na final contra o Corinthians, então é muito legal ver, ver que as pessoas estão cada vez mais querendo assistir os jogos.

A diferença salarial com certeza aqui fora é superior a do Brasil, por isso até que a gente acaba saindo do Brasil para procurar outros rumos também e financeiramente ter uma vida melhor. Sobre as jogadoras do feminino ganharem igual ao masculino acredito que isso nunca vai acontecer. Acho muito difícil, muito difícil que isso possa acontecer.

Acredito que, a gente tenha que, principalmente a seleção brasileira, tem que estar mais presente no Brasil e passando nas tvs abertas para que as pessoas não esqueçam, não seja só vista em Olimpíada ou Mundial. Acho que temos que fazer bastante amistoso no Brasil e as tvs tem que transmitir para que isso também aumente o número de pessoas interessadas em assistir.

É, sobre a Libertadores, agora os times são obrigados a ter, acho que com essa forma eles iriam fazer mesmo. Infelizmente, se não fosse desse jeito seria muito difícil um time grande querer montar o futebol feminino no Brasil, infelizmente. Então acredito que vai ser muito bom para a modalidade que vai ter grandes clubes disputando o brasileiro e grandes campeonatos.

Não. Aqui nenhum clube Europeu é obrigado a ter futebol feminino. Eles tem por livre e espontânea vontade, porque os clubes são interessados em fazer mesmo que

não tenham um retorno tão grande como o masculino, mas eles são interessados em ter a modalidade porque a modalidade também atrai público e é bonito de se ver. A gente agora com nova treinadora e novo projeto o objetivo vai ser sempre conquistar os títulos que a gente não tem, o Mundial e a Olimpíada. Acho que isso não muda e pode entrar um treinador, pode entrar outro que o foco não muda, vai ser sempre esse. E a gente espera que dessa vez dê certo. A gente espera melhorar sempre e fazer de tudo para que isso aconteça.

As Olimpíadas no Brasil foi um sonho e ter jogado no Maracanã lotado, com 70 mil pessoas, eu não vou esquecer jamais. Vou lembrar para sempre e o carinho que a torcida teve com a gente foi, foi inesquecível. Vou lembrar de todos os dias da minha vida dessa Olimpíada e de todos os jogos.

Então, sobre os patrocínios a gente usa a mesma camisa que os caras, então tem que ser os mesmos patrocínios. A gente não tem a camiseta só do feminino, então a gente usa os mesmos patrocínios que eles na camiseta, porque é a mesma camiseta.

ROBERTA NINA CARDOSO – DIBLADORAS

As Dibradoras surgiu da união e da amizade de quatro meninas que sempre foram apaixonados por esporte e por futebol. A gente não se sentia representada lendo as notícias e a gente só via competições masculinas na TV. A gente só vê né, até hoje então, a gente queria falar com a torcedora e falar das atletas então a gente se uniu a gente se conheceu por amigas em comum e a gente se uniu para falar sobre os feitos das mulheres para saber mais sobre a história delas. Ela também tem mais voz né no jornalismo a gente vê que organismos esportivos em grande parte é feito por homens também as redações então a gente também queria falar sobre elas né com a nossa voz com a voz feminina então a gente surgiu em cima desse contexto assim

Nas mulheres é justamente por isso né A Gente Inocente é representada a gente não via notícias de esporte de futebol que falar assim também só com que falar assim com mulheres né A gente só via é um jornalismo feito de homem para homem né Cheio de de machismo os clichês e tal então a gente queria falar das mulheres e também usar a nossa a nossa voz de mulher a nossa experiência como mulher que vai na arquibancada com mulher que joga com mulher que gostaria de ter mais acessos sobre notícias de esportes femininos né saber como que a Marta foi na

rodada do campeonato em que ela atua o que acontece com os times femininos de futebol do Brasil Então a gente queria saber mais sobre isso né então a gente não achava a gente tinha pouquíssimas as referências né Todos falavam a gente fazer esse jornalismo informar as pessoas Então foi assim que surgiu

Bom é como toda criança toda menina eu comecei a acompanhar futebol pelo futebol masculino né pelo jogo dos homens então foi em casa com meu pai com meu irmão indo no estádio assistindo aos jogos pela TV ouvindo as histórias Então eu fui muito criada pelo meu minha paixão pelo futebol surgiu pelo futebol masculino né mas depois você começa a se interessar se eu comecei a ver o São Paulo de 97 com aquele time feminino em que jogava com a Sissi, a Kátia Cilene que foi campeão então eu comecei a ver que também tinha um espaço para as mulheres mas eu tinha essa percepção somente em Olímpico né só durante Olimpíadas de 4 em 4 anos que eu via que as mulheres estavam lá jogando nunca tive muita notícia de futebol feminino de torneios de jogadoras sujou Até recentemente assim foi um pouco antes dobraduras começar na admiradores começou em 2015 então eu comecei a ver que as mulheres também tinham alguma coisa um pouco antes disso 2013/2014 então eu também comecei a pesquisar comecei a ir nos eventos participar mais de reuniões de palestras conhecer mais as histórias dos jogadores dos times então foi assim que tudo começou né

Olha eu não tenho estudo exato sobre o crescimento da modalidade né mas a gente tem informações assim de audiência de televisão nos últimos nas na última olimpíada o recorde de audiência um dos Recordes da televisão foi do futebol feminino a gente tem visto a CBF transmitir as partidas pelo site e tenho tido muita audiência a gente tem visto os clubes né abrindo mais espaço principalmente os clubes de interior já tem mais tradição né mas a gente tem visto a uma grande possibilidade dos outros clubes de camisa né ditos como de camisa investir na modalidade a gente já não vê uma negligência como acontecia nos anos no fim dos anos 80 no começo dos anos 90 né futebol foi proibido de praticar praticada no Brasil por mulheres por 40 anos né durante a ditadura então a proibição atrasou a modalidade então não se falava do jogo delas não via não se interessava então é muito difícil construir essa história como a proibição que atrasou tudo por tanto tempo né quase 40 anos e acabou tão recente foi no fim da década de 80 então a retomada do futebol feminino é muito é muito recente né lá uma retomada de 20 e

25 anos para um esporte que tem 120 anos então a gente tem um GAP muito grande por aí

Sobre o sistema educacional né que ainda insiste em classificar o futebol como esporte de homem isso é Reflexo da sociedade né Isso é comportamental e isso é uma coisa que vai a lenda da educação né ditas impropriamente digita de escolas práticas de educação física muita gente acaba tendo essa Associação de que esporte de que futebol é só para para homem porque não vê interesse das meninas em jogar mas a partir do momento que você é apresentar o esporte para elas né Pode ser que elas se interessa em eu acho que toda criança tem que ter acesso a tudo Independente de homem ou mulher né o menino também tem que saber tem que conhecer o vôlei ou basquete ou handebol para que ele possa escolher qual das modalidades ele está mais apto a jogar qual que ele tem mais interesse assim então as meninas são pouco apresentadas ao futebol e algumas quando são apresentadas elas sofrem retaliações né ou de professor ou das Amigas das colegas que não apoiam ela jogar e também grande parte dos meninos né que se fecham e que falando na Gira toma uma bola para eles e acreditam que o esporte é só deles então é mudar a mentalidade de professores de educadores da própria escola e eu acho que a nova geração de meninas que vem crescendo né que tá se tornando adolescente e até um pouco antes ela já tem a menina já tem noção de que aquilo também a pertence ela tem reivindicado isso mais né antes a gente aceitava hoje o cenário é outro né hoje elas contestam hoje elas querem elas resistem então é uma nova geração que vem surgindo para quebrar paradigmas

Diferenças salariais entre homens e mulheres jogador e jogadora de futebol o motivo é muito simples não é todo um patrocínio é todo homem precisa de uma organização que o campeonato masculino tem que o feminino não tem então os homens têm todo o apoio né seja do clube que eles defendem seja das emissoras de TV que tem a exclusividade de transmitir os jogos os patrocinadores né tanto da camisa como do campeonato os clubes né fazendo sua própria divulgação vendendo ingresso coisa que não acontece no futebol feminino né muitos jogos são feitos gratuitamente as meninas ganham salário baixíssimo não ganhou nem ganhou um por cento do que os homens ganham em alguns casos e não tem um patrocínio não tenho uma exibição da marca né como que uma marca vai investir em um jogo de futebol um evento que não é transmitido pela TV ela não vai se expor que não tem uma torcida no estádio porque geralmente os jogos do futebol feminino

acontecem durante a semana 3 horas da tarde horário em que muita gente trabalha então é meio que impossível né fazer essa essa comparação e exigir uma melhor assim um crescimento como masculino porque ele não é popularizado ele não é para todos e não é fácil de você acompanhar o futebol feminino né não são não tem mídias não tem canais para que você possa assistir saber quem são as jogadoras você acaba não conhecendo

É a gente ouve muito a própria imprensa brasileira classificando o futebol feminino como chato como lento Esse é um preconceito que está enraizado né muitos anos a gente ouve esse tipo de fala né de que o jogo dela não é interessante e isso vem caindo por terra sim porque os campeonatos têm sido cada vez mais disputados a gente tem clubes crescendo jogadora surgindo uma seleção se fortificando novos talentos aparecendo é claro que ainda falta um trabalho muito específico de base né para você tratada da garota que joga futebol desde criança aqui logo cedo ela possa aprender os fundamentos todo o jogo ensina é posicionamento tática desenvolva técnica então isso ainda falta um pouco mas o teu masculino isso também ainda da falta mas falando sobre o preconceito da mídia eles acabam influenciando muito né opinião Popular então é o fato de eles acharem o futebol dessa forma e postar em seu sites jornais falar na TV no rádio você acaba depreciando a modalidade e criando um conceito errado nas pessoas na sociedade né então a gente também ver muito jornalista que não tem o menor conhecimento da modalidade dando opiniões sabe e não tem comparação não dá para comparar é porque o jogo delas é lento deles é mais rápido as goleiras são menores acontecem mais gols no feminino isso não pode ser levado em consideração por que são sim jogos diferentes são corpos diferentes filios de fisiologia diferente né diferentes então não tem não tem comparação Mas a gente não pode depreciar não é bom o outro é ruim tem público para os dois eu acho que o que não tem é igualdade na exposição no apoio Então aí fica difícil né e o futebol feminino acaba lutando sozinho contra um monte de estigmas que ninguém se dá a chance de conhecer melhor

Sim a gente ouve muito nas histórias das jogadoras que no começo a prática do Esporte e do futebol especialmente era praticado na rua com os meninos e eles acabam deixando elas jogarem que elas eram boas né habilidosas porque se você também não é habilidosa você acaba sendo preterida então a história é muito comum assim em diversas em diversos relatos a gente ouve muito isso é como eu te falei a gente tem uma base muito fraca tanto para o masculino com o feminino né os

clubes clubes que tem uma infraestrutura de base e acabam fazendo investindo e revelando novos atletas mas que são vendidos rapidamente para o exterior para fazer dinheiro e acabam nem nem passando direito por aqui né nem fazendo sua história no Brasil então como feminina e ainda um pouco pior porque ainda não se tem um trabalho específico de base né para você montar uma seleção sub-20 sub-17 sub-15 você tem que viajar o Brasil inteiro garimpando meninas em peneiras isso é muito amador assim é um absurdo e alguns clubes com o Santos já tem investido em interessa categoria das mais novas né para colher lá na frente e a Federação Paulista já tem incentivado jogos né campeonato feminino sub-17 para que meninas possam surgir disputar te mas sente né o prazer de jogar que elas podem também se tornar jogador de futebol então algumas iniciativas estão sugerindo mas ainda é bem é bem pouca

Bom, a reformulação da Conmebol é uma imposição né na verdade todo o clube que quiser disputar a Libertadores da América em 2019 vai ter que ter um elenco feminino dentro do clube nada que é imposto é muito bom né É duro você fazer uma coisa Obrigado mas acho que essa é a única saída para que pudesse existir de fato na modalidade se ninguém fazia por bem e por que estava disposto agora virou lei e vai ter que fazer acho que isso pode muito Pode acontecer muitas coisas né a procura pelas jovens jogadores podem aumentar sempre que você vai ter mais espaço para jogar mais times Investindo na modalidade e você pode também revelar jogadoras você pode fazer com que os clubes acabem ganhando dinheiro em uma outra vertente do futebol podem trabalhar melhor o marketing falar mais com as mulheres abrir mais espaço para as torcedoras então muitas coisas podem acontecer nos clubes também tem que ter consciência disso estar dispostos a a a bancar em isso não é e não é só fazer Mais do Mesmo da camisa fazer parceria Acho que tudo pode ser feito de maneira certinho né Club bancar a folha salarial elas jogarem no campo do clube que é de direito né se é o São Paulo jogar no Morumbi se o Corinthians jogará na arena se o Palmeiras jogará no Allianz então assim não tem porque ser diferente não tem por que renega isso delas né tipo ai acabou a verba vamos encerrar o time feminino Esse é o primeiro corte que acontece mas eu acho que pode ajudar a desenvolver a modalidade nos clubes e criar um Gosto Popular pelo futebol das mulheres sim

Falando de clube brasileiro que dá visibilidade para as atletas a gente tem um exemplo muito claro aí que é o Santos né que já já tem uma história no futebol feminino bem antiga foi interrompido por um tempo né nas trocas de presidente de gestão ele foi descontinuado voltou com força total aos poucos anos e agora elas têm Não elas tem alojamento para elas dentro do clube Elas têm a categoria de base sendo formada elas tem Contrato são registradas na Norma CLT único clube do Brasil a CLT elas jogam na Vila Belmiro ela tem uniforme delas Então acho que o grande clube do Brasil a investir de fato e fazer tudo corretamente com a modalidade o Santos tem visto o crescimento do Iranduba né na Amazônia que tem atraído muito público para o seu os jogos na arena e também tem um time bem montado as meninas recebem dia também tem toda a estrutura necessária é um clube é um time recente né que tá crescendo se formando mas tem tudo para nos próximos cinco anos ser um grande uma grande equipe de futebol feminino a gente vê São José que no interior de São Paulo uma grande tradição já foi campeão de Libertadores e já contou com grandes atletas sempre tá na disputa por grandes títulos São José e a gente tem o Rio Preto né porque foi fundado por uma família marido e mulher e a filha que a Darlene atacante da seleção é uma das jogadoras que também tem vestido contado com apoio Rio Preto é o maior exemplo de amor né dedicação ao futebol feminino que uma família se dedicou inteira para tocar um clube então a gente tem essas essas histórias assim no futebol feminino e a gente a esse lance da obrigatoriedade E como eu falei nada que é obrigado é bom né seria muito bom se todo mundo tivesse a livre iniciativa de promover o futebol feminino né Mas isso não acontece há muitos anos e acho que essa foi a única solução que a que a Conmebol encontrou para que a modalidade seja difundida no país

Bom não sei te dizer né nas cotas do que é destinado a cada Seleção Feminina e masculina mas sim são todos os mesmos patrocínios né a gente tem visto propagandas e ações das marcas também abordando o futebol feminino antes a gente quase não via hoje a gente tem tem visto mais E é claro que a Seleção Feminina a seleção masculina tem uma exposição muito maior né todo amistoso da seleção é transmitido pela Globo em horário nobre E isso não acontece com a Seleção Feminina né os amistosos tem sido transmitidos em TV por assinatura quando é ou então pelo site da CBF mais uma Copa América um grande torneio que que a Seleção Feminina dispute assim como a masculina não tem a mesma

divulgação tem o mesmo a mesma uma cobertura o mesmo destaque o mesmo espaço para ser falado na na mídia então assim uma diferença aí né

ALLINE CALANDRINI

Não tem muito como explicar como surgiu o sonho de ser uma jogadora profissional eu jogo desde muito cedo com meu irmão com os primos com os amigos no colégio acho que eu tinha 4 anos de idade e desde então eu me lembro que eu era mais uma no meio deles meninos tem paixão por futebol e eu era uma menina que tinha paixão por futebol então era um dom que eu tava desenvolvendo e cresci tendo né mesmo praticando no meio deles e eu tiver possibilidade de decisões se realizar entrar na jogador profissional até tarde comparado às outras meninas né eu fui com 16 17 anos com ir para São Paulo em busca desse sonho de uma capela do Norte para isso ser realizado então eu me tornei profissional com aspas né que foi quando vim para a rotina de um atleta de jogador de futebol foi com 16 anos mas minha paixão vem desde cedo desde 4 anos de idade

Eu tenho muito orgulho de ser atleta do Santos a gente sabe que o Santos é uma vitrine Nacional quem está aqui com certeza privilegiada de poder usufruir da estrutura do profissionalismo e o Santos Futebol Clube nos fornece então quando eu falo que eu jogo no Santos eu falo cheia de orgulho assim me achando com todo meu nariz do mundo porque a gente sabe que é um clube diferenciado por tudo que oferece para a gente

Alguma Tudo começa na base né a tela do meu até a gente se desinstalar comentando o que que a gente esperar das nossas próximas gerações não é porque tudo começa na base eu acredito que falta investimento no futebol de modo geral profissional mas isso tem que começar pelas meninas mais novas tem que conscientiza tem que acreditar no sonho tem que ter uma estrutura da categoria de base porque o nosso futuro são as mais novas eu acredito que isso já tá melhorando um pouco assim até a própria CBF já dá já tá acabando tá tendo bastante colocação para as meninas mais novas só que apenas ali na CBF né então falta nos clubes falta falta incentivo isso tudo começa cedo né então o ideal seria que chegar no profissional fosse quase a última parte só que ao contrário primeiro ouvida no profissional

Poxa que foi importante essa decisão é feita pela Conmebol acho que fica um pouco chato ser uma obrigatoriedade porque eu também não gosto que as coisas sejam

feitas de qualquer jeito Por exemplo um campeonato que dura 6 meses Aqui PE o clube vai lá e monta um time x só para jogar os campeonatos depois acaba mandando as meninas mora na verdade é uma chance de futebol feminino está tendo de conquistar os clubes jogo está o Brasil eu acho que é muito é muito melhor é muito mais saldo positivo do que negativo né mesmo você não obrigatoriamente Com certeza por mais que o Brasil não tenha o futebol feminino não tenho apoio de vida no Brasil ainda é melhor do que outros lugares em que outros países sulamericanos Então tá nesse continente com certeza o Brasil é o mais forte e sim pode ser uma vitrine sim para atletas que jogam que atuam no Brasil

Não vejo como as únicas formas não vejo como únicas formas de impulsionar a modalidade não eu acho que é um conjunto de de melhorias na própria CBF pode fazer mais coisas apesar de já tá melhorando como eu falei anteriormente os próprios clubes né que agora tem essa obrigatoriamente tem que abraçar não seria legal se fizesse de qualquer jeito teria que ser uma coisa muito planejada querer mesmo fazer a modalidade a mídia também eu acho que é um dos pilares questão importante a mídia divulgar o futebol feminino os canais fechados e os canais abertos passaram de competições não apenas somos recentemente foi só a Copa do Brasil mito o campeonato brasileiro e paulista também está por aí e ninguém divulgar nada ainda tá quase chegando na semifinal e não tem divulgação alguma então que não seja apenas 4 meses de divulgação que seja durante o ano inteiro como acho que ele não é

Talvez mas pouquíssima coisa sobre a visibilidade ela não país a gente acabou de conquistar o campeonato brasileiro e foi um barulho muito grande a gente achou a vida as mídias divulgaram o canal 1 canal transmite Tio foi um barulho muito muito estrondoso mas a gente já caiu novamente no esquecimento em relação a continuidade de isso tá rolando campeonato paulista ninguém sabe o que tá acontecendo campeonato paulista então a visibilidade tem que ser durante o ano inteiro mas as pessoas lembram que a gente foi campeão brasileira assim como lembra como que foi o desempenho do Brasil na Olimpíadas é todo tipo é muito bem Vista né mas ao mesmo tempo tem essa questão de ser Coitada de ser um esporte que as pessoas não notam de esporte que as pessoas não abraçam e isso que é uma visibilidade que eu não acho muito positiva né O que ele fez com a visibilidade como vôlei feminino tem e a gente ainda não está nesse patamar

Eu acho que o preconceito de hoje em dia é menor do que épocas passadas mas eu não é não é assim ainda não ainda não ainda existe preconceito Sim Isso é indiscutível só que eu acho que antes era maior e também normal né Dani épocas passadas porque o futebol feminino no Brasil tem pouco tempo para pensar tem pouco tempo então ela se enfrentarão as dificuldades que a gente sem dúvida alguma nunca sofri eu não sei quando mais nova quando era uma menina se ela me de 10 e 11 anos de idade que meus amiguinhos acabavam me chamando de Mulher macho porque eu jogava mas hoje em dia adulta não nunca sofri nenhum preconceito pelo menos diretamente ligado a mim

A cultura brasileira que é complicado é triste na verdade assim como o azul é de homem rosa de mulher cada vez mais isso vem diminuindo o que cores não falam não fala sobre gêneros e o futebol é visto como o esporte de menino porque eles os meninos desde cedo jogos meninos para jogar futebol e a gente que as meninas para jogar queimada para ficar conversando para ficar jogando tudo vem no futebol como se fosse de homem então isso é uma coisa de gerações passadas de época passada é o importante é que essas gerações as próximas gerações não tenho que lidar que futebol é coisa para homem se tiver coisa para homem e para mulher tranquilamente que quando é um pai e uma filha querer jogar futebol que o pai incentive isso é extremamente importante que os pais incentivam a prática do futebol para suas filhas

O que eu penso em fazer quando eu pendurar as chuteiras a partir para o meio jornalístico esportiva. Estudo jornalismo e daqui a pouco estou me formando e pretendo atuar nessa área

JULIANA CABRAL

Bom desde pequena eu sempre quis jogar futebol na verdade na época praticava vários esportes mas o futebol era o que eu mais gostava tem um irmão que é dois anos mais velho do que eu então eu sempre brinquei com ele quando a gente não podia ir para Rua brincava de futebol dentro de casa quando podia ir para Rua brincava de futebol e costuma brincar aqui ele foi a minha a minha base no futebol feminino né porque o futebol feminino enfim agora é que a gente tem um pouco de base na minha época não se tinha então a minha iniciação foi assim o meu grande incentivador Sem dúvida nenhuma foi o meu pai que sempre quis ter um filho

jogador de futebol e quando viu que eu levava jeito para coisa sempre me apoiou e incentivou me levou para tudo que foi lugar para conseguir conquistar meu sonho Ação medalhas importantes conquistas inesquecíveis na de Santo Domingo veio primeiro no Panamericano Uma expectativa muito grande para se conquistar aquela medalha numa final contra o Canadá na fase de grupos nós havíamos goleados é goleado elas e afinal foi bem complicada o jogo marcado por um dia vinte minutos de jogo cai uma tempestade o jogo teve que ser adiado para o dia seguinte a gente acabou vencendo na na prorrogação quando a Cris sai da reserva e entra para para resolver um belíssimo belíssimo passe da da formiga né até hoje eu tenho aquela aquele lance muito gravado na minha na minha medalha na minha cabeça e a medalha de prata em fim foi um trabalho completamente diferente quando o Renê Simões assumiu a Seleção Feminina desde o início nós falávamos de pódio e sonhávamos com o ódio e a realização da daquele sonho foi Foi incrível realmente aquele fã aquele trabalho foi foi Fantástico

Bom o que me fez parar foi a a situação em que a modalidade vivia no nosso país naquela época que eu jogava em 2008 jogava no Corinthians de uma proposta para ir para Alemanha acabei recusando porque eu enfim jogava no time de ponta tinha meu salário em dia vivia com a minha família e perto do meu pai perdi minha mãe muito cedo nunca quis fazer minha vida longe dos meus irmãos e do meu pai e para minha surpresa no ano seguinte com a promessa de que o time continuaria tudo surgiu um time novo uma comissão técnica nova e apenas cinco meninas foram escolhidas daquele time e e eu não estava entre as cinco em fim Acredito eu que aquilo foi uma falta de respeito muito grande com todas pela promessa do trabalho e no ano seguinte quer dizer todo mundo teve que sair às pressas buscando uma equipe para para jogar e eu acabei me desmotivando na época já tinha feito alguns trabalhos na televisão falava demais começava a perder espaço já na seleção já não tinha tanto as metas tantos sonhos e acabei resolvendo encerrar muito cedo né as atividades no futebol

Em relação ao futebol feminino bastante coisa né a gente ver um jogo mais rápido a gente consegue enxergar atletas em campo e não jogadoras uma estruturação tática muito melhor a questão técnica também vem evoluindo bastante então é um jogo um jogo bem diferente do que eu atuava por exemplo na minha época nós costumávamos jogar muito com Três zagueiros com sobra hoje a maioria das

eleições e dos clubes jogam com a primeira linha linhas em sobra né então tem uma mudança Grande

Bom a seleção mudou bastante no comando da da Emily né a gente percebe é uma seleção mais coletiva com o jogo mais apoiado com laterais mais agressivas é um conceito de jogo bem definido coisa que a gente tinha dificuldade de enxergar muitas vezes se viam a seleção individual uma seleção com muita ligação direta e a Emily é uma menina que estuda muito que se dedica demais a modalidade merecidamente assumir um cargo importante e tem correspondido muito bem a ganhar e perder faz parte do jogo faz parte do processo eu espero que ela tenha a possibilidade de cumprir Um Ciclo Olímpico porque eu tenho certeza que ao término do ciclo nós teremos boas notícias

A base no futebol feminino é recente né a gente pode falar aí de Base a 45 anos atrás claro que alguns grupos trabalham há muito tempo mas agora que a gente começa a ter campeonatos frequentemente né a Federação Paulista por exemplo a primeira vez lançou o seu campeonato esse ano A CBF ainda não tem nenhum campeonato de base apesar de ter as as seleções de base então eu vejo uma revolução pequena de Passos muito curtos mais que vem acontecendo e que é importantíssimo porque a mulher dentro do nosso país foi 4140 anos proibida de jogar futebol e a gente tem um atraso do técnico físico enfim um atraso geral e é muito importante esse desenvolvimento desde cedo

Só questão da Conmebol é engraçada senhor Sou contra qualquer imposição porém eu acho que dentro do nosso país se não for assim as coisas não vão andar hoje com o Profut com essa questão da Conmebol quer dizer a gente tem vários clubes montando e abrindo as portas e dando oportunidades para jovens meninas que sonham o que sonham ser jogadoras de futebol em relação a como é bom eu fico curiosa em saber como é que será a Libertadores porque eu acho que a Conmebol faz uma transferência gigantesca da responsabilidade dela para os clubes porque desde 2009 nós temos uma Libertadores indecente com Campos inadequados com uma competição que dura 10 15 dias com dificuldade de transporte Enfim uma série de coisas agora se ela está obrigando todos os clubes a terem não adianta você só obrigar você precisa dar condições então ficou curiosa em saber como é que será a nova organização da Libertadores principalmente em 2019 que é Quando começa essa obrigatoriedade

Eu não acho que os clubes serão não serão é possibilitado. Até a dívida fiscal mas certamente eles terão que ter uma punição por isso eu acho que a regra do Profut é muito clara em relação ao futebol feminino é mais clara ainda porque não existe regra nenhuma na verdade você apenas precisa investir no futebol feminino como será esse investimento em que categoria isso não tá dizendo nada ali né agora a partir do momento que você não cumpre uma regra uma punição você tem que ter. E aí é isso que a gente espera que aconteça não só em relação ao futebol feminino mas em todas as outras questões apresentação de documento e uma série de coisas e pagamento que se não acontecer precisa se ter uma punição.

EMILY LIMA

O futebol naquela época é comparado com os outros países ele não difere de hoje é a mesma comparação são as mesmas dificuldades o diferencial hoje é que nós continuamos no mesmo lugar e na minha época existiam quatro seleções que a gente poderia falar que eram as potências mundiais de futebol feminino e o que difere hoje a evolução de várias outras seleções então várias outras seleções investiram na modalidade nos países e a gente continua no mesmo lugar e assim é literalmente no mesmo lugar é claro ouvir algumas evoluções em relação aos campeonatos ao formato dos campeonatos mas desde a minha época existe existe campeonato brasileiro só querem um outro formato é existe existia o campeonato paulista existiu alguns torneios como Rio São Paulo enfim existe alguns outros torneios né hoje nós temos a série A1 e série A2 e o campeonato paulista que é o Campeonato Estadual mais competitivo

Bom minha experiência na seleção portuguesa foi fantástica eu consegui enxergar algumas realidades eu consegui enxergar o quanto nós estávamos realmente atrasado em relação a vários aspectos a valorização do futebol feminino no nosso país em relação à seleção Portuguesa e a Seleção Brasileira está falando de 2007 a 2009 se eu não me engano o Brasil estava Entre Rios no ranking da FIFA entre os 5 melhores entre até os 4 melhores Portugal estava em 45º 46º E aí foi subindo no ranking e nós tínhamos muito mais coisas que a seleção portuguesa oferecia do que a própria Seleção Brasileira então assim na época né então foi uma experiência muito interessante muito boa para minha carreira

Nunca passou pela minha cabeça ser treinadora o auxiliar técnico o que eu queria era assim trabalhar com a modalidade né era assim trabalhar diretamente com o futebol feminino é mais como uma gestora uma coordenadora é supervisora e foi assim que eu comecei antes de chegar no Juventus eu trabalhei como supervisor administrativo e depois Na mesma portuguesa eu acabei ajudando Prisco Palumbo como assistente técnica dele não diretamente assim Mas a gente sempre trocava ideias no campo também no treinamento ajudava ele no que eu achava necessário e daí então veio a oportunidade ade de treinar o Juventus mas veio por conta do meu irmão dizer que eu tinha o perfil para ser treinadora que para eu investir nisso e assim foi um empurrão mesmo para a função de treinadora foi do meu irmão

Bom treinar categorias de base no Brasil é muito difícil é muito complicado assim te prepara para qualquer dificuldade que você venha encontrar depois que você passa por ela imagina um país que não tem campeonato sub-17 que não tem campeonato sub-15 que não tem campeonato sub-20 que não tem nada de base e você tem que fazer uma seleção Nacional de base então é bastante difícil mas nós conseguimos fazer uma equipe que a ideia era fazer essa equipe para que a sub-20 colher sem os frutos né Então essa sub-17 que Eu n sei lá em 2013 foi a que disputou o mundial da categoria O ano passado e e ela que vai disputar as competições agora com a sub-20 o ano que vem né então isso é interessante a gente e lapidando essas essas pedras preciosas Por que são preciosos e a gente só toma cuidado é tremendo com elas para que a gente consiga ter essa evolução aqui dentro da própria CBF já que não tem as competições de base Vamos trabalhar aqui dentro mesmo já que a CBF proporcionar trabalhar com as 17:20 Então a gente tem que fazer um investimento de 100% nessas atletas

Bom momento é inexplicável né momento é de muita alegria muita gratidão é muito prazer muito desejo de querer trabalhar mais e mais né então eu acho que é um momento único na vida de qualquer pessoa e por ser a primeira mulher é isso é uma tendência que que nós que estamos mais envolvido com a modalidade já sabíamos que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer é a FIFA vem vem exigindo aí mulheres na comissão técnica nos mundiais tanto das categorias de base como na Dutra Então eu acho que quem se ir se preparando e quem estiver na frente com certeza vão ter essas oportunidades muito mais rápida do que algumas pessoas algumas treinadoras ou ex-atletas que estão começando a se formata o iniciando na

então eu sempre Deixo esse recado estudo em faça o que tem que fazer trabalho hein Porque a oportunidade vai aparecer e a gente tem que tá preparada para isso A cobrança ela é constante não só para para conquistar o mundial e Olimpíadas mas a cada data FIFA é uma cobrança de resultado é uma cobrança de trabalho isso é normal e natural e a gente tem que saber lidar com isso agora minha maior preocupação hoje não é mundial e olimpíada e sim a Copa América que é o que classifica para o mundial e olimpíada

Olha o fato de você é uma mulher você até colocou bem Ajuda Nas questões Extra Campo só dentro de campo a linguagem a linguagem é a mesma tanto com homem como para mulher tanto as atletas sendo treinados por homem como mulher mas acredito que nós temos essa sensibilidade acredito eu dar uma opinião minha nós temos essa sensibilidade um pouco mais apurada do que o homem de entender que atleta tem algum problema e aí a gente conversa fora do campo e a gente consegue ter uma abertura maior às vezes falar sobre coisas mesmo pessoais e que muitas vezes a gente não tem essa abertura de de falar sobre certas coisas com com um homem mas é na minha opinião é somente essa a diferença

Olha independente da forma que está sendo feito para que a gente possa desenvolver a modalidade nos países eu acho que a gente tem que aproveitar o momento então se a reformulação que a Conmebol tá querendo fazer a própria CBF a partir de 2018 a correr a partir de 2019 eles entenderem que for para melhora da modalidade que só assim as coisas vão funcionar Então a gente tem que abraçar e continuar trabalhando que as coisas vão melhorar pra todo mundo e claro o aumento de atleta Isso vai acontecer naturalmente e o mercado de trabalho para os treinadores preparadores físicos em fina para as funções da comissão técnica também então acredito que que vai-se criar também muito muito emprego para para muita gente que às vezes está parado por conta de falta de mercado e acredito que isso vai ajudar todo mundo da maneira que está sendo obrigada mas a gente tem que aproveitar o momento

Bom na minha opinião o que é preciso nas categorias de base é criá-las é criar as categorias de base por que nós não temos então primeiro a gente tem que criar e daí a gente tem que pensar o que fazer para profissionalizar todos os processos então os clubes pensar na base e daí a gente pensar em algo maior que a profissionalização

CRISTIANE ROZEIRA

Bom na verdade eu comecei jogando futebol com 7 anos de idade mas com a 16 anos eu ganhei na escolinha de meu irmão treinava e acompanhava ele e sempre no final dos treinamentos eu acabava entrando em campo correndo atrás da bola chutando mas nunca teve essa coisa de ar eu vou jogar futebol simplesmente Comecei a jogar e me interessar uma coisa que me interessava muito então eu eu não parei desde então não parei

Eu não eu não tive muito assim um incentivador tão grande né na verdade minha mãe não gostava muito que eu jogava que eu jogasse futebol quando era pequena meu pai ele liberava mais assim mas não tinha aquela coisa de me empurrar e falar vai jogar futebol porque não era muito difícil né a gente um preconceito maior ainda aquela época não tinha tantas meninas jogando assim pelo menos a onde eu morava ele no colégio foi com o passar dos anos mesmo que eles viram que não tinha mais jeito que é foi uma coisa que eles procuraram me incentivar e tentar me ajudar com isso daí mas de começo não tive muito não eu ia porque eu gostava e não pensava em se eu não ficava triste se ninguém me incentivar se eu simplesmente eu queria fazer e eu fazia por mim

O futebol profissional no Brasil a gente nunca teve isso né Desses profissionais inclusive até hoje tem equipes que as outras não tem carteira assinada se eu não me engano acho que só o Santos faz isso eu a minha a minha trajetória inteira jogando no Brasil nunca tive carteira assinada domingo tive uma vez passei pelo Santos também eles eles fizeram comigo por um por um período mas não foi difícil não não tive tanta dificuldade assim eu tive para poder ter as coisas para poder me manter para poder ter um material teve ajuda também não da minha família porque eles não tinham condições de um vizinho que acabou incentivando acabou insistindo muito e minha mãe acabou deixando ele que pagou toda a escolinha para mim ele que comprou material e eu que atrás né Por que também não tinha dinheiro de transporte então eu acabava indo andar velocista minutinhos até os 12 anos de idade para poder treinar Então as minhas maiores dificuldades foram foram essas entendeu não de ter que entrar em alguma equipe fazer teste tem que entrar mas fora isso né DDT todo esse suporte que a minha família não tinha condição de me dar e mesmo assim eu eu ia atrás enfim não pensava que a Tá longe Ah eu vou andar tá chovendo eu não tenho dinheiro para comprar um lanche em cima não pensava nisso eu tenho só pensava no futebol

Assim a gente sempre sofre né De vez em quando a gente escuta uma gracinha ou outra mais bem menos do que antes eu acho que a gente mostrou para todo mundo que futebol é tanto para homem quanto para mulher não tem que provar mais nada né claro que ainda assim sempre tem um babaca um outro que gosta de soltar uma graça sem saber o mínimo ou pesquisar um pouco sobre a modalidade Mas eu sempre soube lidar com isso desde mais nova quanto mais velha não era uma coisa que me abalava Não claro me deixava chateada mas não era uma coisa que me fazia desistiu simplesmente parar no caminho por conta de preconceito

Olha no Brasil eu confesso que eu vou sempre cobrar isso a gente vai sempre cobrar por que a gente sabe que eles podem dar mais a gente sabe que que tem lugares que podem incentivar mais a modalidade Claro que tem um clube outro que acaba ajudando mais se você fizer uma pesquisar fundo tem vários lugares ainda que que são carentes de ter um incentivo de ter uma estrutura para o futebol feminino Então isso é uma coisa que que a gente não vai cobrar até o que tiver que cobrar né teve uma mudança Claro não vou mentir de antigamente para cá teve uma mudança em algum alguns aspectos e eu torço para que seja daí para trás para frente né Geralmente eu já vivi situações em que começava o andar e simplesmente voltar para trás de novo então a gente torce para que a modalidade continue crescendo

Olha os outros países bom cada um tem tem tá tenso estrutura possível né tem um lugar que são mais avançados tem outros que também estão tentando a Rússia pelo menos eles têm o futebol eles tem que incentivar eles Tenta dar uma estrutura Bacana aqui na China também é que é diferente né o futebol brasileiro na Europa é completamente diferente Lá é outra coisa é uma coisa gigante né ou as equipes masculinas geralmente de camisa geralmente tenha feminina e não é porque alguém obrigou ela já terem ela simplesmente têm eles incentivam a modalidade tem uma organização muito grande eles dão a estrutura e você disputam a Champions League né que é o que é o maior campeonato que tem hoje europeu Então essa é a grande diferença em relação ao Brasil e teve agora na Conmebol divulgou foi obrigado as equipes terem o futebol feminino é um pouco triste né porque a gente sabe que eles acabam fazendo porque Obrigado senão eles não disputaram o campeonato eu acho que se fosse uma coisa mais natural a gente se sentiria mais à vontade até feliz de ver que fala de poder ver e falar caramba eles realmente te incentivam de vontade própria mas já que obrigado então que eles

cumpram isso e não simplesmente só tem a camisa e fala nós temos a camisa para elas e agora é com elas entendeu Eu acho que é da estudar estrutura escutar um pouco atleta porque nós temos muito boa muito boas ideias para várias coisas só que às vezes as pessoas não escutam simplesmente não não querem saber entendeu então eu torço para que depois disso de fato Ou as equipes de estrutura e incentivem a seguir o futebol feminino

Em relação a torcida assim lá fora a gente acaba tendo um pouquinho número maior né de torcedores até por conta das equipes masculinas então a torcida do masculino vai incentivo acompanha principalmente em jogos da Champions League né No Brasil a gente tem tem não tem um Iranduba que até hoje é o lugar onde tem mais torcida onde acompanha mais a modalidade eu não vi nenhum outro lugar tem o Santos também que eles gostam muito do time feminino incentivam para caramba o tempo que eu passei lá a gente chegou a pegar jogos com 15 mil torcedores na então tem alguns lugares que tem outros que ainda são carentes né E ainda tem aqueles que vão e vam para xingar então tem um tem a diferença é essa

Ah chega para da Seleção Brasileira foi uma alegria muito grande né Eu era muito moleque então eu não tinha dimensão do que era chegar uma seleção brasileira né eu fui Terça dimensão Quando eu fui para a Seleção adulta para base e eu fui foi aquela loucura todo mas eu eu ainda não tinha ideia né porque eu tinha só 15 anos só uma menina então não tinha mama dimensão do quanto a querer importante quando eu comecei a ser ver a seleção adulta foi quando me deu um baque maior né porque eu via as referências na época as meninas que que as vezes eu acompanhava na televisão ou jogava contra então foi foi aí que eu falei caramba eu tô aqui dentro Olha o quanto você é importante para mim e e o quanto eu quero né agora eu quero isso

Olha para a gente foi assim uma alegria muito grande grande poder chegar numa final de olimpíadas 2004 então não período tão curto né porque quando René sumiu ele tinha 5 meses para poder montar uma seleção brasileira e ele em 5 meses conseguir montar uma seleção né e eu fiquei muito feliz porque ele ele é meio ficou muito as idades né Nós éramos muito novos eu fui com 18 anos para mim olha o primeiro límpida e ter tido a oportunidade de poder jogar e ele confiar que isso foi mais importante a confiança que ele deu para mim foi maior ainda né de infelizmente aquele fã a gente tem um gostinho amargo porque esse povo foi uma final que teve um pênalti assim muito absurdo a nosso favor II árbitra simplesmente não deu Então

esse é mais doloroso por conta disso entendeu 2007 então também foi foi uma alegria muito grande porque a gente veio de uma Copa do Mundo muito boa 2007 infelizmente perdeu para Alemanha também na final e mais uma vez né lá lá estava Estados Unidos em um jogo muito disputado Então mas para a gente a gente tem um orgulho muito grande de ter essas medalhas em casa a gente sabe que o povo brasileiro Eles não têm isso eles não tem a dimensão do quanto é importante você conquistar uma medalha na Ele estende que você precisa ser o ouro precisa ser ouro porque senão o resto não importa não importa porque foi muito difícil foi muito duro poder ficar ali e poder conseguir aquilo né com todas as dificuldades que que o futebol feminino tinha e a gente ainda assim conseguiu e jogar o pan em 2007 foi absurdo né sair de dentro do vestiário e dar de cara com estádio lotado foi a maior alegria que a gente já teve Por que a gente ninguém imaginou que um jogo de panela mericano fosse lotar o estádio assim então foi uma alegria foi um orgulho uma coisa que acho que não só eu mas nenhuma menina vai esquecer esse carinho esse apoio que toda a torcida deu para a gente e eu acho que acabou marcando né acho que foi que marcou o dia de muitas pessoas que não tinha oportunidade de acompanhar poderia olhar e falar caramba o futebol feminino não tem muitas meninas são demais então acho que a partir dali a gente acabou ficando mais conhecida né

Então eu vou corrigir você porque assim eu acho que esses dados que você tem dos vou sair são Dados que A CBF não tem total porque eles não marcam a quantidade de jogos nem gosto que a gente tem Infelizmente os dados que eu tenho atualizados hoje que meu clube levantou são de 136 gols e 148 jogos pela seleção total que eu tenho só para te ajudar com a sua pesquisa que eu sei que você deve ter pegado aí é no Google algum lugar mas infelizmente Eles não têm esses dados nossos atualizados então é tecido artilheira nas olimpíadas nas quais o passeio para mim foi bater uma surpresa né porque como eu disse 2004 eu era reserva eu entrei porque um atleta se machucou e as coisas começaram a acontecer começar a dar certo para mim e 2008 a mesma coisa 2008 Comecei bem e de repente deu uma caída no jogo outro mas depois voltei a fazer o que eu sempre fiz então isso para mim foi um orgulho eu tenho orgulho muito grande das coisas que eu conquistei com tanta dificuldade Porque as pessoas não fazem ideia tanta coisa que eu e as outras meninas passaram para a gente poder ter o que tem hoje para ter feito história história que a gente fez dentro da seleção com muito pouco então isso para mim eu

vou guardar para o resto da minha vida eu espero poder jogar minha última olimpíada e assim decretar de vc se esse número que eu tenho Olha aí só essa notícia de que saiu que eu sou jogadora mais bem paga do mundo eu acho que você é muito é uma notícia muito fraca É de quem passou essa informação ao vivo porque você para você saber disso Você precisa fazer uma pesquisa mundialmente de todas as atletas o quanto cada uma recebe eu duvido muito que alguém tenha feito isso então isso para mim é muito fora de questão eu vejo hoje o que eu recebo de acordo com aquilo que eu fiz então eu tô muito feliz dia de receber o que eu recebo aqui hoje porque mostra o meu valor mostra que eu fiz o mostra o que eu fiz no PSG né porque a minha temporada no PSG foi muito boa eu fiz 33 jogos de 31/12 Então eu acho que nada mais merecido do que tem um contrato bacana né e é uma coisa que eu esperei há muitos anos ou a muitos anos esperando ter um contrato no qual é pode mudar muita coisa para mim para minha família e me ajudar então eu só não consigo ver ele como maior do mundo né Eu acho que isso isso daí aí tá meio fora de questão acho que a pessoa acabou falando aí uma bobeira não sei com qual intuito é mas eu estou muito satisfeita com que tem me acontecido aqui me sinto muito feliz e não posso falar você vai ficar curioso não posso divulgar não tá bom Espero que possa ter te ajudado com as respostas e qualquer coisa você pode entrar em contato de novo tá bom beijão

ROSANA AUGUSTO

Desde pequena sempre gostei muito de esportes né e eu sempre fala que o futebol me escolheu eu não escolhi o futebol não e jogava na rua com os meninos e dia que tinha um certo talento e fui gostando cada vez mais os times foram me vendo e me contatando. Meu maior incentivador foi o meu irmão e depois da minha mãe eles fizeram de tudo para que eu conseguisse viver do futebol né fazer os testes mais para frente continuar jogando futebol

A minha trajetória para o futebol profissional foi muito rápido eu comecei com 12 anos a jogar futsal na escola e aí é um time que jogava Federação me viu esse time jogou contra o São Paulo São Paulo me viu e pediu para que eu fizesse um teste no campo foi aí que tudo começou São Paulo tinha um time aspirantes E aí a gente jogou contra o time profissional na época era o seu Zé o treinador gostou e me chamou e aí eu fui com 15 anos eu já tava no profissional São Paulo

Já sofri com preconceito sim. Quando eu era menor é o meu pai mesmo não gostava que eu jogava Por que ele achava que era coisa de menino alguns jogos na própria arquibancada as pessoas gritavam alguns palavrões a sapatão vai cozinhar lugar de mulher não é aí esse tipo de coisa que a maioria das meninas principalmente na antiga geração sofreu bastante com isso acho que hoje diminuiu um pouco sim até porque hoje passa um pouco mais na TV as pessoas têm acesso pela internet e ver que não era aquele futebol é chato melhorou bastante em relação a isso e acho que em geral né a mulher vem ganhando espaço em todos os mercados mas o preconceito ele ainda existe infelizmente mas diminuiu sim.

No no elenco passa um momento muito feliz da minha vida foi o primeiro time europeu que eu joguei a dificuldade maior foi com a língua mesmo né que é o alemão muito difícil mas dentro do campo me adaptei muito rápido eu acho que talento brasileiro prevaleceu e foi que me ajudou até uma breve adaptação e a minha melhor lembrança do no clube só umas as amizades que eu fiz foi a minha primeira Champions League mesmo não sendo um time tão expressivo a gente tava Champions League era sempre muito legal o ambiente as fases de grupo que agente disputava essa essa é a minha melhor lembrança

A minha primeira passagem pelos Estados Unidos foi ótima não é a primeira vez que teve a WPS que era liga americana antes a liga profissional e foi para SkyBlues foi o time foi campeão foi muito bem naquela competição foi um dos pilares do time foi aí talvez que as pessoas começaram a me conhecer um pouco mais foi um ano muito bom para mim me destaquei bastante

Os times europeus enxergam brasileiro sempre da mesma forma né com habilidade que vão definir os jogos eles acham que a gente tem qualidades que eles não tem é por isso que Normalmente eles nos contratam Em contrapartida sabem que as competições aqui não são tão organizadas no nível tão forte Quanto quanto delas lá a diferença de torcidas Sim muita porque lá além lá nos outros países não é que eu falo fora do Brasil sempre tem mais torcidas e eu diria que é um povo mais bem educado aqui no Brasil você ainda escuta muito xingamentos tem um certo preconceito acho que a principal diferença lá mas incentivador digamos assim

A minha primeira convocação foi muito legal porque eu tinha ouvido boatos que eu seria convocada mas na época era o Ilsinho e o seu Zé os treinadores. E o Ilsinho tava no programa de TV no Mesa Redonda se não me engano e meu irmão já sabia que por que na propaganda ele falou que soltaria convocação e a minha primeira

convocação foi pela TV e aí meu irmão minha família toda ficou muito muito feliz e meu irmão soltou fogos ele tinha comprado fogos e foi muito bacana esse momento eu acho que eu tive bastante momentos marcantes assim na seleção não é desde a primeira Olimpíada que eu botei em 2017 para 18 anos 2004 Acho que foi o marco do futebol feminino Foi um momento de mudança de conceito com henê oppan foi sensacional porque foi no Brasil as pessoas passaram a conhecer um pouco melhor o futebol feminino Mas não tão importante deixa de ser importante 2008 que também foi a medalha de prata são várias passagens legais importantes que eu tinha na seleção e foi sensacional ter conquistado a medalha de prata em duas Olimpíadas e um Mundial porque a gente não tinha o mesmo respaldo que as outras seleções tinham mais a gente tinha muito talento e foi um momento que começou a se consolidar um momento bom da Seleção Brasileira né

É muito interessante na final do Pan Porque a gente já cresceu no vestiário e a gente não tinha ideia da quantidade de pessoas que tinha na nas arquibancadas a gente se perguntou Nossa será que não vão vir e quando a gente saiu que a gente viu aquela multidão toda foi de arrepiar né Foi eu foi um Marco para o futebol feminino para mim foi uma experiência extraordinária Eu acho que o pan 2007 Foi sim um dos melhores momentos da minha carreira era semifinal para mim foi muito especial por ter feito os dois gols e te ajudar a classificar o time para final minha família também tava no estádio e acho que foi um dos primeiros jogos pela seleção que eles conseguiram ver pessoalmente assistir né então foi um momento muito muito especial Teve até uma situação engraçada que a torcida Começou a cantar uma música com meu nome eu comecei arrepiar e saiu um pouco ali do jogo foi foi o momento histórico para mim

Eu acho que depois da olimpíada as pessoas entenderam o que realmente é o futebol feminino e parar um pouco com a comparação com masculino sempre falava nas minhas entrevistas as oportunidades que eu tinha que as pessoas tinham que aprender a apreciar o futebol feminino da maneira que ele ele nunca vai ser igual masculino né e acho que depois da olimpíada as pessoas os torcedores tiveram uma identificação maior porque o feminino ela tem certeza que ainda joga por amor à camisa

Eu acho que não só no esporte não é o brasileiro ele sempre investe pensando a curto prazo e o futebol feminino Eu acho que vai ser algo rentável no futuro mas é algo para se investir a médio e longo prazo e Infelizmente sim é só lembram quando

a Seleção Brasileira está em alta na modalidade o que a gente precisa mudar isso mas há uma série de fatores que contribuem na acho que as coisas estão interligadas desde conceitos de futebol divulgação intensidade de jogo Calendário eu acho que tudo está interligado e disposição para querer fazer acontecer também né

Eu acho que falta estrutura física mas também conhecimento acho que aqui no Brasil se estuda muito pouco futebol tanto no masculino como no feminino eu acho que essa mudança de conceito já pode ajudar bastante a modalidade

Eu acho que sim com a exigência da Conmebol acho que vão aparecer futuros talentos Porque vão ter mais equipes na de quantidade a gente acaba tirando qualidade também na Europa e nos Estados Unidos nada é imposto eles vem o futebol feminino crescendo desenvolvendo e acredito que pensam em ter lucro mais para frente. O Lyon por exemplo é um time que já tem a 10 anos e virou uma espécie de caixa dois do masculino quando o masculino não tem dinheiro emprestado pelo feminino até o masculino conseguiu repor esse dinheiro é um pensamento muito interessante do presidente do Lyon mas Vale ressaltar que ele gosta muito do feminino também lá fora também o que tem de bom é que as categorias de base né lembro que no Lyon já tinha de Sub 7 até sub-21 então já saindo na frente e a maioria dos clubes têm o time principal do time B alguma categoria de base coisa que não temos aqui no Brasil

Em relação ao Centro de Formação ainda é um projeto que está andando devagar pelo fato de ter estado fora do Brasil por algum tempo então não consegui tocar da forma que eu queria mas tá indo devagarzinho e tenho certeza que futuramente vão aparecer novos talentos para o futebol brasileiro

CAMILA MARTINS

Ele vende uma loja bacana eles vêm Tecnicamente taticamente muito bom eles vem e tem noção de que as brasileiras tem um gingado diferente que eu acho que é uma coisa que só brasileiro tem né que é o improvisado que é muito isso mas foi falar em questão de visibilidade em questão de apoio aí elas estão na frente com certeza né nesse meio e vem que sim no Brasil tenho mais dificuldade atualmente saiu a carta da Marta e E aí é muita realidade que muitos jogadores vivem infelizmente é nós não Gostaríamos que fosse assim que tivesse tanta dificuldade Mas acabou acontecendo né mas elas vem futebol brasileiro dentro de campo só falar

Tecnicamente estaticamente muito bom sim muito eles dão muito suporte para essas jogadoras brasileiras essa jogadores internacionais naquele chama o que vem de fora causa das australianas e o caso das Brasileiras que estão aqui em Orlando eles dão Total suporte eles nos tratam super bem da minha parte a parte que tem as vezes eu preciso da tradutora Então ela sempre tá lembrado dá suporte que é no caso da Taís que é uma brasileira que vem nos ajudando muito aqui e com as aulas de inglês que atualmente o clube tá tá disponibilizando para nós brasileiros mas o suporte é no geral e é muito bom

A torcida é muito diferente aqui você em qualquer jogo você coloca talvez 3 de 3 a 5 mil pessoas não não não posso dar o número exato para você mas visualmente eu acredito que seja isso e no Brasil não no Brasil você precisa de Talvez uma semifinal de uma final para você colocar bastante gente dentro do estádio Talvez uma exceção de em Manaus que sempre coloca bastante público em jogos bem importantes e talvez em estreias isso é bem bacana teve um caso em Santos Que Foi incrível mas é diferente aqui todo jogo tem uma quantidade bacana de pessoas que no Brasil infelizmente não tem um incentivo da torcida também é muito grande e toda hora eles estão incentivando tão motivado e e todos eles ficam no final do jogo para ter uma um retorno não dê um retorno né mas assim a gente e nós atletas vemos que eles querem a nossa atenção por um momento então tem momento do final do jogo que todos os atletas ficam ali ensinando tirando foto isso é bacana e no Brasil isso não acontece no Brasil é acabou o jogo acabou o jogo algumas pessoas mínimo as pessoas ficam mas a grande maioria vai embora e talvez não espere o jogo terminar e também aqui todos sabem o nome das atletas das jogadoras no Brasil não no Brasil Eles assistem porque eles gostam mas se colocar ele no papel pergunta a ele quais são essas jogadores talvez não saiba falar o time o time todo

Questão salarial eu vejo eu vejo uma diferença sim isso é de jogadora para jogadora de atleta para atleta No meu caso eu sinto a diferença em ato aqui nos Estados Unidos atual no Brasil eu acho que muitas jogadoras vem essa diferença é a mais isso vai de atleta para atleta e é isso Olha a pergunta 5 eu gostaria muito que isso acontecesse porque nós fazemos mesmo mesmo Esporte nós jogamos futebol nós estamos ali dentro das quatro linhas e teria que ser de igual para igual mas a gente sabe que não é assim que funciona aqui nos Estados Unidos também não era assim até que elas brigaram por isso e hoje recebem está bem pela seleção O que é masculino recebe e acho muito justo no Brasil poderia ser assim mas a gente sabe

que essa não é a realidade e talvez isso nunca aconteça nós mulheres recebemos o mesmo salário que o masculino Infelizmente não infelizmente mas nós vamos continuar lutando vamos continuar brigando por que nós fazemos isso com amor Independente de valores nós gostamos do futebol nós vamos continuar jogando

Eu acho que na mídia mesmo divulgações previsibilidade e que os clubes e as pessoas acreditem que inicia o futebol feminino além de futebol brasileiro gosta de ser um jogo bonito é uma forma de investimento de lucro porque o futebol feminino tem isso é só basta só basta ele se investir em e ver o futebol feminino como profissional que eu acredito que a visibilidade seja seja boa

Sente essa questão da Libertadores que os times masculinos acredito que seja isso tem que ter o futebol feminino eu achei muito interessante infelizmente a gente tem que forçar a gente Eles foram os clubes a ter futebol feminino nós não Gostaríamos que fosse assim mas já que foi na minha visão eu acredito que nós temos que mostrar que eles demoraram muito para fazer isso demoraram muito para vestir que não assim somos atletas jogamos de igual para igual nós jogamos Como já falei jogamos ele nas quatro linhas e isso que importa nós não queríamos que fosse uma coisa é uma obrigação mas é que foi assim eles vão ver que o futebol feminino se é muito bom e e pode levar grandes títulos ao clube

Como é feito é uma coisa uma pergunta Muito boa essa assim Eles veem tudo que eu já falei aqui Eles vem no futebol feminino como um investimento eles não colocaram o futebol feminino aqui em Orlando só porque a não todo mundo tem então nós vamos ter o futebol feminino aqui em Orlando não eles colocaram futebol feminino também como uma prioridade para eles também como forma de investimento colocar o futebol feminino como também um espetáculo assim como treino masculino isso é muito bacana nós recebemos o presidente da CCB Hinos os chefes né superiores num num treino nosso E eles vieram falar com a gente e vieram nos agradecer pelo que a gente vem fazendo no decorrer da competição e tudo mais e isso que eu legal porque eles vieram até nós nos incentivando falando que é para gente continuar que eles vem como um investimento e gosto e gosto e eles têm as atletas aqui no clube porque eles vêm isso no geral no público e eles não querem parar por aqui eles querem que o pai de seja muito mais muito mais mesmo então se todas as pessoas talvez tivessem o pensamento que a diretoria do Orlando tem talvez o futebol feminino seria muito grande muito mais

BEATRIZ ZANERATTO

Verdade é até engraçado falar de início de carreira porque desde muito pequenininha Acho que uns 4 aninhos ali Eu já gostava de futebol já gostava de brincar com a bola e com 7 anos eu já tava numa primeira escolinha e jogando com os meninos né mesmo que pela escola a gente tinha campeonatos é um dia disputava com os meninos e ele foi onde iniciou tudo né nunca pensei em ser jogadora de futebol Eu só pensava em brincar de jogar bola e amava aquilo tempo que eu pude eu tava tava brincando na rua na escola onde fosse onde tivesse uma bola eu queria tá então acho que o início mesmo foi a partir daí depois depois disso não parei mais jogar bola todo o campeonato que tinha eu queria tá é só que sempre no meio dos meninos pela dificuldade que era e até um pouquinho hoje não temos muitas meninas ainda jogando futebol mas naquela época Ainda era um pouco menos Então tava sempre no meio dos meninos e sempre buscava dar o meu melhor ele mas tudo como uma brincadeira né então acho que as coisas foram acontecendo naturalmente

Minha mãe Acho que sonho de mãe né quer que a filha seja bailarina Na verdade era um gosto dela né então ela queria que eu fosse bailarina mas depois também ela ela entendeu que eu gostava mesmo era de esporte era do futebol levou um tempinho né para ela entender isso mas é bacana que hoje em dia eu vejo ela me dando puxão de orelha falando porque eu fiz isso e não fiz aquilo dentro de campo Eu acho que isso é fantástico para mim hoje é um dia ela quis que eu fosse Bailarina e hoje ela ela vive meu sonho comigo né torce vibra como uma torcedora fanática que eu sei que ela é e me acompanha tanto que já aprendeu até um pouco das regras do futebol

Não é porque era eu era pequena só teve alguns problemas de tipo alguns pais ou até mesmo alguns Alguns Times dos meninos querendo me tirar dos campeonatos né que falavam que era só uma menina e eu era o único que estava no meio deles então eles queriam meio que me ver também né só que eu tinha um drenador aquele que é o Luiz que ele sempre foi um paizão também para mim me acompanhou depois desde o início e até hoje ele me acompanha ele sempre brigava Por mim fazia todos os tipos de cores possíveis para eu pudesse estar jogando e sempre rola uma a uma coisa e a outra é dia de quê futebol na para menina essas essas coisas que é graças a Deus hoje já não fazem tanta diferença a gente sabe o que a gente quer a gente sabe da nossa qualidade nosso potencial Então essas

coisas vão ficando um pouco para trás c&a tá um pouco do teu passado né mas acho que ainda assim tem um pouco desse preconceito mas acho que a gente sobre dá um pouco melhor com isso com o passar dos anos mas na época era que o que eu sofri um pouquinho foi mais isso essa falta de entendimento de alguns pais e até alguns clubes por não ter nela a verdade eu não tenho muita outra opção por que não tinha muitas meninas na época eu precisava jogar com eles porque era que eu gostava de fazer mas foi eu foi uma época muito gostosa onde apesar de ter um outro que queria prejudicar muitos Pais muitos clubes assim que sempre incentivavam mesmo sabendo a dificuldade mas por acreditarem no meu potencial

Foi um momento marcante também na minha carreira onde eu conquistei vários títulos acho que foi um dos que eu conquistei diversos títulos e que me trouxe muita alegria sair de Araraquara sem saber muito como seria lá por ter a noção de ter muitas meninas acho que na época tinha um quarenta e graças a Deus E como eu trabalho eu conquistei o meu espaço e ainda foi titular naquela selesantos né então foi um momento marcante na minha carreira poder jogar ao lado de duas dois ícones da do futebol feminino como Marta Cristiane e Companhia também então foi um momento especial que eu vou levar para sempre para minha vida

O pessoal tem um carinho muito grande pelo futebol brasileiro né uma admiração Na verdade acho que pelo nosso estilo né do brasileiro jogar eles acham bonito e é diferente do que eles tem aqui né aqui é mais Toque de Bola velocidade e a gente tem toda aquela qualidade de vida aqui é o nosso diferencial então eles admiram demais essa qualidade do brasileiro tanto do mundo feminino como no masculino e aqui no meu time não é diferente do que os coreanos no geral Pensa aí eu falo Prefiro falar individualmente do meu clube né Hyundai Red Angels acho que não estou aqui a 5 anos à toa né acho que eles abraçaram tanto eu como a Thaís e tudo que eles podem fazer por nós eles têm feito para nos manter aqui para nos ajudar eu acho que tem sido uma uma troca recíproca não é porque ele tem nos eles fazem tudo por nós e nós também nos doamos ao máximo ao máximo em cada jogo para que possamos ter um melhor resultado né então acho que essa parceria é uma certa União aí faz a diferença e que a gente tenha bons resultados e a sua permanência aqui por tanto tempo Acho que a gente fica por isso

É muito feliz em ver os últimos jogos do brasileiro feminino porque pela torcida que os times que conseguiram levar os estágios Eu acho que o futebol feminino

precisa disso para o seu crescimento e foi muito importante para a modalidade ensina aqui na Coreia não é diferente a gente percebe cada vez mais o incentivo da torcida nos acompanhando tenho tempo conseguido mais jogos sendo transmitidos no decorrer dos anos mas eu espero ainda que isso venha crescer cada vez mais e não que paga teve a época das Olimpíadas no Brasil que a gente achou que era o áudio de uma menina que só queria crescer né deu uma uma uma como posso dizer não continuou naquela atenção né deu uma uma que houve uma queda tanto no Brasil como eu acho que no futebol feminino geral mas fiquei muito feliz em ver que no brasileiro pelo menos ali na na reta final a torcida acompanhou vibrou estava presente junto com seus times e eu acho que o futebol feminino cada vez mais precisa desse apoio para que ele possa crescer e desenvolver cada vez mais

Existe uma diferença salarial Acho que por isso que a maioria Quando tem a oportunidade e sai para jogar fora do Brasil em busca de algo algo melhor tanto salarial como até estrutural e mais a gente espera que um dia essa realidade aí no Brasil mude e que nós brasileiros gostamos reside no nosso país e poder fazer o que a gente gosta perto de casa perto dos amigos com certeza vai ser uma realização nosso também é é um sonho jogar uma Champions jogar uma liga mais forte diferente fora do Brasil mas também contamos muito pela falta de estrutura e salarial que a gente ainda é precária no Brasil então por isso a gente às vezes muitas vezes opta por jogar fora e ter um algo a mais ou algo melhor tanto para nós comprar nossa família buscando sempre algo melhor

Na minha opinião seria o justo né Nós mulheres ganharam o mesmo que o que os homens ganham né mas isso já já acho que ele já tem em mente que no Brasil isso não será possível pela desigualdade que existe se tratando de futebol feminino e masculino em relação a tudo estrutura em investimentos então a gente sabe que isso não não é uma realidade né É um sonho Talvez Mas é com jogadora de futebol feminino sonhar nunca nunca é demais então eu espero que um dia isso possa ser real mas trazendo para nossa realidade hoje a gente sabe que existe um abismo aí de salário entre entre futebol feminino e masculino

A forma que para desenvolver o futebol feminino e ter mais visibilidade tendo mais transmissões dos jogos né mostrando mais do futebol feminino ele fica meio escondido muitas vezes não temos nenhum e nem as transmissões dos jogos da seleção quem dera os campeonatos estaduais o próprio brasileiro ele não tem muita divulgação e nem transmissão Então como as pessoas podem ver futebol feminino

se ele não é mostrado Então eu acho que falta muito isso falta de apoio falta falta aqui empresas se interessar em um pouco mais pelo futebol feminino e fazer com que ele se desenvolva e cresça para que ele ganhe e o seu seu espaço merecido pelo trabalho que que todas as meninas fazem de entrega de coração que colocam dentro de campo quando o negócio é oportunidade de fazer aquilo que elas não é porque sou feminina ele é amor puro né você ver meninas que as vezes não não tem nenhum salário Mas elas estão lá por amor porque elas vão fazer aquilo então acho que é só paixão ela Ela poderia ser um pouco mais valorizada e ter o seu espaço merecido

Acho que eu não queria que chegasse a esse ponto né mas talvez seja uma forma de fazer com que acredite em um pouco mais do futebol feminino mesmo sendo meio que obrigatório né é meio forte Essa palavra não queria que fosse dessa forma mas que assim seja e que a modalidade possa ganhar o seu espaço diante disso e que a gente possa desenvolver o futebol feminino no Brasil e que ele alavanque de uma vez para que a gente consiga concretizar tudo aquilo que a gente sonhou um dia para o futebol feminino de ter o seu valor e seu espaço mesmo que de uma forma um pouco obrigatória né mas talvez assim a gente consiga o melhor para o futebol feminino

Acho que só com uma divulgação dos jogos começando cada vez mais a serem transmitidos da liga da própria seleção nosso time hoje conta com oito meninas que compõem a seleção da Coreia Então é os times que acaba sendo mais divulgados pelo pela numeração de atletas de seleção Então acho que isso alavanca um pouco mais tanto o Red Angels como o futebol feminino na Coreia e esse que ele acaba sendo um pouco mais divulgado passando na TV entendo essa divulgação um pouco maior e fazendo a diferença né para Coreia e as meninas conseguem aparecer um pouco mais tendo o seu espaço e o seu reconhecimento

Torcida em filas que elas não se comparam né mas é sempre aquela aquela satisfação em ver o seu seu time jogando e sempre apoiando ainda acredita mãe que tanto aqui como no Brasil falta ainda mais torcedores nos estádios a gente sempre que eu tenho a oportunidade em algum imprevisto eu falo isso que cada vez mais possam vir nos acompanhar nos jogos porque quase sempre fica também o mais para reta final né a torcida nos acompanhar porque gosto da remoção da da da da reta final dos campeonatos mas que cada vez mais expansão acompanhar o

nosso jogos na sequência de rodadas daí não só na reta final. E os clubes não são obrigados a ter um time feminino é mesmo por livre e espontânea vontade deles. É diferente. Acho que nem cada treinador tem um estilo né. Eu acho que o Vadão teve o seu momento, teve a sua contribuição para o futebol feminino para a seleção brasileira e agora é a era Emile né. Então acho que ela vem conseguindo mostrar o seu trabalho cada vez mais e eu acho que ela também fará grande diferença para a modalidade e tudo que ela puder fazer pelo futebol feminino ela fará. Ela irá agregar da melhor forma possível contribuir para que a gente possa conquistar títulos pela seleção né. Agora agora é o mais recente que temos é a Copa América em 2018 agora aqui que se inicia se não me engano em abril então já é um teste forte e importante para que a gente possa cada vez mais crescer dentro do futebol feminino e conquistar títulos. Que ela possa fazer um grande trabalho e eu tenho certeza que ela veio para somar na Seleção Brasileira.

LEONARDO SAMAJA

Sou treinador de futebol, com longa trajetória em categorias de base no futebol argentino, e desde 2014 fazendo parte do Staff da ATFA, o sindicato de treinadores da Argentina e instituição responsável por formar de forma obrigatória todos os treinadores argentinos.

As categorias de base em nosso país, na grande maioria dos clubes do país, seguem uma linha filosófica que responde ao DNA e história do clube. A educação é prioridade nas etapas infanto-juvenis, por essa razão os clubes contam com escolas de ensino fundamental e médio em suas dependências, tratando-se de escolas particulares abertas ao público geral e nas quais os atletas federados concorrem de forma obrigatória. Isto facilita e muito o processo formativo do atleta em seus anos de base.

Não acompanho muito o futebol feminino no Brasil. Na verdade, por ser pouco divulgado e ter pouco espaço nas mídias e canais esportivos, fica difícil ter acesso como opção. No futebol argentino vem ganhando espaço o futebol feminino há alguns anos. A AFA tem grande responsabilidade neste sentido incentivando assim como também exigindo aos clubes o repasse de verbas para a modalidade feminina. Até existir uma consciência plena, acredito que a ordem deve baixar de forma rigorosa. Com o decorrer dos anos, isto deverá tornar-se uma prática habitual e indiscutível.

A disciplina não vinha sendo remunerada. Em muitos casos eram utilizadas bolsas para atletas destacadas. Porém, isto aos poucos vem mudando. Os clubes começam a dar valor a suas atletas, porém ainda estamos longe de conseguir ter um futebol feminino com atletas que sejam 100% profissionais, que possam se dedicar full-time e viver disso.

A desigualdade entre homens e mulheres ocorre em todos os âmbitos da vida, desde o setor privado empresarial até o esportivo. Fazendo uma leitura rápida em relação ao futebol, posso imaginar que em grande medida o que motiva no plano esportivo a esta desigualdade é o pouco interesse que pode despertar no público acompanhar o futebol feminino. Não há como impor ou instalar a paixão. O trabalho então deve ser encarado como formiga, com paciência e perseverança, políticas concretas e contínuas. Começar a abrir o espaço em horários centrais para divulgar o futebol feminino. Veja só, e como opinião pessoal, se o UFC não tivesse ocupado o espaço nas mídias não teria alcançado a dimensão que tomou. A tal ponto que sua exposição está transformando a mentalidade dos jovens nas ruas, o nível de violência instalado cresce a cada dia com garotos imitando e levando a jaula às brigas em praças e baladas. Mas, evitando desvirtuar o assunto, onde queria chegar é neste ponto. As mulheres conseguiram destaque no UFC, o público comprou e hoje as veladas tanto masculinas quanto femininas são acompanhadas, independentemente de que o ganho continua sendo inferior e desigual.

Então, o futebol, deveria seguir esse caminho. A exposição em horários centrais, conquistar espaços em jornais e blogs esportivos, sites de notícias esportivas apresentar como destaque também. Invadir as casas, seduzir o público.

Argentina conquista o Campeonato Sul-americano feminino em 2006, o que foi um grande acontecimento. Mas o trabalho vem sendo voltado a conquistar um espaço nos clubes. A AFA está fornecendo espaço e disponibilizando recursos para a Seleção Argentina de Futebol Feminino, as atletas hoje percebem essa mudança e o interesse por parte de nossa Federação. Da mesma forma que ocorreu com o Futsal na Argentina, que com disciplina e ordem conquistou a última Copa do Mundo, o futebol feminino está percorrendo um caminho de fortalecer suas bases. Que o trajeto não seja de ida em direção a um rumo desconhecido. Por muitos anos o futebol foi improvisado, as políticas foram de auxílio e não estruturais. Há alguns anos o rumo tomado é de fortalecimento e conquista de bases sólidas, que permita sempre estar crescendo, avançar lentamente, porém sem pausa.

A seleção de base vem participando das competições continentais, o que representa um grande passo. Nisto a AFA vem investindo, e promovendo. Aliás, o Sul-americano Sub17 será disputado em nosso país. Hoje o foco está em participar, acumular horas de voo, somar experiência, milhas de viagens com a bola no pé. O prêmio chega, com tempo.

Quanto à seleção Brasileira, samba e talento. Brasil se destaca naturalmente. Porém o futebol feminino vem se equilibrando, e já a genética não decide por si só. Deverá se somar ao processo evolutivo que está vivendo o futebol em matéria formativa para manter e melhorar seu rendimento evitando perder seu lugar com outras nações mais preocupadas com estes aspectos.

Não só no futebol feminino, senão também no masculino. Mas como nos compete nesta troca de ideias a modalidade feminina, reafirmo minha postura, claro que sim. Em minha opinião, essa rivalidade é mais Brasil vs Argentina, que de nossa parte com o Brasil. Na Argentina temos grande admiração pelo Brasil, pelos grandes jogadores que deu o país. No futebol Ronaldo o fenômeno foi ídolo de gerações. Ayrton Senna nossa referência no automobilismo (acima de Fângio). Guga Kuerten no tênis sempre se sentiu local em Buenos Aires, nunca visitante. Há muita agressividade por parte do torcedor brasileiro contra o argentino, sinto isto muitas vezes. E a mídia faz sua parte. Aqui em qualquer jogo da seleção do Brasil você pode ouvir de Galvão Bueno, por exemplo, frases como “que bom que percam os hermanos”. Na Argentina se existe algum comentário em transmissões fazendo referência ao Brasil é só para destacar, e muitas vezes negativamente contra nosso próprio futebol.

APÊNDICE C – ROTEIRO DO RADIODOCUMENTÁRIO

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 1
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

VINHETA - O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

[SONORA] TORCIDA – JOGO

(LOC – com ênfase de narrador esportivo)

E estamos aqui acompanhando esse grande jogo da Seleção Feminina de Futebol. Diante da torcida, as atletas do time brasileiro se cumprimentam, vibram e fazem a festa dentro de campo. São grandes jogadoras, muitas delas reconhecidas nos gramados internacionais, onde são tratadas de forma profissional, com apoio de equipe multidisciplinar, salários compensadores e apoio técnico. E fora do gramado? Quem conta pra gente é o repórter Guilherme Dorini. É com você, Guilherme...

(RODA MÚSICA E VAI À BG)

(LOC – GUILHERME, ênfase como repórter de campo)

Pois é, Clayton, fora do campo, a vida das jogadoras de futebol feminino está muito longe da festa observada nas arenas brasileiras. A maioria delas enfrenta muitas dificuldades para permanecer no esporte e ser reconhecida profissionalmente. Esse cenário, no entanto, pode mudar. É o que você confere agora.

(VHT – FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: UM RADIODOCUMENTÁRIO SOBRE O ESPORTE)

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 2
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

(LOC – Ênfase narrativa)

A Seleção Brasileira de Futebol Feminino conta com grandes jogadoras. Entre as atletas comandadas pela treinadora Emily Lima, estão Bárbara, com o número um nas costas, no gol; Tamires, número seis, na lateral direita; Aline Calandrini, com a três; e Rafaelle, com a quatro, formando a defesa. Letícia, com a numeração 15, na lateral esquerda. No meio de campo, Thaisa com a camisa número cinco; Fran com a sete; Beatriz Zaneratto com a oito e Rosana Augusto com a 19. No ataque, a seleção conta com as mais experientes goleadoras: Marta, cinco vezes melhor do mundo, com a dez. Outra craque da bola é a camisa nove, Cristiane Rozeira, que já fez 136 gols em cento e 48 jogos com a camisa da seleção brasileira.

(LOC)

Do outro lado, suas maiores adversárias são: no gol, a falta de profissionalização; nas laterais, o baixo salário, e na zaga, a falta de visibilidade e de incentivo. O páreo é duro, pois, no meio de campo, está a falta de investimento e patrocinadores para a modalidade, e, no ataque, o machismo e o preconceito. Estes, aliás, são os maiores inimigos do nosso Time Nacional de Futebol Feminino.

(RODA MÚSICA E VAI À BG – Hino Nacional Brasileiro no Estádio)

[ES] APITO – JUIZA

(LOC)

E começa o maior combate da modalidade feminina...

O jogo começa bastante tenso... O motivo? Há anos o futebol feminino sofre ataque quase fulminante do preconceito. Exemplo disso foi o Decreto-Lei número 3 mil cento e 99, de 1941, que proibia a prática de futebol entre mulheres. O decreto vigeu até 1975. Além disso, as mulheres sofreram outro impedimento.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 3
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

(LOC)

Em 1964, o Conselho Nacional de Desportos, o C-N-D, proibiu o futebol feminino de ser praticado. Essa decisão somente foi anulada em 1981, impedindo a profissionalização do esporte entre mulheres até o início da década de 80.

A professora Silvana Vilodre Goellner, co-curadora da exposição Visibilidade para o Futebol Feminino, conta que o decreto contribuiu negativamente para a visibilidade das mulheres no esporte, especialmente no futebol.

TÉCNICA – SONORA 1 SILVANA – TEMPO TOTAL: 1´46”

D. I. [02'00"] - " A invisibilidade das mulheres no futebol

D. F. [02'46"] - ... acho houve essa forma de invisibilidade."

(LOC)

A insistência de dirigentes do sistema educacional brasileiro em classificar o futebol como um esporte de homem é outro elemento que impede a visibilidade feminina no esporte. A avaliação é de Roberta Cardoso, jornalista do site Dibradoras, que surgiu da união e da amizade de quatro meninas que sempre foram apaixonadas por esporte e por futebol.

TÉCNICA – SONORA 2 ROBERTA – TEMPO TOTAL: 1´03”

D. I. [06'06"] - " Eu acho que toda criança tem que ter

D. F. [07'09"] - ... e só deles."

(LOC)

Para Roberta, a ausência de apoio tem sido gradativamente superada pela nova geração.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 4
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

TÉCNICA – SONORA 3 ROBERTA – TEMPO TOTAL: 1´40”

D. I. [07’30”] - “ Eu acho que a nova geração de meninas

D. F. [08’10”] - ... surgindo para quebrar paradigmas.”

(LOC)

Quando a paixão pelo futebol fala mais alto, muitas meninas e adolescentes têm como única opção jogar em times mistos. A atacante e ídolo do time coreano Red Angels, Beatriz Zanerrato, de 22 anos, começou jogando somente com meninos.

Natural de Araraquara, no interior de São Paulo, Bia, atualmente titular da seleção brasileira, conta ter passado por situações complicadas. O apoio veio de seu treinador, que sempre a defendia, escalando-a para competir pelo time nos campeonatos estudantis.

TÉCNICA – SONORA 4 BEATRIZ – TEMPO TOTAL: 1´14”

D. I. [02’35”] - “ Me falavam que era só meninos

D. F. [03’49”] - ... mas por acreditarem no meu potencial.”

(LOC)

Rosana Augusto, a lateral que atuou pela seleção há 18 anos e hoje não usa mais a camisa amarela, também já sofreu bastante com o ataque adversário: o preconceito. Quando era menor, o seu pai não gostava que ela jogasse futebol e, até mesmo nas arquibancadas, alguns vulgos torcedores acabavam desferindo xingamentos.

TÉCNICA – SONORA 5 ROSANA – TEMPO TOTAL: 2´57”

D. I. [01’30”] - “ Ele achava que era coisa de menino

D. F. [02’27”] - ...ele ainda existe, infelizmente.”

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 5
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

(LOC)

Alline Calandrini, zagueira do time feminino do Santos, as Sereias da Vila, diz que a cultura brasileira enxerga o futebol como um esporte para meninos. Isso se reflete no pensamento de que o azul sempre será cor de homem e o rosa, cor da mulher.

TÉCNICA – SONORA 6 ALLINE – TEMPO TOTAL: 2´19”

D. I. [05'35"] - “ Isso é uma cultura brasileira que é complicado...”

D. F. [06'44"] - ...a prática do futebol para suas filhas.”

(LOC)

Andressa Alves, a primeira brasileira a vestir a camisa do time feminino do Barcelona, um dos mais renomados clubes europeus da atualidade, também já sofreu muito com os ataques do preconceito. Hoje menos. Para a jogadora, o preconceito é uma doença e dificilmente se muda a cabeça de alguém assim.

TÉCNICA – SONORA 7 ANDRESSA – TEMPO TOTAL: 2´19”

D. I. [00'18"] - “ Ah, já sofri de ser xingada...”

D. F. [00'45"] - ...vai continuar sendo preconceituoso.”

(LOC)

Uma das mais importantes jogadoras que já passou pela nossa seleção e defendeu o Brasil por 17 anos, a também atacante Cristiane Rozeira, atribui ao preconceito o fato de poucas meninas atuarem com a bola nos pés.

Na sua época de criança, aos 6 anos de idade, quando se apaixonou pelo esporte, Cristiane acompanhava o irmão aos treinamentos. Nesses dias, gostava de entrar em campo, ao final, para correr atrás da bola.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 6
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

A mãe não gostava muito de vê-la jogando futebol. Já o pai a deixava bater bola, mas nunca foi um grande incentivador. Com o passar dos anos, seus pais viram que não teria jeito e começaram a incentivar Cristiane.

TÉCNICA – SONORA 8 CRISTIANE – TEMPO TOTAL: 1´42”

D. I. [02’39”] - “ Foi com o passar dos anos mesmo que eles...

D. F. [03’03”] - ...eu simplesmente queria fazer e fazia por mim.”

(LOC)

Foi essa crença em seu potencial que motivou Cristiane a continuar seguindo em frente. Para ela, o mesmo ocorre com as atletas da seleção brasileira, que já mostraram ao mundo que o futebol é para o homem e para a mulher. Para a atacante, elas não têm de provar mais nada para ninguém.

TÉCNICA – SONORA 9 CRISTIANE – TEMPO TOTAL: 1´40”

D. I. [03’40”] - “De vez em quando...

D. F. [04’00”] - ...parar no caminho por conta do preconceito.”

VINHETA – INTERNACIONALMENTE FALANDO SOBRE O FUTEBOL FEMININO

(LOC)

O futebol feminino tem outros adversários além do preconceito. Para Leonardo Samaja, treinador argentino e coordenador no Brasil da Associação de Treinadores do Futebol Argentino, o braço acadêmico da Associação de Futebol da Argentina, a desigualdade entre homens e mulheres ocorre em todos os âmbitos da vida, desde o setor empresarial até o esportivo.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 7
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

Na visão de Samaja, driblar essas desigualdades deve envolver políticas concretas e contínuas, o que pode despertar um público para acompanhar o futebol feminino. Ele até compara esse assunto com outro esporte, o *Ultimate Fighting Championship*, o popular U-F-C.

TÉCNICA – SONORA 10 LEONARDO – TEMPO TOTAL: 1’54”

D. I. [05’47”] - “ O que motiva no plano esportivo

D. F. [07’07”] - ...Invadir as casas, seduzir o público.”

(LOC)

Essa poderia ser uma das mudanças desse jogo para neutralizar o meio de campo adversário, formado pela falta de investimento e patrocinadores.

A treinadora Emily Lima conseguiu enxergar, por meio da ótima experiência como jogadora da seleção portuguesa, como o futebol feminino brasileiro está atrasado.

TÉCNICA – SONORA 11 EMILY – TEMPO TOTAL: 1’50”

D. I. [02’50”] - “ Bom, minha experiência na seleção portuguesa

D. F. [04’00”] - ...do que a própria seleção brasileira na época.”

(LOC)

Nessa mesma linha, a professora Silvana Goellner realizou um estudo comparativo entre Portugal e o Brasil. Com relação ao futebol e outras modalidades esportivas, chamou sua atenção a positiva atuação da Associação Portuguesa de Mulheres Desporto em busca do empoderamento das mulheres no futebol e no esporte em geral. A pesquisa demonstrou que a discussão da equidade de gênero dentro do futebol é cada vez mais necessária.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 8
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

TÉCNICA – SONORA 12 SILVANA – TEMPO TOTAL: 1´16”

D. I. [06´10”] - “ É, eu penso que talvez no Brasil

D. F. [07´06”] - ...dentro do esporte é algo que se torna necessário.”

VINHETA - E A DIFERENÇA SALARIAL DAS JOGADORAS?

(LOC)

Uma das coisas que chama a atenção nesse grande jogo é a falta de igualdade salarial entre atletas masculinos e femininos. A diferença aumenta as chances para o preconceito fazer o primeiro gol da partida.

Camila Martins, a Camilinha, meia do *Orlando Pride*, dos Estados Unidos, defende que as mulheres recebam de forma igualitária aos homens, pois fazem o mesmo esporte. Ela dá o exemplo da seleção norte-americana, que, após brigar pelas condições financeiras iguais, atualmente recebe muito melhor.

TÉCNICA – SONORA 13 CAMILA – TEMPO TOTAL: 1´18”

D. I. [02´02”] - “Na minha opinião seria o justo...”

D. F. [03´16”] - ...gostamos do futebol e nós vamos continuar jogando.”

(LOC)

A reivindicação americana, cujos valores não foram divulgados, foi acertado em 2017 após um ano de negociações. O acordo estará vigente no Mundial da França, em 2019, e nas Olimpíadas de Tóquio, em 2020, e permanece até 2021.

Beatriz Zaneratto compartilha da mesma opinião de Camilinha. Receber igual a homens seria justo, mas ela sabe que essa não é a realidade. Mesmo assim, um dia espera que o sonho se torne realidade.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 9
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

TÉCNICA – SONORA 14 BEATRIZ – TEMPO TOTAL: 1´47”

D. I. [04’23”] - “Na minha opinião seria o justo...”

D. F. [05’36”] – “...gostamos do futebol e nós vamos continuar jogando.”

(LOC)

Uma notícia que rodou o mundo foi a da Federação da Norueguesa de Futebol, que equiparou os salários anuais da seleção masculina com a da feminina. O acordo, que foi muito aplaudido mundo afora, contou com a compreensão dos jogadores da equipe principal.

A Federação propôs aos homens a redução de duzentos e vinte mil reais para essa equiparação e a proposta foi aceita.

A partir de 2018, então, as duas seleções passam a receber o mesmo salário, ou seja, cerca de 2 milhões e seiscentos mil reais por ano para ambas as equipes. O time feminino recebia antes 1 milhão e duzentos mil reais.

Atualmente, a Noruega ocupa a segunda posição no ranking mundial de seleções de futebol feminino. O Brasil está em sexto lugar.

Ainda que as duas seleções estejam entre as dez melhores do mundo, preconceito e baixos salários separa o Brasil da Noruega quando o assunto é futebol feminino.

VINHETA - A FINAL QUE FICARÁ GUARDADA NA MEMÓRIA

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 10
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

(LOC)

Nas Olimpíadas, a modalidade só entrou no ano de 1996 enquanto a do masculino foi em 1900. Apesar dessa diferença, a equipe feminina estreou com o quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta, feito que se repetiu em Sidney, em 2000. Logo depois, foi medalha de prata em Atenas e Pequim.

Nos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro, as brasileiras conquistaram a medalha de ouro, posto que já haviam alcançado na final do Pan de Santo Domingo, em 2003.

Para a lateral Rosana Augusto, do Internacional de Porto Alegre, os jogos Panamericanos de 2007 serão sempre históricos e um marco para o futebol feminino. Na ocasião, as jogadoras não tinham ideia de que o estádio estaria lotado para ver aquela final. Rosana, na semifinal, fez os dois gols que classificaram o Brasil para a conquista do ouro.

TÉCNICA – SONORA 15 ROSANA – TEMPO TOTAL: 2´14”

D. I. [13’31”] - “ A gente não tinha ideia da quantidade

D. F. [14’43”] - ... jogo foi o momento histórico para mim.”

(LOC)

A atacante Cristiane Rozeira lembra que foi muito difícil chegar à final do Pan 2007, por conta de todas as dificuldades do futebol feminino.

TÉCNICA – SONORA 16 CRISTIANE – TEMPO TOTAL: 1´46”

D. I. [02’00”] - “ Foi muito difícil, foi muito duro poder ficar ali

D. F. [02’46”] - ...partir dali a gente acabou ficando mais conhecida né.”

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 11
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

(LOC)

Rosana acredita que, depois de 2016, a comparação com o masculino foi reduzida. Para ela, no entanto, a modalidade feminina nunca será igual à masculina.

TÉCNICA – SONORA 17 ROSANA – TEMPO TOTAL: 0´46”

D. I. [06´10”] - “ Eu acho que depois da Olimpíada

D. F. [06´56”] - ...tem certeza que ainda joga por amor a camisa.”

(LOC)

Mesmo sem a medalha de ouro nas Olimpíadas, em 2016, no Rio de Janeiro, quando terminou em quarto lugar, a seleção feminina viu a torcida lotar as arenas apoiando as jogadoras até o fim. Isto mostra que a modalidade já vem conquistando o seu espaço e prestígio e tem conseguido atrair as meninas que desejam seguir a carreira no futebol.

VINHETA: QUAL SERÁ O FUTURO DA MODALIDADE NO BRASIL**(LOC)**

A Federação Internacional de Futebol, F-I-F-A, acredita que, em 2019, ano em que será disputado o próximo Campeonato Mundial feminino, na França, 45 milhões de mulheres e meninas estejam envolvidas com o esporte.

Os números foram expostos pela diretora de desenvolvimento do futebol feminino da entidade, Mayi Cruz Blanco, em matéria publicada no site da E-S-P-N, no dia 13 de abril de 2016.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 12
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

A reportagem também indicou que, em 2016, 130 associações se beneficiaram dos programas de desenvolvimento do futebol feminino. Este número recorde permitiu que 451 atividades fossem organizadas exclusivamente para a modalidade ao redor do mundo.

Mas como fazer com que essas meninas no Brasil tenham mais respaldo? A treinadora Emily Lima, que já treinou as categorias sub-15 e sub-17 e a equipe principal, avalia que esse treinamento da base é muito complicado, mas prepara as atletas para qualquer dificuldade que encontrarão depois.

TÉCNICA – SONORA 18 EMILY – TEMPO TOTAL: 1’52”

D. I. [05’20”] - “ Imagina um país que não tem campeonato sub-17

D. F. [06’32”] - ... tem que fazer um investimento de 100% nessas atletas.”

(LOC)

Algumas entidades de futebol já parecem ter essa visão de jogo. Exemplo disso é o regulamento de clubes da Confederação Sul-Americana de Futebol, Conmebol. Criadas em 2016, as regras determinam que, a partir de 2019, somente poderão participar da Copa Libertadores da América os clubes de futebol sul-americanos que tiverem um time formado por mulheres na disputa de competições nacionais.

Este é um dos vários requisitos que deverão ser cumpridos pelos times interessados em participar de competições tanto da C-B-F quanto da Conmebol e da F-I-F-A. Outras exigências envolvem estrutura, como centro de treinamento e estádio, profissionalização de dirigentes, gestão financeira, entre outras.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 13
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

Juliana Cabral, ex-atleta e comentarista esportiva dos canais E-S-P-N, é contra qualquer imposição. Mas acredita que em nosso país, se não for assim, não vai funcionar. Para ela, a Conmebol transfere de forma gigantesca a sua responsabilidade para os clubes de futebol.

TÉCNICA – SONORA 19 JULIANA – TEMPO TOTAL: 2´10”

D. I. [02´46”] - “ Hoje com o Profut com essa questão da Conmebol

D. F. [03´56”] - ... precisa dar condições.”

(LOC)

A artilheira Cristiane Rozeira diz que essa obrigatoriedade é triste e, se fosse uma pouco mais natural, as mulheres se sentiriam muito mais à vontade. A atleta acredita que os dirigentes deveriam escutar mais as jogadoras e ex-jogadoras. Cristiane está na torcida para que as mudanças incentivem mais a modalidade.

TÉCNICA – SONORA 20 CRISTIANE – TEMPO TOTAL: 1´19”

D. I. [04´03”] - “ É um pouco triste né, porque a gente sabe

D. F. [05´16”] - ...incentivem a seguir o futebol feminino.”

(LOC)

Já Rosana Augusto avalia que as modificações da Conmebol para 2019 criarão futuros talentos. Como exemplo, ela cita o clube Lyon, da França.

TÉCNICA – SONORA 21 ROSANA – TEMPO TOTAL: 1´19”

D. I. [07´40”] - “ Com a exigência da Conmebol acho que vão aparecer

D. F. [08´36”] - ...categoria de base, coisa que não temos aqui no Brasil.”

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 14
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

(LOC)

Cristiane Rozeira, que atualmente joga no clube chinês *Changchun Dazhong*, garante sempre irá cobrar suporte profissional à modalidade. Ela torce para que o futebol feminino continue crescendo no nosso país.

TÉCNICA – SONORA 21 CRISTIANE – TEMPO TOTAL: 3’01’’

D. I. [07’40’] - “Isso a gente vai sempre cobrar...”

D. F. [08’36’] - ...torce para que a modalidade continue crescendo.”

(LOC)

Em setembro de 2017, uma jogada perigosa estremeceu os sonhos de algumas jogadoras brasileiras. Emily Lima foi demitida da seleção brasileira feminina. Como efeito, cinco jogadoras preferiram não vestir mais a camisa do time nacional.

Cristiane, as laterais Rosana e Maurine, a meia Francielle e a zagueira Andreia foram as atletas que optaram pela aposentadoria. A atitude foi uma manifestação contra a decisão da C-B-F em demitir a primeira treinadora mulher da seleção feminina, com apenas dez meses no cargo.

Em vídeos divulgados na Internet, as jogadoras criticaram a diferença salarial e a decepção com o modo como a equipe é dirigida pela Confederação Brasileira de Futebol.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 15
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

Após isso, em outubro, em reuniões na sede da CBF, no Rio de Janeiro, jogadoras, ex-jogadoras e pessoas envolvidas com o esporte, como a ex-atleta Juliana Cabral, a professora Silvana Goellner e Cristiane Rozeira, por meio de videoconferência, a entidade aprovou a criação de um comitê para o futebol feminino. O objetivo é traçar o desenvolvimento da modalidade no Brasil, seguindo recomendações da FIFA.

A entidade mundial recomenda a inclusão de mulheres na C-B-F, a criação de um departamento de Futebol Feminino, e o desenvolvimento de projetos para identificar talentos. O presidente da entidade, Marco Polo Del Nero, prometeu que cumprirá as promessas, como relembra Silvana, presente nas reuniões.

TÉCNICA – SONORA 21 SILVANA – TEMPO TOTAL: 0’20”

D. I. [07’30”] - “ O presidente ficou muito atento e ouviu toda nossa pauta.

D. F. [07’50”] - ...atentos aos movimentos e perceber o que vem pela frente.”

(LOC)

As esperanças de promoção ao futebol feminino no Brasil, além da já comentada participação da Libertadores em 2019 pela Conmebol, envolvem a adesão dos clubes ao Profut, que é o programa de refinanciamento das dívidas dos clubes com a União.

Uma das condições do Profut é a manutenção de investimento mínimo na formação de atletas e no futebol feminino. A fiscalização ficará por conta da Autoridade Pública do Futebol, a quem cabe estabelecer padrões de investimento em formação de atletas e no futebol feminino, conforme a estrutura da entidade desportiva profissional.

RADIODOCUMENTÁRIO	LAUDA 16
REDATOR: GUILHERME DORINI	
LOCUTOR: GUILHERME DORINI	
ASSUNTO: O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	

Outra é o registro de transferências internacionais das jogadoras no T-M-S, ou seja, o Transfer Match System, que o Comitê Executivo da F-I-F-A definiu. Em 2018, esse sistema será obrigatório e passará a monitorar o mercado internacional de transferências publicando dados oficiais das transações. Com a decisão, as atletas mulheres entrarão oficialmente no mercado de transferências nacionais e internacionais com datas de janelas determinadas pela F-I-F-A.

(TÉCNICA)

Sobe E.S. Torcida e vai a BG

(LOC)

E para finalizar, hoje, dos 20 times da Série A de 2017, apenas sete contam com equipes de mulheres. Bem, Clayton, são essas as informações que tenho para passar. Segue aí com você na cabine.

(Narrador)

Obrigado, Guilherme Dorini. Este será um grande desafio nesse jogo importante e sem data para terminar. Aqui, neste grande estádio do Brasil, o futebol feminino segue pressionando os adversários, que tentam diminuir a modalidade.

(TÉCNICA)

Sobe E.S. Torcida Comemorando Gol e continua até a ficha técnica.

(LOC)

Este produto integra o Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo desenvolvido pelo aluno Guilherme Dorini sob orientação da professora Daniela Bochembuza. Participações especiais: Clayton Santos e Juliana Neves. Trabalhos técnicos por Guilherme Dorini. Bauru, dezembro de 2017.

APÊNDICE D – LINK PARA O RADIODOCUMENTÁRIO

Radiodocumentário disponível no link: <https://goo.gl/d6kHRB>

APÊNDICE E

AUTORIZAÇÕES DAS ENTREVISTAS

Autorização – Andressa Alves (André –Assessor de Imprensa)



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o “*Futebol Feminino no Brasil: um radiodocumentário sobre o esporte*”, desenvolvido por Guilherme Fenelon Santos Dorini, RG: 47.054.960-9 e CPF: 321.304.288-94, como trabalho da disciplina de Tese de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, rádio documentários, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 10 de outubro de 2017.

Assinatura

Nome: ANDRESSA ALVES
Endereço:
Cidade: Barcelona, Espanha
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato: (11) 98121-6420 (André Aleves, assessor de imprensa)
E-mail: vp12management@gmail.com (assessoria de imprensa)

Autorização – Beatriz Zaneratto



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o “*Futebol Feminino no Brasil: um radiodocumentário sobre o esporte*”, desenvolvido por Guilherme Fenelon Santos Dorini, RG: 47.054.960-9 e CPF: 321.304.288-94, como trabalho da disciplina de Tese de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, rádio documentários, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 10 de outubro de 2017.

Assinatura

Nome: BEATRIZ ZANERATTO JOÃO
Endereço:
Cidade: Incheon, Coréia do Sul
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato:
E-mail:

Autorização – Camila Martins



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o *“Futebol Feminino no Brasil: um radiodocumentário sobre o esporte”*, desenvolvido por Guilherme Fenelon Santos Dorini, RG: 47.054.960-9 e CPF: 321.304.288-94, como trabalho da disciplina de Tese de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, rádio documentários, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 20 de outubro de 2017.

Assinatura

Nome: Camila Martins

Endereço:

Autorização – Cristiane Rozeira



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o “*Futebol Feminino no Brasil: um radiodocumentário sobre o esporte*”, desenvolvido por Guilherme Fenelon Santos Dorini, RG: 47.054.960-9 e CPF: 321.304.288-94, como trabalho da disciplina de Tese de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Armanda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, rádio documentários, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 10 de outubro de 2017.

Assinatura

Nome: CRISTIANE ROZEIRA
Endereço:
Cidade: China
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato: (21) 98619-9098 (Felipe Bruno, assessor de imprensa)
E-mail:

Autorização – Emily Lima (Weber Lima – assessor de imprensa)



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o “*Futebol Feminino no Brasil: um radiodocumentário sobre o esporte*”, desenvolvido por Guilherme Fenelon Santos Dorini, RG: 47.054.960-9 e CPF: 321.304.288-94, como trabalho da disciplina de Tese de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Armanda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, rádio documentários, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 10 de outubro de 2017.

Assinatura

Nome: EMILY LIMA
Endereço:
Cidade: São Paulo, SP
RG N°:
CPF N°:
Telefone para contato: (11) 96914-6836 (Weber Lima, assessor de imprensa)
E-mail:

Autorização – Leonardo Samaja

Florianópolis 25/08/2017

Eu, Leonardo Samaja, CPF 700.180.271-99, autorizo Guilherme Dorini o uso de minha imagem para as exposições de suas matérias esportivas.



Leo Samaja

Autorização – Roberta Aparecida Cardoso



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o “Futebol Feminino no Brasil: um radiodocumentário sobre o esporte”, desenvolvido por Guilherme Fenelon Santos Dorini, RG: 47.054.960-9 e CPF: 321.304.288-94, como trabalho da disciplina de Tese de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, rádio documentários, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 21 de agosto de 2017.

Roberta Aparecida Cardoso

Assinatura

Nome: <i>Roberta Aparecida Cardoso</i>
Endereço: <i>R. André Casado, 342 - Sumaré</i>
Cidade: <i>São Paulo - SP.</i>
RG N°: <i>30.914.773 - X</i>
CPF N°: <i>310.436.308 - 05</i>
Telefone para contato: <i>(11) 9.7402.2882</i>
E-mail: <i>robertarina@gmail.com</i>

Autorização – Silvana Vilodre Goellner



Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo, a título gratuito, o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o “Futebol Feminino no Brasil: um radiodocumentário sobre o esporte”, desenvolvido por Guilherme Fenelon Santos Dorini, RG: 47.054.960-9 e CPF: 321.304.288-94, como trabalho da disciplina de Tese de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração com sede em Bauru/SP, na Rua Irmã Arminda, nº 10-50, Jardim Brasil, CEP: 17011-160, inscrita no CNPJ/MF sob o nº 61.015.087/0008-31. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico das monografias da instituição, com fins didático-pedagógicos, por tempo indeterminado e sem limitação territorial.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, rádio documentários, entre outros), Internet, Redes Sociais Digitais, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 12 de agosto de 2017.

Assinatura

Nome: Silvana Vilodre Goellner
Endereço: Rua Felizardo, 750 - Jardim Botânico, - 90040-060 (UFRGS)
Cidade: Porto Alegre (RS)
RG N°: 6013680621
CPF N°: 383.361.110-34
Telefone para contato: (51) 3308-6000
E-mail: vilodre@gmail.com

ANEXO A

PROPOSIÇÕES PARA O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

PEDIDOS QUE FORAM PAUTA DA REUNIÃO COM O PRESIDENTE DA CBF

PROPOSIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

O futebol feminino acontece no Brasil desde o início do século XX. Há registros de que a primeira partida entre clubes tenha ocorrido em 1921 na cidade de São Paulo. Desde então, muitos acontecimentos têm cerceado a plena participação das mulheres neste esporte. A própria modalidade foi proibida por quase 40 anos, mais especificamente por meio do Decreto-Lei n.º 3.199 do Conselho Nacional de Desportos (CND) que oficializou a interdição das mulheres em algumas modalidades esportivas consideradas "incompatíveis com a sua natureza". Este Decreto foi revogado apenas em 1979 e o futebol feminino teve sua regulamentação aprovada no ano de 1983.

A primeira convocação oficial da seleção brasileira de futebol feminino aconteceu em 1988 com o objetivo de participar de um campeonato organizado pela FIFA que aconteceu na China, uma espécie de torneio preparatório para a I Copa do Mundo de Futebol Feminino sediada neste mesmo país no ano de 1991. Ou seja, passados quase 30 anos da primeira convocação da seleção o futebol feminino no Brasil ainda carece de estrutura, incentivo e reconhecimento.

Esse documento tem como objetivo propor uma agenda proativa considerando esse cenário, assim como as determinações da FIFA no que respeita a importância dos membros associados fomentarem programas de desenvolvimento do futebol feminino de modo a assegurar que meninas e mulheres tenham oportunidades de se tornarem participantes ativas do futebol.

Antes de esboçarmos alguns pontos que consideramos necessários para atender essas determinações, ressaltamos a importância de algumas ações já implementadas visando melhorar a estruturação e a visibilidade da modalidade. Reconhecemos que entre os anos de 2014 e 2016 a seleção feminina teve o maior investimento ao longo de toda sua história. Agradecemos pelas por estas iniciativas visto que as consideramos fundamentais para o desenvolvimento e a melhora do desempenho. Além do investimento na seleção destacamos:

- ✓ A criação da seleção permanente;
- ✓ A manutenção do Torneio Internacional;
- ✓ A participação da seleção na Algarve Cup 2015 e 2016;
- ✓ A realização de 14 amistosos até a disputa dos Jogos Olímpicos do Rio 2016. Foram realizados mais de 30 jogos entre as competições oficiais como o Torneio Internacional, o Campeonato Mundial, a Copa América e os Jogos Pan-Americanos. Ou seja, a seleção teve uma excelente preparação para os Jogos Olímpicos totalizando 46 jogos antes dessa competição;
- ✓ A criação do Campeonato Brasileiro com série A1 e A2;
- ✓ A criação do Grupo de Trabalho Futebol Feminino no Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro;
- ✓ A cobertura do futebol feminino no site da CBF;
- ✓ A transmissão de jogos da seleção feminina pela CBF TV;
- ✓ O convite para ex-jogadoras atuarem como Assistentes Pontuais em amistosos da seleção reconhecendo, assim, a dedicação de mulheres que serviram durante anos a seleção e dedicaram boa parte de sua vida ao futebol;
- ✓ O Manual de Licenciamento para temporada de 2018 incluindo o futebol feminino;
- ✓ Algumas ações pontuais como o Torneio de Desenvolvimento do Futebol e da CBF Social

Apesar de reconhecermos a relevância dessas ações identificamos ainda uma série de limitações que precisam ser urgentemente enfrentadas para que possamos pensar o futebol feminino no Brasil, sobretudo, o seu futuro. Neste sentido sugerimos a implementação imediata de cinco ações que consideramos imprescindíveis para a estruturação e o reconhecimento que a modalidade carece e merece. São elas:

1. Criação de um canal direto de comunicação entre a CBF. Destacamos que esse canal de comunicação se inaugura nesta reunião após 29 anos de existência da seleção;
2. Criação do Departamento do Futebol Feminino sob a gestão de uma mulher;

3. Implementação das ações recomendadas pelo Grupo de Desenvolvimento do Futebol Feminino 2016 que atuou junto ao Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro. Ressaltamos que o Comitê aprovou onze medidas divididas em quatro grandes temas: Desenvolvimento, Competições, Seleções e Marketing (Anexo II);

4. Inclusão de mulheres em todos os níveis de decisões conforme orientação da FIFA incluindo funções técnicas, de administração e de governança;

5. Realização de um diagnóstico específico para cada dimensão-chave do futebol, incluindo aspectos técnicos, administrativos e de governança. Seria importante ter uma análise do investimento total no futebol feminino, a fim de criar um parâmetro por meio do qual se possa mensurar as melhorias.

A execução destas ações englobam metas específicas. Considerando nosso intuito de aprimorar o diálogo visando a elaboração de uma agenda propositiva, detalharemos algumas delas. Gostaríamos de ressaltar que nossas sugestões estão embasadas nos dez princípios chave propostos pela FIFA para o desenvolvimento do futebol feminino (Anexo IV), muitas delas já aprovadas pelo Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro. (Anexo II)

Tema	Princípio Chave proposto pela FIFA
Gestão	Criação do Departamento do Futebol Feminino sob a gestão de uma mulher. O Departamento teria como objetivo planejar e desenvolver ações a curto, médio e longo prazo, contemplando os seguintes setores: Desenvolvimento; Marketing; Competição; Coordenação de Seleções e Coordenação Técnica (Princípios 1 e 8 da FIFA - Anexo I)
Desenvolvimento de projetos	Encaminhamento de projetos específicos de fomento ao futebol feminino para o “FIFA Forward Development Programme” que disponibiliza verba para o apoio financeiro, técnico e humano dos membros associados e confederações (Princípio 1 da FIFA - Anexo I)
Gestão	Elaboração de Programas de Desenvolvimento do Futebol Feminino envolvendo as federações estaduais, o poder público e patrocinadores de modo a fomentar a modalidade nos níveis local, regional, estadual e nacional. Na execução destes programas incluir ex-atletas para atuarem como treinadoras com o objetivo de observar e formar jogadoras para as seleções de base e principal (Princípio 1 da FIFA - Anexo I)
Categorias de base	Realização de ações sistemáticas e não apenas pontuais visando o oferecimento de oportunidades para uma maior inserção de meninas no futebol. Campeonatos, <i>camp</i> s, clínicas, ações sociais, entre outras que promovam as categorias de base e formem novas gerações de jogadoras (Princípio 2 da FIFA - Anexo I)
Identificação de talentos	Intensificação da observação de campeonatos regionais visando a identificação de talentos (Princípio 2 da FIFA - Anexo I)
Copa do Brasil	Retomada da Copa do Brasil e manutenção do Campeonato Brasileiro série A e B. A extinção da Copa do Brasil trouxe sérios danos a várias equipes que investem na modalidade. Quinze clubes que disputaram a Copa do Brasil em 2016 ficaram sem competição no ano de 2017. O modo como o Campeonato Brasileiro foi estruturado fez com que dez estados ficassem sem representantes nos campeonatos nacionais de 2017. Além disso, nove equipes que venceram os campeonatos estaduais não tiveram oportunidades de participar de competições nacionais, o que implica na falta de sistematicidade para que as atletas se desenvolvam e qualifiquem suas performances técnica, tática e física (Princípio 3 da FIFA - Anexo I)

Campeonato Brasileiro	Repensar a fórmula de disputa do Campeonato Brasileiro série A1 e A2 considerando as exigências da CBF e Conmebol para 2019 (Princípio 3 da FIFA - Anexo I)
Categorias de base	Criação de campeonatos para as categorias sub-15, sub-17 e sub-20 considerando as novas imposições da Conmebol e do Licenciamento dos Clubes da CBF. Esta ação evitará que os clubes que investem nas categorias de base sejam prejudicados com a ausência de um calendário sistemático de competições (Princípios 3 e 9 da FIFA - Anexo I).
Calendário	Planejar um calendário anual de competições de modo a preservar os clubes em relação às convocações de suas atletas para servirem a seleção em função do calendário de competições Data FIFA (Princípios 1 e 3 da FIFA conforme Anexo I)
Captação de recursos	Encaminhamento de um plano de captação de recursos visando atrair patrocinadores. A questão de patrocínio é fundamental para o desenvolvimento da modalidade. Nossa sugestão é que no Departamento Feminino (a ser criado) tenha um setor que trate especificamente de marketing visando contemplar essa meta. Nesse sentido consideramos necessário o planejamento estratégico de captação de recursos para buscar outros patrocinadores além do Banco Itaú (Princípio 4 da FIFA - Anexo I)
Direitos de imagem	Desenvolvimento uma política que envolva o pagamento sobre os direitos de uso de imagens das atletas. Geralmente as atletas mulheres não são informadas quando suas imagens são veiculadas (Princípio 1 e 3 da FIFA - Anexo I)
Marketing	Promoção de estratégias de marketing visando a comercialização de camisetas da seleção e de outros produtos relacionados ao futebol feminino. Com o objetivo de criar um público consumidor sugerimos que inicialmente esses produtos apresentem um valor acessível. (Princípio 4 da FIFA - Anexo I)
Inclusão Cultural	Promoção de programas culturais. Considerando que as mulheres são importantes para o esporte nacional, sugerimos a implantação de ações que valorizem a história do futebol feminino no Brasil inclusive com a inserção de acervos no próprio Museu da CBF que invisibiliza a presença das mulheres na modalidade. Iniciativas nesta direção poderiam contribuir para formar público consumidor e atrair patrocínios (Princípio 4 da FIFA - Anexo I)
Inclusão	Criação de um Comitê de Desenvolvimento do Futebol Feminino. Composto por atletas, ex-atletas e experts, este Comitê teria poderes para construir a estrutura de como o futebol feminino deve ser desenvolvido, organizado e gerenciado no Brasil (Princípio 5 da FIFA - Anexo I)
Transparência	Transparência no processo de seleção de cargos para atuar no futebol feminino priorizando a contratação de mulheres e de pessoas com reconhecida experiência na modalidade (Princípio 5 da FIFA - Anexo I)
Plano de carreira	Gerar oportunidades para qualificar ex-atletas e mulheres envolvidas com o futebol para atuarem em cargos técnicos e de gestão. Sugerimos que nas comissões técnicas da seleção principal e das subcategorias tenha uma auxiliar técnica de modo a capacitá-la durante um ciclo Olímpico para assumir o cargo de técnica no ciclo vindouro. Como exemplo mencionamos a seleção da Alemanha que tinha Silvia Neid como técnica e a ex-jogadora Steffi Jones como auxiliar e que, na atualidade, é a treinadora. (Princípios 6 e 7 da FIFA - Anexo I)
Capacitação	Criação de subsídio mínimo de 50% para ex-atletas nos cursos de capacitação promovidos pela CBF. Considerando que a capacitação de ex-jogadoras é fundamental para sua inclusão em cargos técnicos e de gestão, sugerimos o subsídio mínimo de 50% nos cursos promovidos

	pela CBF (atualmente é concedido 10%, o mesmo percentual de desconto para quem paga o montante total). Essa atitude representaria também o reconhecimento e a valorização daquelas que se dedicaram a este esporte e que buscam se capacitar para continuar atuando nele depois que deixam de jogar (Princípio 6 da FIFA - Anexo I)
Ouvidoria	Criação de uma ouvidoria do Futebol Feminino a ser contemplada pelo plano de futebol feminino por meio da qual a CBF poderia ser noticiada sobre adversidades ocorridas em todo o território nacional. (Princípio 10 da FIFA - Anexo I).

Feitas nossas sugestões, solicitamos veementemente que essa comunicação não se perca. Que impere o diálogo aqui iniciado visto que nosso maior desejo é contribuir para o fortalecimento do futebol feminino no Brasil.

Rio de Janeiro, 17 de outubro de 2017



Marcia Tafarel



Sissi do Amor Lima



Juliana Ribeiro Cabral



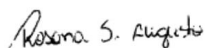
Miraildes Maciel Mota ('Formiga')



Cristiane Rozeira



Francielle Manoel Alberto ('Fran')



Rosana dos Santos Augusto



Andréia Rosa de Andrade



Silvana Vilodre Goellner

ANEXO I**FIFA****FUTEBOL FEMININO – 10 PRINCÍPIOS CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO**

1. O futebol feminino representa uma enorme **oportunidade de crescimento** para o futebol. Cada Associação-Membro deveria ter um **plano de futebol feminino** para desenvolver o jogo.
2. Tornar o futebol **igualmente acessível** para meninas e meninos (incluindo clubes, escolas e universidades) deveria ser um foco importante no trabalho de cada uma das Associações-Membro da FIFA.
3. No nível de **elite**, o futebol feminino deveria continuar a ser desenvolvido técnica e comercialmente mediante o estável desenvolvimento de estruturas comerciais, planos regulamentares e apoio fora do campo, a fim de realizar **competições profissionais sustentáveis**.
4. Em todos os níveis, o futebol feminino deve contar com **marketing e promoção** melhores para aumentar a participação, formar público e angariar parceiros potenciais.
5. O futebol feminino está em uma fase de desenvolvimento diferente do estágio do futebol masculino e difere em outros aspectos importantes dentro e fora do campo – por isso, exige foco especial e expertise para crescer. Portanto, a **expertise no futebol feminino** é um conjunto único e valioso de habilidades. Especialistas devem estar envolvidos em **todas as principais decisões** sobre o jogo feminino.
6. **Ex-jogadoras e ex-árbitras** são de especial importância para o desenvolvimento do futebol feminino, uma vez que passaram pelos desafios e têm comprometimento e conhecimento acumulado. Elas devem ter oportunidades de **desenvolvimento, liderança e gestão**.
7. **As técnicas** são bastante importantes como líderes visíveis e modelos dentro e fora do campo (especialmente as ex-jogadoras) e também deveriam ter **oportunidades de desenvolvimento e atuação como mentoras**. Sua experiência e comprometimento ajudarão a elevar os padrões e a manter habilidades de alto nível no jogo.
8. O futebol, principalmente o feminino, se beneficiará com o envolvimento de **mulheres nos órgãos do governo e na administração**. Em princípio, cada Associação-Membro deveria ter mulheres participando em todos os níveis de decisões, incluindo o Comitê Executivo.
9. Como o futebol masculino já está bem estabelecido, o futebol feminino precisa ser **"incubado"** nos órgãos governamentais por meio de **estruturas organizacionais** apropriadas que ofereçam o **foco** necessário para concretizar seu potencial.
10. O futebol é um meio poderoso de capacitação das mulheres para realizarem seu potencial, seja no **esporte**, seja na **sociedade**. Nenhuma mulher deveria estar sujeita a discriminação, abuso ou desvantagem devido ao seu gênero. O futebol será líder ao veicular esta mensagem para o mundo.

ANEXO II

RECOMENDAÇÕES DO GRUPO DE TRABALHO DO FUTEBOL FEMININO



GT Futebol Feminino | Comitê de Reformas
Plano de ações – Onda 1

Onda 1 - 11 Ações priorizadas - (1/2):

#	Subtema	Ações
1	<u>Desenvolvimento</u>	Criação de um departamento específico do Futebol Feminino na CBF (Estrutura mínima)
2	<u>Desenvolvimento</u>	Metodologia de trabalho para orientação do Futebol Feminino
3	<u>Desenvolvimento</u>	Realização de um curso específico para treinadoras
4	<u>Competições</u>	Normalizar as competições organizadas por 3º e chanceladas pela CBF
5	<u>Competições</u>	Implantar Campeonatos de Categoria de Base – Sub17 e Sub20, com o apoio de plano de marketing
6	<u>Competições</u>	Campeonato Nacional com 2 divisões (ex.: 4 sobem e 4 descem), aumentando a duração e o nº de clubes
7	<u>Seleções</u>	Criação de sistema para cadastramento e monitoramento de atletas vinculadas às seleções
8	<u>Seleções</u>	Criação de metodologia de trabalho pela CBF para direcionamento e orientação geral nas diferentes categorias do futebol feminino.

GT Futebol Feminino | Comitê de Reformas
Plano de a es – Onda 1

Onda 1 - 11 A es priorizadas - (2/2):

#	Subtema	A�es
9	Sele�es	Aprimoramento da categoria Sub15
10	Marketing	Pesquisa nacional do futebol feminino – praticantes, regi�es, percep�o – Facebook e Twitter
11	Marketing	Cria�o de um plano de marketing